

JUNG

Na fronteira do Espírito



José Carlos Leal

INSTITUIÇÃO
LAR
DE
FREI
LUÍZ
A BENEVOLENÇA DO ANO

JUNG

**Na fronteira
do Espírito**

JOSÉ CARLOS LEAL

JUNG

Na fronteira
do Espírito



EDUCANDÁRIO SOCIAL LAR DE FREI LUIZ
2015

JUNG NA FRONTEIRA DO ESPÍRITO

Copyright © 2015 by José Carlos Leal

2ª edição – 2015

Conselho Editorial do Grupo de Frei Luiz

Wilson Vasconcelos Pinto
Nelson Duarte Junior
Humberto F.V. Borges “*In memoriam*”
Heloisa Garcia Silveira
Jacy Bellotti Lima
Marisa Amaral
Suzana Capistrano
Sílvio Araújo
Felipe Jannuzzi

CIP - BRASIL - CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Leal, José Carlos. Jung na Fronteira do Espírito. – 2. edição – Rio de Janeiro: Educandário Social Lar de Frei Luiz, 2015.
268p. / 14x21cm

ISBN 978-85-64703-24-7

1. Educação.

1. Espiritismo. Discurso, Conferências, etc.

CDD 133.9

CDU 133.9

Os direitos autorais desta obra foram cedidos gratuitamente pelo autor ao Educandário Social Lar de Frei Luiz – CNPJ 33.760.398/0001-13.

Editoração: Contraste Editora e Propaganda

Capa e diagramação: Contraste Editora e Propaganda

Revisão final: Contraste Editora e Propaganda

Todos os direitos de reprodução, tradução, cópia, comunicação ao público ou exploração econômica desta obra estão reservados ao Educandário Social Lar de Frei Luiz. Conforme a Lei 9.610/98, que regulamenta os direitos de autor e conexos, seja qual for a forma empregada, é proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia e expressa autorização do Educandário Social Lar de Frei Luiz.



Educandário Social Lar de FREI LUIZ

Estrada da Boiúna, 1.367 – Taquara – Jacarépaguá – Rio de Janeiro, RJ

CEP 22723-021

<http://www.lardefreiluiz.org.br/>

Telefone: (21) 3539-9550

CNPJ 33.760.398/0001-13

Insc. Est. 82.141.960

ATIVIDADES DO GRUPO DE FREI LUIZ

“A Caridade tudo crê, tudo espera,
tudo sofre e tudo suporta.”

São Paulo aos Coríntios, 13:7



EDUCANDÁRIO SOCIAL LAR DE FREI LUIZ

Estrada da Boiúna, 1.367 – Taquara – Jacarepaguá

Rio de Janeiro, RJ – CEP 22723-021

Telefone: (21) 3539-9550

Site: www.lardefreiluz.org.br

Presidente: Wilson Vasconcelos Pinto

Obra filantrópica fundada em 29 de junho de 1964 cujo objetivo é a assistência, educação e atendimento médico-ambulatorial. Integra a Instituição um Ambulatório Médico com serviços de Clínica Médica, Ginecologia e Obstetrícia, Pediatria e Psiquiatria. Todos os serviços são integralmente gratuitos. As equipes médica e odontológica são exclusivamente constituídas pelos irmãos dedicados ao Frei Luiz.

OS LIVROS E O EQUILÍBRIO DO SER

Todos possuímos uma grande responsabilidade na harmonia de nosso Planeta. É nossa missão ajudar na irradiação dos pensamentos salutares em direção aos nossos semelhantes. Pensamentos bons, fraternos, de união; jamais calcados no ego! Com os pensamentos, ajudamos na cura de nossa alma, restabelecemos nossa estrutura orgânica e auxiliamos a regeneração da Terra.

E bons livros são notáveis, potentes e abençoados “professores”, auxiliando-nos divinamente na educação e no equilíbrio de nossos pensamentos e ações. Nosso Grupo de Frei Luiz vem trabalhando, com zelo, dedicação, comprometimento e carinho, no intuito de levar a você, querido (a) leitor(a), boas e esclarecedoras informações por meio desses livros que ora propomos.

Há uma riqueza mental ao nosso dispor e tesouros maravilhosos armazenados em nosso coração. Aguardam apenas o despertar, para que, então, movimentemos mãos operosas e uma presença confortadora em benefício de nossos irmãos, de nossos companheiros de jornada. A boa literatura fortalece e norteia nossos pensamentos, edificando e abrindo novos horizontes.

Que, pouco a pouco, tornemo-nos livres da velha sombra que nos acompanha há milênios: a ignorância. O florescer dos bons pensamentos e sentimentos é o maior dos medicamentos a criar equilíbrio, transformar e apurar energias, preservar e gerar a saúde física, mental e astral.

Grupo de Frei Luiz

PUBLICAÇÕES DO EDUCANDÁRIO SOCIAL LAR DE FREI LUIZ

OS SEGREDOS DO VÉU DE ÍSIS

“Todos os *Segredos do Véu de Ísis* foram revelados com a Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec, que abriu a arca dos tesouros imortais ao público do mundo inteiro (...).”

Djalma Santos da Silva

SEGREDOS DA ALMA

“É apenas um pequeno esforço, um simples voo do meu pensamento contínuo, exteriorizado pelo meu espírito, ávido por conhecer e compartilhar, atendendo à maravilhosa assertiva de Jesus: *Vós sois o sal da terra, mas, se o sal for insosso, não poderá salgar*. A nossa intenção não é apresentar inovações, nem curiosidades, mas dissertar sobre assuntos já conhecidos, de modo simples e direto, tendo Kardec como líder doutrinário indiscutível.”

Djalma Santos da Silva

COMO JESUS SE TORNOU DEUS

Jesus é o Guia e Modelo do nosso planeta. Aquele que nos amou e nos ama a tal ponto que deixou as esferas mais altas onde habitava para viver conosco e dar a sua vida em sublime sacrifício por todos nós. Jesus, o Messias de Deus, o Servidor do Pai, o Nosso irmão maior, mas que não é Deus, e isto não o diminui, ao contrário, exalta-O e deixa claro para nós que tudo aquilo que Ele realizou nós também poderemos realizar, bastando desenvolver os nossos talentos e colocá-los a serviço de nosso próximo. Com amor e devoção.

José Carlos Leal

MEMÓRIAS DE UM PRESIDENTE DE TRABALHOS

Trabalho voltado para a prática de sessões espíritas, principalmente sobre técnicas de materialização e efeitos físicos. Verdadeiro manual e roteiro seguro para os que se propõem ao conhecimento e ao exercício, límpido e correto, do trabalho espírita.

Luiz da Rocha Lima

FREI LUIZ – O OPERÁRIO DO BRASIL

Estudo biográfico da entidade tutelar, cujo nome é dado ao Educandário Social e à Instituição Espírita. Os relatos estendem-se a manifestações suas após desencarnado – espírito atuante.

Luiz da Rocha Lima

MEDICINA DOS ESPÍRITOS

Obra calcada na prática da Medicina (diagnóstica e terapêutica) desenvolvida pelos Espíritos. É valioso livro de consulta e roteiro seguro para médicos e demais interessados, na etiopatogenia espiritual das mais variadas doenças: orgânicas, funcionais e psicossomáticas.

Luiz da Rocha Lima

O GRANDE INVESTIDOR

Livro revelador dos rendimentos e recompensas tributadas aos que praticam a caridade. A obra mostra-nos ser a caridade o maior e mais eficiente de todos os investimentos de que o homem possa lançar e socorrer-se. Livro que, certamente, marcará e modificará a vida de muitos de seus leitores, inseguros e intranquilos com seus dias do amanhã.

Luiz da Rocha Lima

LUIZINHO – O POETA DE DEUS

Coletânea de poesias e de mensagens psicografadas (mecanicamente), compiladas (clarividentemente) e verbalizadas (clariaudientemente) pelo médium Eduardo Frutuoso. Os comentários são de Luiz da Rocha Lima.

Luiz da Rocha Lima

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS PELO TELEFONE

Transcrição de diálogos mantidos com os Espíritos ao se utilizar recurso inédito – o telefone – como meio de comunicação. Trabalho vanguardista. Essa obra abre, pois, novo horizonte na era da comunicação entre o mundo dos homens e o mundo dos espíritos.

Luiz da Rocha Lima

FORÇAS DO ESPÍRITO

Relato empolgante da poderosa e benéfica influência dos Espíritos de Luz, ao criarem, junto a grupo de irmãos dedicados, obra beneficente e filantrópica. É um livro que testemunha o poder da fé quando associada à perseverança, à caridade e ao amor.

Luiz da Rocha Lima

MEDIUNIDADE COM CRISTO

Estudo teórico e prático acerca do preparo e da educação mediúnica. Trabalho-guia para o médium iniciante.

Luiz da Rocha Lima

EVIDÊNCIAS DE UM VIDENTE

Eduardo Frutuoso é fiel e dedicado médium do Grupo de Frei Luiz e possui uma longa trajetória de esforços, perseverança e constância na vivência da Doutrina Espírita. Chegou ao Grupo em 7 de novembro de 1967. Por meio da mediunidade, da clarividência e da psicografia, ele se coloca à inteira disposição da Espiritualidade Maior para o trabalho na caridade. O médium, ao longo desses muitos anos, tem recebido várias mensagens, dentre as quais estão as enviadas por Luizinho, em forma de belas poesias, apresentadas nesse livro. Eis aqui uma obra que nos proporciona uma leitura edificante. Trata-se de um presente para fortalecer a nossa vida e nossas reflexões diárias, com mensagens de amor, humildade, perdão e caridade.

A FACE OCULTA DA MEDICINA

Dr. Paulo Cesar Frutuoso, médico cirurgião e médium, nas últimas três décadas foi testemunha ocular dos fenômenos hiperfísicos ocorridos na Casa Espírita Lar de Frei Luiz. O leitor terá a oportunidade de viajar em uma ciência muito mais vasta, que inclui em seus postulados conceitos de uma Medicina invisível, mas com resultados visíveis, o que certamente mudará paradigmas a respeito da ideia materialista da ciência médica... Quando isso acontecer, a ciência terá tido a comprovação de que toda enfermidade é herança de erros passados e, aí, mudará o foco para a cura do doente – o espírito.



PREFÁCIO

Se observarmos com atenção, a evolução do pensamento humano, verificamos, de tempo em tempo, o aparecimento de homens brilhantes cuja contribuição é decisiva para o desenvolvimento científico e filosófico. Muitas dessas contribuições são de tal ordem que representam uma ruptura complexa, uma transformação radical na forma de estender, até então, o mundo, o homem e a vida. É o caso de Sócrates, Aristóteles, Copérnico, Galileu, Einstein, dentre muitos outros. A partir de suas obras, o pensamento científico ou filosófico existente sofreu reformulações estruturais.

Thomas Khun, em sua obra *Estruturas das revoluções científicas* diz que a evolução do pensamento científico não se dá por acumulação de conhecimento, mas por transformação radical dos conceitos vigentes, fenômeno denominado quebra de paradigma.

Sempre que a ciência parece ter chegado ao limite da sua capacidade de pensar as questões fundamentais do ser humano, um novo paradigma acaba por se estabelecer, ampliando não só a estrutura da Ciência pura, do conhecimento pelo conhecimento, quanto da sua vertente aplicada que se reverte mais diretamente na tentativa de melhorar a qualidade da vida do homem.

Dentro da Psicologia, são inegáveis as contribuições de Freud e de todas as abordagens desdobradas da Psicanálise, principalmente as de Jung e Adler. Dissidentes do mestre vienense, esses homens tiveram a coragem de discordar de aspectos estruturais do corpo da Psicanálise. A partir da estrutura de funcionamento do psiquismo, principalmente da instância do inconsciente, esses dissidentes puderam ampliar as observações clínicas propiciando uma maior eficiência no tratamento de diversas psicopatologias. Carl Gustav Jung se insere no conjunto desses nomes que ajudaram na construção de novos paradigmas, no campo da Psicologia.

Todo esse movimento ocorrido dentro da Psicologia permitiu o desdobramento de inúmeras pesquisas sobre o psiquismo profundo, resultando, particularmente, a partir da década de 50 de nosso século, o estabelecimento de um novo paradigma a que chamamos de Psicologia Transpessoal. Nessa nova abordagem consideramos o componente espiritual de ser humano como possível de observação e experimentação científica, pois representa legítimo campo de estudo e de aspirações identificada nos seres humanos.

A Psicologia passa a se preocupar com experiências subjetivas normalmente atribuídas e relacionada às práticas míticas e religiosas, principalmente orientais onde estados alterados de consciência eram acompanhados de diversos fenômenos até então considerados sobrenaturais. Foram esses estudos que projetaram pesquisadores como Grof, Wilber, Tart e Maslow dentre muitos. Como consequência natural desse processo, permitiu-se pela primeira vez, a possibilidade de considerar o fenômeno da reencarnação ou palingênese como uma das hipóteses de trabalho capaz de explicar os fenômenos por eles observados. Curiosamente, esses cientistas consideram Jung como sendo o Pai da Psicologia Transpessoal, em função das significativas contribuições desse pensador para uma abordagem holística do ser humano, mesmo sem que Jung tenha admitido durante sua vida a realidade do espírito ou da reencarnação.

O presente livro do Prof. José Carlos Leal é uma instigante exploração pela vida e obra de Jung, localizando os relatos pessoais do eminente psiquiatra que tratam dos estanhos, mas significativos, fenômenos experimentados por ele ao longo de sua existência e que poderiam ser plenamente caracterizados como de natureza mediúnica ou espiritual. Sonhos premunitórios, visões e produção de efeitos físicos são alguns dos fenômenos que o autor considera como suficientes para terem convencido Jung da realidade do espírito e de sua mediunidade.

No entanto, apesar de todas essas evidências, Jung nunca chegou a admitir, pelo menos publicamente, as suas convicções. Muitos desses fenômenos ao relacionados pelo autor às explicações espíritas sobre a mediunidade em suas mais variadas formas de manifestação, que foram pesquisadas por Allan Kardec, no final do século XIX, e apresentadas sistematicamente na Doutrina dos Espíritos.

Ao longo do livro, percebemos um Jung de espírito inquieto, agoniado entre o conflito e a evidência das suas próprias experiências paranormais e o inevitável desgaste e exposição pessoal que a defesa dessa tese traria à sua reputação profissional. Parece que prevaleceu a preservação da imagem acadêmica.

A reflexão sobre os consistentes leva o leitor a formular diversas questões. Será que Jung realmente não acreditava na realidade dos fenômenos que experimentou? Será que o temor por um comprometimento de sua imagem acadêmica de intelectual sério não pesou na condução de suas conclusões e de sua teoria?

O Prof. José Carlos Leal levanta a hipótese interessante de Jung não ter conseguido levar a cabo seus projetos de contribuir no desenvolvimento da Doutrina dos Espíritos, com toda sua observação pessoal, bem como de sua prática clínica, introduzindo, definitivamente, a questão do espírito no escopo das ciências psicológicas.

Em nossa prática de consultório com Terapias de Vidas Passadas, temos identificado um grande número de casos em que o sofrimento do indivíduo está, exatamente, no conflito que se estabelece entre uma programação para a atual existência e um desvio deste comportamento, estabelecendo um significativo quadro de contradições, angústias e insatisfações que resultam em diversas patologias psicológicas e somáticas. Será que foi isso o que aconteceu com Jung? Nossa experiência clínica corrobora a possibilidade desta hipótese, mas é inegável a impossibilidade de afirmarmos tal coisa.

Milton Menezes

Formado em Economia e Psicologia.

Autor do livro *Terapia de Vidas Passadas e Espiritismo*



CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

A Psicologia do século XIX, em razão do Racionalismo Cartesiano e da proposta positivista, havia assumido uma postura inteiramente comprometida com o objetivismo e, por conseqüência, com o cientificismo. A pesquisa fisiológica foi a grande estimuladora e orientadora deste novo modelo de Psicologia. A Fisiologia, de fato, tornou-se uma disciplina de orientação experimental na década de 1830, notadamente, em virtude da influência do fisiologista alemão Johannes Muller (1801-1858) que foi o primeiro a defender a aplicação do método experimental à Fisiologia. Professor de Anatomia e Fisiologia da Universidade de Berlim, Muller era um trabalhador infatigável, publicando, em média, um artigo por semana o que se constituía, por certo, em notável colaboração aos estudiosos de ciências naturais de sua época.

Logo, os estudiosos de Psicologia passaram a se interessar pelas contribuições que a nova ciência poderia trazer para a explicação das funções do cérebro. O iniciador dessa pesquisa foi um médico escocês que trabalhava em Londres e que se chamava Marshall (1790-1857) que se dedicou ao estudo do comportamento reflexo. Pierre Flourens (1794-1867), professor de História Natural do College de France, estudou, sistematicamente, várias partes do cérebro e a medula espinhal e chegou à conclusão de que o cérebro controla os processos materiais superiores. Descobriu ainda em seus trabalhos que, partes do mesencéfalo controla os reflexos visuais e auditivos, enquanto o cérebro controlaria a coordenação, o bulbo raquidiano seria o responsável pelas batidas do coração e pela respiração.

Na segunda metade do século XIX, aconteceu a introdução de duas abordagens de caráter experimental no que dizia respeito ao cérebro: a primeira foi o método clínico e a segunda o uso de estímulos elétricos. O método clínico foi desenvolvido em 1861, pelo médico francês Paul Broca (1824-1880) que trabalhava como cirurgião em um asilo de loucos nas cercanias de Paris. Um de seus trabalhos mais sensacionais se deu do seguinte modo: Broca fez a necropsia de um indivíduo que, durante muitos anos, fora inteiramente incapaz de falar de um modo inteligível.

Depois de examinar, cuidadosamente, o cérebro desse homem, Pierre Broca percebeu que havia uma lesão na terceira convulsão frontal do córtex cerebral. O pesquisador, depois de constatar esse fato, concluiu que o homem não falava por causa da lesão naquela área e a denominou de área da fala. Esse lugar cerebral foi chamado mais tarde, com toda a justiça de área de Broca.

Esta descoberta era demasiadamente importante, e logo se imaginou que se poderia descobrir muita

coisa sobre a relação entre cérebro e comportamento se fosse possível extirpar certas áreas do cérebro de indivíduos vivos e depois examinar os resultados. Naturalmente, isso era impossível e os seus estudos das áreas cerebrais passaram a se desenvolver com indivíduos cadaverizados que, em vida, haviam tido algum tipo de distúrbio de comportamento.

O uso de estimulação elétrica para se estudar o cérebro foi introduzido por Gustav Fritsch e Eduard Hitzig, em 1870. Consistia esse método em se explorar a atividade do córtex cerebral por meio de estímulos elétricos de fraca intensidade. Esses pesquisadores descobriram que, quando estimulavam certas áreas cerebrais com ondas elétricas, obtinham respostas motoras. Com a criação de instrumentos mais sofisticados e técnicas mais apuradas, esse método sofisticou-se bastante e, por meio dele, descobriram-se muitas particularidades do cérebro.

Todas essas pesquisas e descobertas levaram ao surgimento da Psicologia Experimental. Quatro são os pioneiros deste tipo de psicologia: Hermann von Helmholtz, Ernst Weber, Gustav Theodor Fechner, e Wilhelm Wundt. Por essa época alguns países da Europa Ocidental como a Inglaterra, França e Alemanha estavam bastante avançados nos estudos científicos. Nesses países, o interesse pelas Ciências da Natureza era muito grande e o entusiasmo que esses estudos despertavam no meio acadêmico e mesmo fora dele, era considerável. Assim, na Alemanha, país que reunia as melhores condições científicas da época, surge o primeiro laboratório de Psicologia, sobre a responsabilidade de Wundt.

Ainda no século XIX, lançou-se um livro muito importante para o pensamento ocidental, escrito por Charles Robert Darwin (1809-1882) e cujo título era: *On the Origin of Species by Means of Natural Selection (Sobre a Origem das espécies por meio da Seleção Natural)*. Publicado em 1859, como se pode ver apenas dois anos depois da publicação de *O Livro dos Espíritos* (18 de abril de 1857). O livro de Darwin teria tido a virtude de apresentar, pela primeira vez, uma teoria da evolução de um modo bastante coerente e com farta documentação. Com ele se rompiam as cadeias das superstições grosseiras e mostrava-se a respeitabilidade com que deveriam ser vistas as ciências da vida. A teoria da evolução, além disso, causou um profundo impacto na Psicologia dos Estados Unidos que deve muito à obra de Darwin.

Uma outra contribuição notável à moderna Psicologia veio da Rússia com a obra de Ivan Petrov Pavlov (1859-1936) que se ocupou de estudar os reflexos provando que era possível condicioná-los. Em seu estudo, Pavlov se valeu, principalmente de cachorros. A sua pesquisa sobre a digestão lhe deu reconhecimento internacional e, em 1904, recebeu o Prêmio Nobel pelo conjunto de sua obra. O trabalho de Pavlov influenciou marcadamente a Psicologia Behaviorista ou Comportamental criada por J.B. Watson (1878-1958) e desenvolvida, mais tarde, por outros pesquisadores principalmente Skinner.

Embora tenhamos avançado mais do que desejávamos, gostaríamos de voltar um pouco à segunda metade do século XIX e lembrar que, naquela época, os estudos iniciantes sobre o cérebro haviam feito as pessoas pensarem que a função psíquica era originada naquele órgão, não havendo portanto a necessidade do espírito. Ficou muito famosa a frase de Claud Bernard (ou a ele atribuída): “O cérebro secreta pensamento como o fígado secreta a bile”. Cria-se, então, uma interpretação materialista do homem e do mundo. É nesse contexto que o Plano Espiritual decide enviar à Terra um Espírito Missionário, chamado Leon Hipollite Denizard Rivail, mais conhecido como Allan Kardec cuja tarefa será organizar um vasto material trazido pelos espíritos, material esse que dará origem a uma nova Psicologia que tem o nome de Doutrina Espírita.

É interessante recordar aqui que Allan Kardec possuía plena consciência de que estava sendo o canal

para a introdução de uma nova Psicologia e, tanto isso é verdade, que, que a Revista Espírita, criada por ele, tem o subtítulo de Estudos de Psicologia. Ora, a palavra Psicologia deriva do grego: Psiqué = alma + log = discurso, estudo + ia = sufixo formador de substantivos e, portanto, significa: estudo ou ciência da alma, entretanto, a Psicologia Moderna havia decidido negar o seu próprio objeto. A Doutrina Espírita, revelando e ampliando o conceito de alma (espírito encarnado) e da vida espiritual como um todo, propõe um novo paradigma para os estudos psicológicos. Segundo a Doutrina dos Espíritos, o homem é um ser eterno que caminha na direção dos Mundos Maiores. Como esta proposta implica tempo, o Espiritismo perfilha com clareza e objetividade a idéia da reencarnação, mas revitalizada e despida de todos os desvios que a caracterizaram no passado e que ainda existem em outros países em que é aceita.

Com a idéia da reencarnação, a Doutrina dos Espíritos associa-se, francamente, à teoria da evolução, imprimindo-lhe uma dimensão nova: a dimensão espiritual. Segundo a teoria dos evolucionistas, todas as formas de vida existentes foram resultado de uma longa elaboração no sentido de novas formas mais adequadas às novas propostas da Natureza; entretanto, o Espírito estava ausente da evolução. O Espiritismo corrige essa deformação e nos diz que também o Espírito progride e que e cada existência ele avança no sentido do aprimoramento moral e intelectual.

A esta altura, pensamos poder colocar a tese central deste livro: acreditamos que o Plano Espiritual, desejoso de que o Espiritismo avançasse de um modo mais preciso e definitivo, incumbiu um grande número de Espíritos para ajudarem Allan Kardec em seu trabalho. O objetivo era dar à doutrina nascente o respaldo de seu intelecto, autoridade e fama. Todos esses espíritos encarnaram em países com condições culturais de influenciar o mundo em que viviam. Entre eles podemos ressaltar: Camillie Flammarion, Gabriel Dellane, Cesare Lombroso, Leon Denis, Ernesto Bozzano, William Crooks, Arthur Conan Doyle, Paul Gibier, Charles Richet, Eugene August Albert De Rocha e médiuns como: Eusapia Paladino, Madame D'Esperance, Daniel Dunglas Home e as irmãs Fox e muitos outros. Entre esses espíritos, apenas como hipótese, incluímos Sigmund Freud e C. G. Jung cuja tarefa segundo no parece, seria fazer uma espécie de ponte entre a Psicologia tradicional ou acadêmica e o Espiritismo.

Dedicamos este livro à tentativa de mostrar, principalmente no caso de Jung, como se deu o desenvolvimento desta tarefa. Não se trata de um livro crítico sobre a psicologia de Jung e muito menos uma acusação a ele por ter, de nosso ponto de vista, se afastado da tarefa a que se propôs, apesar dos grande número de chamados e advertências que teve ao longo de sua vida. Desejamos evidenciar por meio de um grande número de casos, contados pelo próprio Jung. Chamamos atenção para a mediunidade desse psicólogo, mediunidade esta que, infelizmente jamais reconheceu. Este portanto é um livro que se construiu a partir de uma hipótese, uma hipótese plausível, mas apenas uma hipótese, nada mais do que isso.



CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE PSICOLOGIA ANALÍTICA

Durante o nosso trabalho, teremos ocasião de fazer algumas referências à Psicologia de Jung, por isso, achamos por bem explicar os conceitos fundamentais da Psicologia Analítica para favorecer àqueles que não estão familiarizados com este tipo de Psicologia. Não se trata, exatamente, de um glossário de Psicologia Analítica, mas de uma tentativa de, preliminarmente, apresentar alguns conceitos com que trabalharemos no livro como um todo. Este capítulo, entretanto, não nos exime de criarmos, no decorrer de nosso estudo, outros capítulos onde esses conceitos (pelo menos alguns deles) deverão ser estudados com um pouco mais de detalhes.

1. **Alma**

Este termo será usado por Jung no lugar da palavra mente, aparelho anímico, aparato anímico e outros termos análogos. Em Jung o termo alma equivale à palavra grega psiqué. Não possui um sentido religioso ou transcendente. A alma é, então, para ele, o mesmo que psiquismo.

2. **Anima**

Jung considera anima como um arquétipo que personifica a figura feminina que se encontra no interior do inconsciente masculino. Assim, se um homem é tomado por sua anima, torna-se extremamente motivado e nele se desenvolve as potencialidades criadoras.

3. **Animus**

Esta é uma contrapartida da anima, ou seja um arquétipo masculino que existe no interior de cada inconsciente feminino. Se uma mulher for radicalmente tomada por seu animus, torna-se decidida, forte, máscula, capaz de ter opiniões próprias e de ser independente. A anima e o animus são responsáveis pela inspiração, tanto em um caso como em outro.

4. **Complexo**

Este conceito possui para nós uma importância considerável como veremos na leitura deste livro. Foi um termo criado por Jung e que o próprio Freud adotou. O que é, porém, um complexo? Segundo Jung os complexos seriam grupos fortemente carregados de energia e, por conseguinte detentores de grande força emotiva. São formados por associações, isto é, imagens, percepções, idéias, fantasias que se encadeiam e

se agrupam em torno de um núcleo ou arquétipo.

Os complexos, muitas vezes, possuem atividade autônoma, independente, portanto do Ego. Ainda segundo a maneira de ver junguiana, os arquétipos funcionam como uma estrada privilegiada para o inconsciente e, nesse caso, atuam como construtores dos nossos sonhos. Existe, explica Jung, em cada personalidade, um número considerável de complexos que se relacionam e interagem. As relações entre os complexos e o Ego, acontecem do seguinte modo: se o complexo dominar o Ego de maneira que o segundo perca o controle sobre o primeiro, estamos frente a uma psicose; entretanto, caso o complexo e o Ego vivam em um processo de identificação, estamos diante de uma possessão. Consoante a opinião de Jung, as comunicações mediúnicas estariam incluídas nesse caso.

5. O arquétipo

Consoante a opinião de Jung, os arquétipos são elementos que existem no inconsciente coletivo, do mesmo modo que os complexos existem no inconsciente individual. Em verdade, eles são temas que existem e que se repetem na literatura e nos mitos de todos os povos. Costumam, normalmente, se manifestar nos sonhos delírios e alucinações de todas as espécies. Os arquétipos, como veremos em um dos capítulos desse livro, são muito complexos. Teoricamente não se pode conhecê-los inteiramente e muito menos, esgotá-los. É necessário também que não se confunda arquétipo com imagem arquetípicas. Os arquétipos são os temas e as imagens são as formas como eles são expressos. Por exemplo, o arquétipo paterno pode ser expresso pela imagem de um gigante, assim como a anima, pode aparecer em um sonho como uma fada ou como uma mulher desconhecida do sonhador.

Os arquétipos ainda podem ser expressos nos comportamentos de natureza externa, principalmente aqueles que se referem a fatos fundamentais de nossa existência como: o nascimento, o casamento e a morte, as separações e assim por diante. Em razão de sua forte carga energética, a que Jung chama de *numem*, as imagens arquetípicas causam-nos uma forte impressão, uma espécie de fascínio que pode, inclusive, envolver o Ego. Uma possibilidade de se evidenciar esse processo encontra-se no transcórrer das crises psicológicas, em momentos de êxtase como acontece com os místicos, ou em contextos marcados por forte inspiração.

6. Dissociação

Dá-se uma dissociação quando acontece a perda de um conteúdo da consciência que se desloca para o inconsciente sem que o Ego o permita ou tome conhecimento. Indica uma desagregação ou desunião de uma parte da pessoa com ela mesma. Trata-se de uma manifestação neurótica ou psicótica. O próprio Jung sofreu esse tipo de fenômeno psíquico.

7. Ego

Esta palavra que, em latim, significa Eu, é o centro maior da atividade consciente. A sua função precípua é atender as solicitações do mundo exterior e do si-mesmo, intermediando-as, sendo deste modo, responsável pelos processos adaptativos.

8. Energia psíquica

Neste caso, Jung e Freud discordaram e não só discordaram, colidiram. Para Freud a energia psíquica é sinônimo de energia sexual ou libidinal. Para Jung, entretanto, esta energia é um tipo de energia vital do pensador francês Henry Bérghson. Trata-se, conforme Jung, de uma forma de energia neutra que, por assim

dizer, assume a forma de uma estrutura preexistente ou arquetípica que flui do inconsciente.

9. **Extroversão / introversão**

Chama-se extroversão, como está indicando o prefixo extra (movimento para fora) uma tendência da energia psíquica no sentido de fluir do indivíduo para o mundo exterior. Assim, o indivíduo extrovertido é alguém voltado para fora, ou seja, uma pessoa que se liga, mais facilmente, aos objetos existentes no mundo exterior. Ao contrário, na introversão, a energia faz um caminho inverso, isto é, flui do mundo exterior para o mundo interior do sujeito. Como a extroversão, não significa necessariamente, maior adaptação, não se deve confundir introversão com timidez. Assim, uma pessoa pode ser introvertida e bastante adaptada, com uma rica capacidade afetiva e capaz de uma vida social intensa.

10. **Fantasia**

Esta é, conforme o pensamento junguiano a atividade principal do psiquismo inconsciente. Jung considera a fantasia relacionada ao pensamento associativo, um tipo de pensamento que trabalha com imagens, metáforas e símiles ou analogias. Haveria, segundo esta doutrina, dois tipos de fantasia: a passiva e a ativa. A fantasia passiva se dá quando o Ego parece se omitir e não faz nenhum esforço no sentido de tornar consciente tais associações. Ela é ativa, naturalmente, em caso contrário.

11. **Identificação**

Acontece uma identificação quando se projeta, de modo inconsciente, algum ângulo de nossa mente sobre uma pessoa, instituição ou mesmo uma causa que possa imprimir um novo sentido (ou garantir um antigo) em nossa vida. Frase como: *Eu e o Pai somos Um*, dita por Jesus ou *Já não sou eu mais que vive é Cristo que vive em mim*, proferida por Paulo de Tarso, seriam expressões desse processo psíquico.

12. **Imago**

Define-se imago como uma imagem psíquica de alguma coisa ou de alguém que se cria de modo subjetivo (inconsciente), mas que é produzida pela percepção sensorial associada às emoções, as impressões interiores ou fantasias inconscientes que têm a sua origem nos arquétipos.

13. **Mito**

O mito não é, como a maioria das pessoas costumam pensar, uma história ficcional contada pelos povos antigos ou primitivos e que os modernos usam para entreter crianças. Os mitos são histórias verdadeiras, que aconteceram nos tempos primordiais “**In Illud Tempus**” ou como dizem os alemães: no tempo do início **Urzeit**. Os mitos, portanto, falam de um passado muito antigo, anterior ao tempo histórico, quando os deuses viviam no mundo em convivência fraternal com os seres humanos.

14. **Numinoso**

Termo que Jung retirou da obra *A Idéia do Sagrado, do alemão Otto. W. F.* No livro de Otto, pela palavra numinoso se entende o próprio sagrado ou a sua manifestação, na realidade objetiva. Em Jung, entretanto, designa uma força misteriosa, atrativa, profética que nos possibilita uma experiência imediata com a transcendência.

15. **Persona**

Persona é um arquétipo que representa a face que mostramos aos outros em nossas relações sociais. Equivale, em linhas gerais, ao termo personalidade.

16. **Sombra**

Este é um outro arquétipo que representa, por seu turno, os aspectos negativos e pulsionais que existem em nós que nos esforçamos por ocultar. Corresponde aos nossos desejos inconfessáveis e, não raro, autodestrutivos. Da sombra também fazem parte aquelas qualidades da personalidade que, por alguma razão, não puderam se desenvolver. É equivalente ao conceito de “homem velho” que se encontra em o Novo Testamento. A sombra guarda profunda semelhança com o inconsciente freudiano.

17. **Psicologia analítica**

A partir de 1913, quando rompeu com Freud e com o movimento psicanalítico em geral, Jung decidiu que iria chamar a sua abordagem psicológica de Psicologia Analítica para evitar qualquer semelhança com a Psicanálise de Sigmund Freud.

18. **Sincronicidade**

Imaginemos que uma pessoa tenha recebido de presente da parte de um amigo querido, um espelho muito bonito em estilo renascentista. A pessoa que recebeu o presente coloca-o na parede de sua sala. Passa o tempo e, certo dia, sem quê nem para quê, o espelho estala e se parte no meio certo. O dono procura explicar em vão o que acontecera. Dias depois recebeu a notícia de que a pessoa que o presenteara com o espelho, havia morrido no exato momento em que o espelho se partira. A este fenômeno, Jung chamou de sincronicidade. Assim, poder-se-ia definir sincronicidade a ocorrência coincidente no tempo e no espaço de acontecimentos (morte do amigo + rachadura no espelho) que, embora nem sempre obedeçam a lei da causalidade, estabelecem relações conexas do ponto de vista psicológico. Com isso, Jung pretende explicar, como veremos mais tarde, alguns eventos mediúnicos ou paranormais.

19. **Self ou si mesmo**

Segundo C. G. Jung, no processo evolutivo da alma, haveria um momento em que ocorreria uma unidade entre o consciente e o inconsciente. Este momento seria representado por um arquétipo que ele chamou de Self ou si mesmo. Este arquétipo ainda funciona com o centro regulador da totalidade, expressão mais plena de todos os aspectos da personalidade, quer na relação com as outras pessoas quer com o próprio meio ambiente.

20. **Possessão**

Deste termo, Jung se vale para descrever uma situação em que o Ego foi tomado por um complexo, identificando-se com ele, e ficando por isso privado de sua vontade e livre arbítrio.

21. **Os opostos**

Segundo o pensamento de Jung, a pré-condição para a existência da vida psíquica são patês opostos como Luz / Sombra; Bem / Mal; Feminino / Masculino; Consciente / Inconsciente e assim por diante. Em seu estado natural ou inconsciente os opostos existem indiferentemente. Quando, entre eles, aumenta a tensão, dá-se o surgimento da consciência e do desenvolvimento. Se, por outro lado, essa tensão se torna

insuportável, há a necessidade da criação de um terceiro elemento capaz de solucionar os conflitos e procurar uma conciliação ou síntese.



SUMÁRIO

- Capítulo I
Da Família
- Capítulo II
Um rapaz muito especial
- Capítulo III
Buscando caminhos
- Capítulo IV
O caso Helena Preiswerk
- Capítulo V
Das Índias ao Planeta Marte
- Capítulo VI
O exercício da medicina e o casamento
- Capítulo VII
As relações com Freud
- Capítulo VIII
**Xamanismo
sonhos e viagens fora do corpo**
- Capítulo IX
Sonhos e visões. Surgimento de Filemon
- Capítulo X
Uma parada no inconsciente
- Capítulo XI
O Inconsciente Coletivo e os Arquétipos
- Capítulo XII
AGnose e Os Sete Sermões aos Mortos
- Capítulo XIII
A torre de Bollingen
- Capítulo XIV
As visões de Jung
- Capítulo XV

Jung e a vida depois da morte

Capítulo XVI

O testemunho de Jung sobre a existência de espíritos desencarnados

Palavras Finais

Bibliografia

CAPÍTULO I



DA FAMÍLIA



Carl Gustav

Jung nasceu, em
26 de julho
1875, em uma
pequena aldeia
chamada

Kesswil, ao
norte da Suíça,
nas

proximidades
das cachoeiras
do rio Reno.

Seu pai, Paul
Aquiles Jung,
era um pastor
luterano

intelectualmente
brilhante. Havia
se distinguido
como estudante
de línguas
orientais,

particularmente,
o árabe, na
famosa
universidade de
Göttingen.

Tornou-se,
porém,
deprimido e
ainda na casa



dos trinta, foi
pastorear o
rebanho da
Igreja
Evangélica do
cantão de
Thurgau. Paul
Aquiles era um
homem triste,
calado, muito
modesto em
publico que
havia perdido a
fé em sua
própria religião
e passava os
dias de mau
humor.

Sua mãe, Emilie Jung, era uma pessoa estranha que, segundo o filho, possuía dupla personalidade ou podia manifestar uma segunda personalidade, que Jung chamava de personalidade número 2. Às vezes, se comportava como uma mulher comum e, outras, como uma pessoa agressiva, que murmurava coisas para Jung incompreensíveis. Ainda na sua juventude, Jung vai perceber que, de modo semelhante à sua mãe, também possuía duas personalidades.

Seu avô materno, Samuel Preswerck (1799-1871) era pastor evangélico. Durante toda a sua vida manteve a crença de que a hebraico havia sido a língua falada no paraíso bíblico. Conhecia tão bem a língua hebraica que era convidado para fazer palestras sobre este idioma.

No começo de sua carreira foi um intelectual errante que ensinava hebraico e a teologia do Novo Testamento na cidade de Genebra, na Suíça. Esse trabalho deve ter tido alguma repercussão porque ele foi chamado a Basiléia para ser pastor da Igreja de São Leonardo onde passou a viver. Samuel Preswerk se casou duas vezes. Magalene, sua primeira esposa, teve apenas um filho. Casou-se de novo com Augusta Faber, filha de um clérigo de Wüterburg e médium vidente. Com ela, teve 13 filhos.

O avô materno de Jung tinha um profundo interesse no chamado ocultismo e acreditava na comunicação dos espíritos dos mortos. Quando ia fazer uma prédica, costuma pedir à esposa que ficasse por trás dele a fim de espantar os maus espíritos que poderiam interferir em seu trabalho. Mantinha em seu escritório uma cadeira para a mulher desencarnada sentar-se em suas visitas semanais quando mantinham longas conversações.

O grande inspirador de Jung, porém, não foi Samuel Preswerk, mas o seu avô Carl Gustav nascido em 1794. Converteu-se ao Protestantismo quando era ainda um jovem estudante. Embora gostasse muito de poesia, freqüentou a Faculdade de Medicina da Universidade de Heidelberg. Gustav era um homem combativo e tinha uma certa preferência pela polêmica e pelas causas radicais. Por isso, aos vinte e três anos, esteve preso no cárcere de Hansvogrei, mas passou um ano sem ser julgado. Liberado e com o coração cheio de amargura, foi para a Cidade Luz. Na capital da França, conheceu o Barão Friedrich Alexander von Humboldt (1769-1859) explorador e naturalista e, como resultado deste conhecimento, recebeu boa acolhida em Paris e um emprego no Departamento de Cirurgia em um dos grandes hospitais da cidade. Logo foi indicado para a Academia de Berna e, depois foi para a Escola Médica de Basileia que estava fundada há pouco tempo. Mais à frente, adotou a nacionalidade suíça.

Carl Gustav era um homem excêntrico que gostava de ser diferente até mesmo nas pequenas coisas. Invés de um cachorro como animal de estimação, ele possuía um porquinho que levava a passear por uma coleira. Gustav, porém, era antes de qualquer coisa um homem de ação. Frank Maclynn em sua biografia de Jung traça dele o seguinte perfil:

(...) Caráter forte, ágil, perspicaz, bom orador e grande organizador, ele transformou a faculdade que, antes de sua chegada, havia passado por uma fase difícil. Ao longo de anos, o anatomista e botânico Johann Jakob Burkhardt fora seu único professor e, entre 1806 e 1814 a instituição não expedira um único diploma. Interessado em Psiquiatria, tentou, sem sucesso, criar uma cadeira específica e fundou um instituto destinado à crianças portadoras de distúrbios psicológicos e com retardo mental. Incumbência a que dedicou todo o seu tempo livre até a sua morte em 1864. Integrante ardente de maçonaria, ao assumir a reitoria da Universidade, tornou-se, concomitantemente, Grão-Mestre da loja Suíça. Publicou vários boletins científicos e escreveu peças. Apresentado por Schleiermacher (1766-1854) a Wilhelm de Wette (1780-1849) que fora admitido na cátedra de Teologia da Universidade de Berlim por suas simpatias radicais. Os dois homens fizeram amizade; foi graças à influência de Schleiermacher que ele foi nomeado catedrático, em 1822.¹

Quanto à sua vida matrimonial, Carl Gustaf não foi feliz. Sua primeira mulher desencarnou após lhe ter dado três filhos. Viúvo, decidiu casar-se com Sophie, a filha do prefeito, mas o alcaide recusou-lhe a filha sem maiores explicações. A reação dele foi muito compatível com a sua personalidade impulsiva: para ofender o prefeito, resolveu se casar com a primeira mulher que lhe agradasse. Assim, entrando em uma taverna, pediu a mão de uma das garçonetes. Ela aceitou e ambos se casaram. A segunda esposa morreu após dois partos. A filha do burgomestre, contudo, continuava solteira e, mais uma vez, ele pediu a mão dela sendo, então bem sucedido. Desta vez, teve oito filhos e o mais novo deles recebeu o nome de Paul Aquiles e seria o pai de Jung.

A infância de Jung

Vamos, em continuidade, examinar os principais fatos acontecidos na infância de Jung. Até os seis meses de idade, ele viveu em Kessil, nas margens sul do lago Constança cujas águas são de um azul que lembra a cor do céu. Um dia, a família Jung teve que deixar aquela doce região porque Aquiles Jung havia sido transferido para um novo vicariato que ficava no castelo de Laufen um pouco acima das cataratas do Reno. É interessante lembrar que Jung sempre gostou de lago e desejou viver sempre às margens de um.

As primeiras lembranças de Jung nesta encarnação estão relacionadas com os seus primeiros meses de vida. Ele, então se vê deitado em um carrinho de bebê. Está sozinho. Essas primitivas sensações são também as que lhe vem do mundo exterior como gostos e cheiros de coisas, visões esparsas e fugidias de aspectos marcantes do ambiente. A figura da mãe como aquele que lhe dá prazer e lhe oferece o seio para ser sugado. Troca-lhe as fraldas e faz a limpeza de seu corpo. Naturalmente, a influência do pai neste período é bem menor.

É muito comum que se imagine que as crianças sejam tomadas como seres extremamente simples que não se dão conta de coisa alguma que se passe em seu redor. Isso não é verdade, pelos menos em alguns casos. Jung, por exemplo, ainda infante parece ter percebido que as coisas não estavam certas na relação entre seus pais. A situação entre o casal se complica e, em 1878, ambos decidem dar um tempo no seu relacionamento. Emilie foi então para uma clínica de doentes mentais.

Jung, com apenas três anos de idade, somatizou o problema dos pais e desenvolveu um eczema. Uma tia achou que o melhor a fazer pelo menino seria levá-lo para a sua casa. É interessante lembrar-se que a partir daí, o menino passou a desenvolver um conceito negativo do amor e das mulheres que são tidas por ele como criaturas pouco confiáveis e sua mãe era mulher. Quanto à imagem que passou a ter do pai era de confiança, mas de caráter passivo.

Outras imagens femininas que influenciaram a personalidade de Jung em sua infância foi uma babá, mulher bonita, de cabelos negros da qual Jung se lembra com e dedicou a ela um sentimento quase filial. A segunda mulher foi Bertha Shenk, uma mulher loura e bela que era uma companhia constante de seu pai. Tão próximo era esse relacionamento que se chegou a pensar que ela e Paul Jung fossem amantes, mas isso jamais foi comprovado.

Jung estava com cerca de quatro anos quando desenvolve um estranho comportamento marcado por um grande fascínio pela morte e por cadáveres. Sobre esta questão deixemos falar o próprio C.G. Jung:

Outra lembrança: gente desconhecida, afobação, alvoroço. A empregada veio correndo. Os pescadores encontraram um cadáver logo abaixo das Quedas do Reno. Querem levá-lo para a lavanderia! Meu pai disse: Sim. Sim. Eu logo quis ver o cadáver. Minha mãe me deteve e me proibiu terminantemente que fosse ao jardim. Quando os homens foram embora, atravessei depressa o jardim para ir à lavanderia. A porta estava fechada. Fiz então a volta da casa. Atrás dela, no alto, havia uma vala em declive através da qual escorria uma água sanguinolenta. Este fato interessou-me extraordinariamente. Nessa época, eu ainda não havia completado quatro anos.²

Ele sofre, então, uma série de pequenos acidentes como cair na escada e esbarrar em um fogão, o que lhe provocou cicatrizes que ainda se poderiam ver na idade em que ele chegou ao ginásio. Estes acontecimentos poderiam ser explicados, embora não de modo absoluto, como um desejo de estar morto. Quero lembrar, porém, que na idade em que estava Jung o espírito ainda não se apossou do corpo inteiramente, ou seja, ainda não se adaptou à sua nova encarnação e o desejo de se libertar e voltar a vida espiritual, às vezes, pode ser grande.

Estes acontecimentos não são tão marcantes como um outro que passamos a narrar agora. Certo dia, Jung estava com a sua babá na ponte de Neuhausen. O menino estava distraidamente brincando na ponte quando enfiou a perna em uma das balaustradas e esteve a ponto de cair e se caísse, por certo, morreria nas águas caudalosas do rio. Nisto a babá veio correndo e o segurou impedindo que se precipitasse no vazio. McLynn³ pede que se note que foi a babá e não a mãe que o salvou e isto tem um sentido muito especial nas relações entre Jung e a sua genitora.

As relações de Jung com a morte vão um pouco além de uma tendência mórbida para deixar esta vida, pois costuma a acontecer com ele fatos insólitos. Ele escuta, quando a casa está às escuras, altas horas da noite, passos ritmados de uma pessoa que caminhasse. Saindo do quarto de sua mãe, vê coisas estranhas. Estudando esta fase da vida de Jung o doutor Donald Woods Winnicot, tradutor das obras de Sigmund Freud para a língua inglesa, sugere que as visões de Jung decorriam de espécie de esquizofrenia infantil, que veio à tona depois da separação entre Paul Jung e Emilie Preiswerk.

Esta explicação não elimina de forma alguma a possibilidade de interpretar esses fenômenos estranhos acontecidos com o menino Jung como fatos mediúnicos. Não é muito incomum que a

mediunidade se manifeste em crianças que vem espíritos e ficam apavoradas. Aqui também se pode incluir alguns casos de “amigos invisíveis” que nem sempre podem ser explicados por meio de fantasias de crianças solitárias.

Depois de separar-se de Paul, Emilie como já vimos, foi internada. Ficou algum tempo e voltou para sua casa com alta. Estava feliz ou pelo menos parecia estar, entretanto, ainda estava sujeita a surtos de depressão. Em verdade, ela não havia mudado muito, pois continuara com as duas personalidades e, principalmente, com a segunda que era misteriosa e terrível. Assim, ele alternava entre uma personalidade submissa e tímida, e uma outra forte e resoluta. Não sabemos até que ponto a segunda personalidade não seria um espírito que se manifestava através dela.

Esta mulher de temperamento difícil “educou” seu filho de um modo que aumentava consideravelmente o lado psicótico de seu filho. Ela ensinou a Jung uma prece para ele fazer antes de dormir e que dizia o seguinte:

*Abra as tuas asas compassivas, Senhor Jesus,
E protege o teu pintinho, a tua criança.
Mesmo que o demônio deseje devorá-la,
Nenhum mal há de vence-lo. E os anjos cantarão.*

Na sua imaginação infantil, Jung como um pássaro bondoso de grandes asas que tomava os pintinhos (crianças) antes que Satã os tomasse e, por esse motivo, era necessário que as crianças rezassem para ele. Jung havia visto algumas vezes enterros em sua aldeia e ficara impressionado com os homens de negro que levavam uma grande caixa onde estava o morto. No cemitério, cavava-se uma cova e ali se colocava o corpo e se cobria de terra. Disseram-lhe que aquelas pessoas que foram enterradas haviam sido levadas por Jesus.

Esta conclusão sinistra, por analogia teve conseqüências fatais: comecei a desconfiar do Senhor Jesus Cristo. Ele perdeu o aspecto de grande pássaro benevolente e reconfortante e foi associado aos homens soturnos, cujos sapatos eram pretos e lustrosos e que se ocupavam de caixões escuros.⁴

Na casa do reverendo Paul Jung havia um sentimento fortemente hostil à Igreja Católica. A casa dos Jung, que eram protestantes, estava cercada de vizinhos católicos e poderosos. Naquela época corriam narrativas, algumas verdadeiras e outras míticas, a respeito de práticas jesuítas inconfessáveis. Jung menino ouvia estas histórias e, em sua alma, nascia um medo terrível dos padres da Companhia de Jesus. Certo dia, estando na porta de sua casa e vendo passar um padre, saiu correndo morto de medo e foi se esconder no andar de cima. O que mais o assustou foi ver um homem de batina (para ele vestido de mulher) o que, segundo Mclynn, mais tarde, teria dado origem ao mal estar que Jung sentia quando via uma mulher usando calças de homem.

Em 1879, quando Jung estava com quatro anos de idade, Paul, seu pai, foi transferido para uma paróquia que ficava na aldeia de Klein-Hüningen onde a população basicamente era formada de camponeses e pescadores. Religiosamente a aldeia era dominada por protestantes. Nessa comunidade, o pai de Jung passa a ocupar uma posição de destaque. Entre as famílias reformadas faziam-se casamento cuja finalidade era criar laços entre elas, fortificando a influência do Protestantismo. Jung sentia-se, então, como membro de uma casta privilegiada, de um certo essa consciência de classe marcará a sua personalidade com um certo elitismo.

Em sua nova aldeia, Jung conheceu muitos meninos de sua idade, mas ele não se dava com eles porque seu pai era um ministro e o filho de uma pessoa tão importante não poderia se misturar com as

outras crianças. Assim, Jung passava a maior parte de seu tempo brincando sozinho com cubos de armar e soldadinhos de chumbo com os quais imaginava batalhas navais. Para ampliarmos os nossos conhecimentos da infância de Jung, vamos conhecer o que nos conta seu amigo chamado Alberto Oeri (1875-1959) que foi seu colega de escola e companheiro na Universidade de Basileia.

Oeri nos conta que conheceu Jung quando ambos eram ainda muito pequenos. Os pais de ambos eram muito amigos desde os bancos escolares e costumavam visitar um ao outro. Quando ia à casa da família Jung, o pai de Oeri o levava para brincar com o filho do pastor. O articulista confessa que, em geral, não conseguia brincar com Jung, pois este sentava-se no quarto com um jogo de boliche e não lhe dava a menor atenção. Oeri chega a chamar Jung nesta fase de pequeno monstro anti-social. Explica este comportamento junguiano pelo fato de ele ter nascido em uma casa vazia de crianças e a sua irmã ainda não ter nascido.

Com o tempo e continuidade das visitas, a relação entre os dois meninos melhorou bastante. Oeri chega a dizer que Jung manifestou por ele uma amizade espontânea, principalmente, ao saber que poderia contar com ele para suas estripolias. Uma delas era caçoar de um primo de que Jung não gostava. Por lhe parecer afetado demais. Uma dessas brincadeiras é a seguinte: havia no corredor de entrada da casa de Jung um banco. Recebendo o primo, Jung fez questão de que ele sentasse naquele banco e quando o rapaz o fez, Jung deu estrondosas gargalhadas.⁵ O motivo de tanta hilaridade era o fato de que, um pouco antes havia sentado ali um indivíduo alcoólatra e Jung queria que o seu delicado primo ficasse fedendo a genebra.

De uma outra feita, prossegue Oeri, Jung encenou um solene duelo entre dois colegas de escola no jardim do Prebistério. Durante o duelo um dos rapazes feriu-se levemente em uma das mãos e Jung ficou verdadeiramente pesaroso com o incidente. Paul Jung, porém, ficou muito mais preocupado, pois aquele incidente lembrou-lhe um outro acontecido na sua juventude. O pai do jovem ferido havia se machucado gravemente em um exercício de duelo e tinha sido tratado pelo avô de Jung.

Jung e seu amigo ficaram preocupados com a repercussão desse fato na escola uma vez que o Diretor poderia puni-los com advertência, suspensão ou mesmo expulsão. Felizmente para ambos, quando Burkhardt, o diretor do colégio soube do acontecido, limitou-se a fazer uma pergunta simples e com bom humor: Vocês estiveram jogando esgrima?

Foi ainda em sua infância que Jung teve um sonho que reproduzimos aqui. No sonho, ele se encontrava em uma campina. De repente, encontra uma cova retangular, revestida de alvenaria. Jamais ele havia visto uma coisa assim. Aproxima-se e, olhando para o interior do lugar, vê uma escada que conduzia ao fundo. Hesitante e amedrontado, ele desce por ela. Embaixo ele encontra uma porta em arco, fechada por uma cortina verde. Por trás desta cortina, havia um espaço retangular com cerca de dez metros sob uma tênue luz crepuscular. A abóbada do teto era de pedra e o chão, de azulejo. Do meio da entrada até um estrado baixo, estendia-se um tapete vermelho. A poltrona era esplêndida, um verdadeiro trono real como nos Contos de Fadas. Sobre ela uma forma gigantesca quase alcançava o teto. Parece a ele, primeiramente, que se tratava de um grande tronco de árvore. Seu diâmetro era de cerca de 50 ou 60 centímetros. O objeto era estranhamente construído, feito de pele e carne viva, sua parte superior terminava em uma cabeça cônica arredondada, sem rosto nem cabelos. No topo, um único olho, imóvel, fitava o alto.

O aposento em que Jung se encontrava, em seu sonho era relativamente claro embora não houvesse ali qualquer janela ou luz. Sobre a cabeça do estranho objeto brilhava uma certa claridade. O objeto não se

movia, entretanto, Jung tinha a impressão de que, a qualquer momento, ele poderia se deslocar e se rastejar em sua direção sobre um verme gigantesco. No sonho, ele fica paralisado de angústia. Naquele momento insuportável, ou, repentinamente, a voz de sua mãe, como se viesse do interior e do alto, gritando: “Sim. Olhe-o bem. Isto é o devorador de homens. Nesse momento, Jung sente um medo terrível e desperta banhado de suor e muito angustiado.”

Jung considera este sonho importantíssimo. A interpretação dele vai depender do significado da imagem central, o phalo.⁶ Nesse caso foram propostas três explicações possíveis: a freudiana, a junguiana e a lacaniana. Na hermenêutica freudiana, o phalo significa o pênis e simboliza o poder; do ponto de vista junguiano, o phalo pode significar criatividade em geral e do modo de ver lacaniano, phalo é uma função semântica da troca de significantes entre pai e mãe e é símbolo da ausência de poder ou falta deste.

Sem negar, de modo algum, a validade ou acerto de tal interpretação, vou propôr uma quarta que poderá soar como extravagante ou ridícula, porém, isso pouco me importa. Não que eu faça pouco caso da opinião alheia, mas porque acredito ter o direito de expressar as minhas próprias opiniões sejam elas quais forem. Assim, penso que neste sonho Jung possa estar se lembrando de uma vida passada em outras culturas, muito remotas, onde o culto do phalo ocupava um lugar de importância considerável.

O phalo é o pênis, órgão sexual masculino, apenas em nossa visão acanhada, imersa em um racionalismo imposto pela Modernidade, entretanto, na Antiguidade, o phalo era um deus (assim como a vagina era também sacralizada), uma instância religiosa relacionada com os cultos agrários e de fertilidade. O interesse de Jung por mitos e pelas religiões antigas, não pode ter apenas uma explicação convencional nos moldes chamados científicos. Desse ponto de vista, esta tendência fortíssima que domina a personalidade de Jung, pode ser explicada por vivências de experiências religiosas em vidas passadas nas quais ele teria sido um estudioso daquelas religiões ou mesmo um partícipe daqueles mistérios.

Por uma questão de justiça, vamos ver a interpretação que o próprio Jung dá de seu sonho com o phalo.

A significação abstrata do phalo é assinalada pelo fato de que o membro em si é entronizado de maneira ictifálica (tiks = ereto). A cova, na campina, representava, sem dúvida o túmulo subterrâneo. O próprio túmulo é um templo sob a terra, cuja cortina verde lembra a campina e representa aqui o mistério da terra coberta de vegetação verdejante. O tapete era vermelho-sangue. De onde provinha a abóbada? Ter-me-iam levado a Munot, o Torreão de Aschaffhouse? É pouco provável, pois eu tinha apenas três anos. Assim, pois, ao que parece, não se tratava de um resíduo de lembranças. A origem da representação do ictifálico, anatomicamente, também é problemática. A interpretação do orificium urethas (orifício uretal) como o olho, com uma aparente fonte de luz sobre ele indica a etimologia de phalo (phalo = luminoso, brilhante).

O phalo deste sonho parece, em todo caso, um deus subterrâneo que é melhor não mencionar. Como tal, morou em mim através de toda a minha juventude e reaparecia cada vez que se falava, com demasiada ênfase no Senhor Jesus Cristo. O Senhor Jesus Cristo nunca foi para mim, completamente real, aceitável e digno de amor, pois eu sempre pensava em sua equivalência subterrânea como uma revelação que eu não buscava e que era pavorosa.⁷

Gostaríamos de fazer aqui algumas considerações que me parecem pertinentes ao caso. A interpretação de Jung, como se pôde ver, não coincide com as que acabamos de ver. Ela faz alusão as

religiões agrárias e a divindade subterrânea. Ele não consegue explicar a origem da abóbada. O que, entretanto, nos impressiona nesta passagem é a afirmação de que o sonho criava nele uma associação pavorosa entre Jesus, o devorador de homens e o phalo, também devorador de seres humanos como dissera sua mãe. Assim, a figura de Jesus tornasse para ele inaceitável e não digna de amor. Se, porém, admitirmos que Jung, em vidas passadas, convivera com, crenças pagãs, com mitos que respeitava e deuses que aprender a honrar, é natural que tivesse para com Jesus e o Cristianismo uma forte hostilidade, uma vez que foi com a religião do Cristo que o Paganismo teve de recuar até perder por inteiro o seu domínio e importância. Provavelmente, isso explicaria o sentimento com que Jung pensa a religião antiga, principalmente a Gnose religião que ainda estava nele e que o sonho com o phalo, deus subterrâneo ou recalçado, o faz recordar.

Jung, em sua autobiografia, narra fatos que ele chama de sonhos, mas que a sua própria narrativa admite outra explicação.

Conta ele que, em seu quarto, durante a noite, ele era envolvido por uma atmosfera abafante de mistério e pela sensação da presença de seres invisíveis. Os pais dormiam em quartos separados e ele dormia com o pai. Do quarto de sua mãe, vinham influências inquietantes. Uma noite, ele viu sair do quarto dela uma figura vagamente luminosa cuja cabeça separou-se do pescoço e ficou pairando no ar como se fosse uma pequena lua. Logo apareceu outra pequena cabeça que se elevou no ar. Esse fenômeno se repetiu por seis ou sete vezes.

Outro fato interessante diz respeito às suas crises de pseudo crupe com acesso de sufocação. Durante essas crises o menino ficava de costas e era sustentado pelo pai. Nesses momentos das crises, ele via um círculo de cor brilhante, do tamanho da lua cheia onde se moviam figuras douradas que ele tomava por anjos. Essas visões melhoravam sensivelmente as suas crises, diminuindo-lhe a sufocação e atenuando-lhe a angústia.

Do que Jung está falando nesses casos? Ele está sofrendo alucinações de natureza material ou está presenciando como médium, que acreditamos (que fosse) fenômenos de origem espiritual? Será que espíritos levianos ou brincalhões (poltergeist) brincavam com ele, pondo e retirando suas cabeças fluídicas para assustá-lo? Será que bons espíritos, seus amigos, vinham assisti-lo em suas crises agudas de sua respiração? As duas hipóteses são viáveis, contudo prefiro ficar com a segunda porque, como veremos ao longo desse trabalho, é mais evidente, constante e nem sempre pode reduzir-se a simples alucinação.

Um outro relato, não menos interessante, feito por Jung nos parece bastante adequado ao nosso trabalho. Vamos a ele:

Lembro-me de que, nessa época, (entre meus sete e nove anos) gostava de brincar com fogo. Em nosso jardim, havia uma parede construída com grandes blocos de pedra, cujos interstícios formavam curiosos vazios. Com a ajuda de outras crianças, eu costumava manter uma pequena fogueira dentro deles. O fogo deveria arder sempre, portanto, era necessário alimentá-lo continuamente. Devíamos unir nossos esforços a fim de juntar a madeira necessária. Ninguém senão eu tinha licença para cuidar diretamente do fogo. Meus amigos podiam acender outras fogueiras em outros buracos, mas elas eram profanas e não me diziam respeito. Só o meu fogo era vivo e tinham evidente caráter sagrado. Durante algum tempo, foi esse o meu brinquedo favorito.⁹

Estamos aqui frente a um fato muito curioso e significativo. Temos uma criança com cerca de nove anos, praticando, sem disto se dar conta, de uma forma de religiosidade muito antiga, conhecida pelos estudiosos de velhas culturas, como o culto do fogo familiar. Tratando deste assunto, escreveu Fustel de Coulanges:

Toda casa de grego ou de romano possuía um altar. Nesse altar deveria haver sempre restos de cinza e brasas. Era obrigação

sagrada do dono da casa (Pater Famílias) conservar o fogo dia e noite. Desgraçada seria a casa em que o fogo se extinguisse. Ao anoitecer de cada dia, cobriam-se as cinzas e os carvões para evitar, deste modo que ele se acabasse inteiramente durante a noite. Ao despertar, o primeiro cuidado do dono da casa era avivar o fogo e alimentá-lo com alguns ramos secos. O fogo só deixava de brilhar sobre o altar quando toda a família houvesse morrido: lar extinto e família acabada eram expressões sinônimas entre os antigos.¹⁰

Segundo a narrativa de Jung, ele funcionava como um sacerdote deste tipo de curso e considerava o fogo por ele aceso como sagrado, enquanto que os outros fogos, acesos em outros lugares, por outros meninos, ele os considerava profanos ou seja, despidos de sacralidade. Como se pode ver com facilidade, para um caso deste, não se pode descartar, inteiramente, a hipótese das vidas sucessivas cujas lembranças deveriam ainda estar muito vivas na alma do pequeno Jung.

A vida emocionalmente tumultuada do menino Jung que parecia ser uma espécie de outsider ante à vida que iniciava, levou-o a um empreendimento que, na época, ele não conseguiu entender muito bem. Então ele tomou um estojo amarelo e laqueado, próprio para guardar canetas que antigamente era usado pelos alunos da escola primária. Dentro deste estojo, havia uma régua em cuja extremidade Jung esculpiu um homenzinho com cerca de seis centímetros de comprimento. O bonequinho usava fraque, cartola e sapatos lustrosos.

Depois de ter feito isto, Jung pintou a sua criação com tinta preta, destacou-o da régua e o pôs dentro do estojo onde lhe preparou um pequeno leito. Fez também para o homenzinho um casaquinho de lã. Colocou, ainda, junto com o boneco, um seixo do Reno, polido, alongado e escuro. Que ele havia pintado com cores variadas de maneira que as partes inferiores e superiores ficassem destacadas. Durante muito tempo, ele guardou o seixo consigo no bolso da calça.

O seixo era a pedra do homenzinho. Tudo aquilo consistia em um grande segredo que ele mesmo não compreendia muito bem. Então, ele escondeu a sua criatura no sótão de sua casa junto ao madeiramento. Era muito gratificante, para ele, saber que, naquele lugar, o seu homenzinho estava guardado e o seu segredo, seguro. Passou também a escrever algumas frases em rolinhos de papel que ele ia colocar junto com seu ídolo. Eram aqueles textos – explica Jung – uma espécie de biblioteca para o seu bonequinho.

O tempo passou e Jung esqueceu-se de seu homenzinho. Deixemos, porem, que ele se explique:

Esqueci-me, depois, totalmente deste fato até aos trinta e cinco anos. Foi, então que, da névoa da infância, de novo, com clareza, imediata, os fragmentos de lembranças surgiram. Quando ocupado em preparar o meu livro Símbolos e Transformações da Libido, a cerca dos cahe¹¹ de pedras da alma, perto de Arleshein e sobre os churingas.¹² Descobri também que eu fizera uma imagem muito precisa de tais pedras, embora jamais houvesse visto antes qualquer reprodução delas.

Ali estava, na minha gente, a imagem de uma pedra polida, pintada de tal maneira que a parte inferior se distinguia da superior. Mas ela não me parecia algo desconhecido e foi então, que me voltou à lembrança, o estojo amarelo de guardar canetas e um homenzinho. Este era um pequeno deus oculto dos antigos, um telésforo¹³ que, em muitas representações antigas aparece perto de Esculápio¹⁴ para o qual lê um rolo que tem na mão.¹⁵

O próprio Jung se admira de ter feito o homenzinho e pintado a pedra. Diz dele que, pela primeira vez, passou a admitir que, na alma, existem elementos que penetram na psiqué individual a partir de uma determinada tradição. Com este comentário, pela primeira vez, Jung, embora muito de leve, toca na possibilidade da reencarnação, posto que, mais tarde, infelizmente, deverá repudiar a hipótese reencarnatória, pelo menos em público.

¹ Lynn Carl Gustav Jung. Uma biografia. P.16

² Jung. Memórias Sonhos e Reflexões pag.22

³ Op.cit.pag. 19

⁴ Jung.Op cit. Pág 24

⁵ Dar grandes gargalhadas é um comportamento que acompanhará Jung por toda a sua vida

6 Nome que os gregos davam ao pênis ou órgão sexual masculino

7 Jung. Op. Cit.pag. 26.

8 Doença caracterizada por respiração laboriosa com sufocação e espasmo da laringe.

9 Jung. Op.cit.pag 31-32

10 Coulange. ACidade Antiga. Pág.24

11 Espécie de esconderijo

12 Pedras dos aborígenes australianos onde ficam gravados seus relatos míticos.

13 Palavra grega que significa aquele que traz a totalidade

14 Deus da Medicina no mito grego.

15 Jung.Op.cit,p,33

CAPÍTULO II



UM RAPAZ
MUITO ESPECIAL



Entre os 11 e os doze anos, em 1886, Jung foi enviado ao Ginásio de Basiléia. Naquele época, em geral, abriam-se aos rapazes, oportunidades diversas. Nesse momento da vida, os meninos mais pobres davam-se por satisfeitos e iam trabalhar. Aqueles, porém, que eram mais afortunados ingressavam na escola secundária que estava também abertas às meninas que freqüentavam o turno da tarde em oposição aos meninos que vinham pela manhã. Alemão e Matemática eram matérias comuns aos meninos e às meninas, depois os currículos se modificavam. Os meninos aprendiam Civismo, Agricultura, Geometria, Contabilidade e Desenho, além de praticarem ginástica. As meninas estudavam economia doméstica, costura e bordado, jardinagem e puericultura¹⁶. Deixando esses cursos com a idade de quinze anos, os rapazes poderiam aspirar a empregos considerado melhores como garçons, lavradores ou guardas-florestais e as meninas já estriam prontas para casar.

Havia, por fim, um terceiro grau que corresponderia ao nosso estudo universitário onde se poderia aprender as línguas clássicas (Grego e Latim) e diversas outras humanidades. Apesar das dificuldades econômicas de seu pai, Jung conseguiu ser matriculado neste grau mais avançado.

Foi nesse momento de sua vida que ele tomou plena e dolorosa consciência da situação econômica de sua família. Os seus colegas de ginásio moravam em grandes casas e tinham caleças puxadas por magníficos cavalos de raça. Muitos deles falavam um alemão castiço e um francês irrepreensível. Eram rapazes limpos, bem vestidos, perfumados e sempre com muito dinheiro no bolso, enquanto ele assistia às aulas com os sapatos furados e as meias molhadas. Com secreta inveja, ouvia os colegas falarem de suas férias nos Alpes, nas montanhas nevadas e resplandcentes de Zurich. Muitos deles haviam estado na beira do mar. Aquilo, para Jung, era o máximo.

A escola lhe parecia extremamente aborrecida. Em verdade, em lugar da escola ele preferia brincar com fogo, o seu querido fogo sagrado ou desenhar batalhas. O ensino religioso era demasiadamente enfadonho e a Matemática, angustiante. A álgebra, que para o professor parecia tão óbvia, para ele, nada significava. O pior era que, para a maioria dos estudantes de sua escola, a Matemática não parecia ser um grande mistério. O professor se esforçava para ensinar a seus alunos os segredos dos números, mas a matéria não interessava a Jung de forma alguma, entretanto, em razão de sua inteligência viva para as outras matérias e a sua excelente memória visual, Jung conseguia boas notas mesmo em Matemática e o seu boletim escolar não era dos piores.

No princípio do verão de 1887, aconteceu com Jung um fato digno de nota. Era mais ou menos meio dia e ele estava na escola esperando um colega, quando um aluno, seu desafeto, deu-lhe um soco por trás e ele caiu, batendo com a cabeça no chão. O golpe o deixara atordoado por algum tempo. Durante este incidente, um pensamento atravessou-lhe a mente: “Agora não mais preciso ir à escola.” Durante algum tempo, ele ficou prostrado no solo e, depois, foi erguido e levado para a casa de uma de suas tias que morava nas proximidades.

A partir deste acontecimento, ele passou a sofrer síncope todas as vezes em que seus pais o mandavam para a escola ou mesmo lhe mandavam fazer os exercícios propostos pelo professor. Em razão disto, ele ficou seis meses sem ir à escola. Aquilo foi um achado para mim, lembra Jung. Passava, então, todo o seu tempo em liberdade, passeando na beira do lago ou entregue à arte do desenho que ele apreciava muito. Sobre este período, comenta Jung:

Ora pintava cenas selvagens de guerra ou velhos castelos que eram atacados e incendiados, ora enchia páginas inteiras de caricaturas (ainda hoje, até no momento de dormir, tais caricaturas aparecem; são caras grotescas que mudam continuamente. Às vezes apareciam rostos de pessoas conhecidas que logo depois morriam).¹⁷ Melhor do que tudo, porém, era mergulhar

completamente no Mundo do Mistério. A ele pertenciam, as árvores, a água, os pântanos, as pedras, os animais, a biblioteca de meu pai. Era maravilhoso. Entretanto eu me afastava cada vez mais do mundo com um leve sentimento de má consciência. Consumia meu tempo flinando, lendo, colecionando e brincando. Mas, nem por isso era mais feliz, pelo contrário, tinha como que a obscura consciência de que estava fugindo de mim mesmo.

Assim viveu o menino Jung durante muito tempo despreocupado com as atividades escolares. Aconteceu, entretanto que, certo dia, ele ouviu uma conversa entre seu pai e um amigo. Em um certo momento, o visitante perguntou a Paul Aquiles:

– E seu filho, como vai?

– Ah! É uma história penosa! Os médicos ignoram o que ele tem. Falaram em epilepsia: seria terrível se fosse incurável! Perdi com ele o pouco que tinha. E o que será dele se for incapaz de ganhar a vida?

Jung ouvindo estas palavras, ficou literalmente preocupado. Não gostava nem mesmo de imaginar que pudesse ter o destino que seu pai imaginava para ele. Cautelosamente, saiu do lugar onde estava escondido ouvindo a conversa, entrou no escritório de seu pai, tomou uma gramática latina e começou a estudar. Procurou-se aplicar-se em um esforço de concentração. Este esforço foi acompanhado pela frase: “Não vou mais desmaiar.” Em cerca de uma hora, desmaiou ainda por três vezes, mas, por fim, os desmaios cessaram para sempre e ele voltou para a escola sem que as suas crises voltassem.

Em uma outra oportunidade, Jung foi convidado para passar as férias com a família de um seu amigo de escola. O convite pareceu-lhe muito bom porque a casa ficava na beira de um lago – o Lago Lucerna – onde havia um abrigo para canoas e um barco a remo. O pai do amigo de Jung permitiu que os meninos usassem o barco desde que com muita cautela. Jung que já possuía alguma prática com botes a remo, entrou na frágil embarcação com seu amigo e remou para o meio do lago onde começou a fazer um grande número de imprudências. O dono da casa, que havia ficado na beira do lago, vendo as bobagens que Jung fazia e temendo pela segurança dos peraltas, chamou-os com um assobio e quando os dois rapazes voltaram, o pai do amigo admoestou Jung com severidade.

Enquanto recebia a reprimenda, Jung viveu uma ambigüidade: por um lado admitia que a repreensão era plenamente justificada, contudo, ao mesmo tempo, sentia uma grande raiva daquele homem grosseiro, gordo e sem instrução que ousava chamara sua atenção com toda aquela dureza. Quem ele pensava que era para falar assim como se ele fosse um menino de escola? Jung nos revela uma estranha sensação: *“Eu não me sentia apenas como um adulto, mas como uma autoridade, uma pessoa cheia de importância e dignidade, um homem idoso ao qual se deve manifestar respeito e admiração.”* ¹⁸

Refletindo sobre este incidente, Jung lembra-se de que, naquele momento, examinando a situação, acalmara-se. Como era possível que um colegial com doze anos, que se havia comportado mal, e que, por isso, fora repreendido por um pai de família, um homem rico e poderoso, tivesse aquele tipo de reação? Este seu pensamento leva-o a uma conclusão mais estranha ainda:

Perturbadíssimo, tomei consciência de que havia em mim duas pessoas diferentes: uma delas um menino de colégio que não compreendia Matemática e que se caracterizava pela insegurança; outro era um homem importante de grande autoridade com que não de deveria brincar, mais poderoso e influente do que aquele industrial. Era um velho que vivia no século XVIII, usando sapatos de fivela, peruca branca e tinha como meio de transporte uma caleça cujas rodas de trás eram grandes e côncavas, entre as quais o assento do cocheiro ficava suspensas por meio de molas e correias de couro.¹⁹

Temos aqui um fenômeno de cisão da personalidade, muito comum nos esquizofrênicos e nos médiuns. Em Jung, de nosso ponto de vista, o motivo desta divisão, deve-se, por certo, à interferência de uma recordação reencarnatória que, como se sabe, é muito comum nas crianças. Esta concepção que estamos defendendo e que pode parecer demasiadamente ousada é respaldada, ou pelo menos reforçada, em um outro relato de C. J. Jung.

Conta ele que, dias antes da experiência que acabamos de relatar, estava em Klein – Huningen, perto de Basiléia onde morava, quando viu um fiacre verde que passava em frente de sua casa, vindo da Floresta Negra. Era uma caleça antiga que lembrava bastante as usadas no século XVIII. Logo que a viu Jung falou excitado: “Ah! Ei-la! é do meu tempo!” Jung teve a impressão de reconhecer o veículo e de já ter sido transportado por um deles. Sente, então, uma forte emoção, uma espécie de nostalgia ou de saudade, saudade de um tempo que havia passado, mas que permanecerá nele na forma de reminiscência que, às vezes, o assaltava sem que ele o desejasse.

A relação de Jung com o século XVIII aparece de forma ainda mais nítida em um incidente que passo a narrar aqui: de uma certa feita, ele viu, na casa de uma de suas tias, uma estátua que representava em terracota pintada, dois personagens daquele século. Um deles era um personagem tradicional da Basiléia, o Dr. Stuckelberger e a outra uma das clientes dele. A estátua representava uma anedota muito conhecida segundo a qual o velho Esculápio²⁰ encontrou junto a ponte do Reno, uma mulher hipocondríaca que o deixava aborrecido com suas queixas constantes de que estava doente. O médico pediu a ela que abrisse a boca e pusesse a língua de fora e fechasse bem os olhos. A mulher apressou-se em cumprir as ordens do médico e este, ao vê-la naquela situação ridícula, saiu de fininho, deixando-a de pé, no meio da rua, com os olhos fechados e a língua de fora, o que foi motivo de grande hilaridade por parte dos passantes.

Examinando a estátua cuidadosamente, os olhos de Jung se fixaram no sapato do Dr. Stukelberger. De repente, ele teve a clara impressão de que já havia usado aquele tipo de sapato. Aquela idéia o perturbou e não pouco. Ele podia sentir aqueles sapatos em seus pés. Era, de fato, uma experiência incrível. Leiamos mais uma vez as palavras do próprio Jung que se mostra inquieto com aquele tipo de comportamento:

Como eu poderia permanecer no século XVIII? Acontecia-me, às vezes, errando, escrever 1786 em lugar de 1886 e isso era seguido, sempre que me acontecia, de um sentimento inexplicável de nostalgia.²¹

Depois do um incidente na beira do lago Lucerna, Jung passou a se preocupar com a descoberta de sua dupla personalidade. Em princípio eram sensações vagas e difusas, mas, depois elas foram se organizando de modo a formar uma *gestalt* (forma) bastante significativa para ele. Um fato, porém, lhe parece óbvio: não poderia continuar vivendo em épocas diferentes, por isso, resolveu assumir que era um menino em idade escolar e que deveria se acomodar nesse status e deixar para lá aquelas idéias estapafúrdias de ser um personagem do século passado. Buscando, entretanto, uma resposta para o que lhe acontecia, lembrou-se das muitas histórias que ouvira no seio de sua família a respeito de seu avô paterno, o Dr. Jung. Poderia estar se identificando com ele? Contudo, ele nascera em 1895, vivendo, portanto, quase toda a sua vida no século XIX. Além disto, ele havia morrido bem antes do nascimento de Jung, tornando-se muito difícil, senão impossível, uma identificação nessas circunstâncias.

As relações entre Jung e seu pai eram muito difíceis. Aos dezoito anos, ele costumava travar com seu pai grandes e intermináveis discussões sobre questões de natureza religiosa. A intenção de Jung, convidando seu pai para o debate religioso, era auxiliar o velho pastor em seus conflitos de consciência. Paul Aquiles se refugiava na fé, porém, em uma fé pontilhada de dúvidas que ele, quando questionado, negava possuir. Repetia para o filho que o importante era crer, contudo, não parecia estar muito certo do que dizia. Assim, as discussões entre pai e filho sempre acabavam por magoar os dois e a nada conduziam exceto aumentar ainda mais o abismo entre ambos.

Jung, então, inicia um processo de aproximação com os rapazes de sua idade e de sua classe social. Na escola fizera consideráveis avanços e chegara mesmo a ser considerado o melhor aluno de sua classe. Essa conquista, infelizmente, trouxe como conseqüência o acirramento nos outros alunos do espírito de

competição e de inveja contra o filho do pastor. Na escola onde ele estudava havia Educação Física e, nas aulas dessa disciplina, havia jogos esportivos. Jung, que detestava competições, passou a detestar também as aulas de Educação Física, porém, fez algo mais objetivo: passou a ser o segundo aluno na crença de que, assim, a competição, em relação a ele diminuiria.

Ao que parece, Jung também não era muito bem relacionado com os seus professores. Ele se lembra com prazer de apenas um mestre: o professor de Latim, um homem culto, sensível e inteligente. Era o único mestre que demonstrava confiar no aluno que, para a maioria, era problemático. Muitas vezes, durante as aulas de Latim, o professor mandava que ele fosse à biblioteca da escola para pegar alguns livros. Nessas ocasiões, Jung regressava pelo caminho mais longo para que, no trajeto, pudesse dar uma olhada em alguns dos livros.

Em geral, os professores consideravam Jung um tolo, desordeiro e provocador de distúrbios. Se acontecia algo de errado na escola era dele que logo se desconfiava. Se havia alguma briga, dizia-se logo que fora o filho do pastor que a instigara. Em verdade, porém, Jung apenas uma vez se envolveu em uma briga séria. Isso aconteceu quando um grupo de sete alunos se reuniu para lhe dar uma lição. Jung estava, então com 15 anos e era muito alto e forte. Vendo-se atacado, pegou um dos agressores e rodou com ele de tal modo que as pernas do garoto derrubaram os outros. Ante aquela demonstração de força, os atacantes fugiram e, desde aquele dia, deixaram-no em paz.

Como dissemos alhures²², a mãe de Jung era médium. Um certo dia, um incidente banal fez Jung desconfiar de que sua mãe possuía também o mesmo problema de dupla personalidade que acontecia com ele. Chegou a imaginar que sua mãe fosse uma pessoa durante o dia e outra a noite. Durante a noite, ela parecia a ele uma vidente (médium), um animal e uma sacerdotisa arcaica e cruel. Ele acreditava também que Emilie tinha o dom de ver as pessoas além da roupagem física e que ele participava com ela, deste mesmo dom. Para justificar a sua teoria, ele relata o seguinte caso.

Certo dia, ele foi a uma festa de casamento de uma amiga de sua mulher, cuja família ele não conhecia. Durante a festa foi apresentado a um senhor dono de uma bela barba que, segundo lhe disseram, era advogado. Jung sentou-se com o homem e entabularam uma conversa sobre psicologia criminal. Em um certo momento, o homem fez a Jung uma pergunta e este, para melhor aclarar o seu pensamento, imaginou um caso para servir de ilustração. À proporção que contava, com o objetivo de tornar a sua narrativa mais interessante, Jung adornou o caso com detalhes que lhe acorreram à mente. À proporção que Jung falava, foi notando que o seu interlocutor ficava cada vez mais incomodado. O incômodo chegou a tal ponto que o advogado, não mais resistindo, interrompeu-o dizendo que, contado aquela história, Jung estava sendo demasiadamente indiscreto. Jung achou estranha aquela observação e ponderou que havia inventado, naquele momento, a história que contara. Para seu espanto, então, soube que havia relatado um fato acontecido com aquele homem.

Por vezes, Jung confessa que aconteceram com ele fatos semelhantes. De quando em quando, subitamente, inteirava-se de coisas sobre outras pessoas que normalmente não poderia conhecer. Esse conhecimento se dava sempre de um modo inesperado a respeito do qual não tinha o menor controle e o mais interessante é que ele não se esquecia das coisas que havia falado nessas ocasiões. No caso do advogado, porém, ele diz, que tendo acabado de falar, esqueceu-se inteiramente do que havia dito e que este esquecimento durou até ao momento em que estava escrevendo as suas memórias nas quais se encontra o referido relato.

Esses fatos são muito comuns na ação mediúnica. Muitas vezes, o espírito desencarnado, desejando

dar um recado a uma pessoa, se valem de um médium tomando emprestado o seu aparelho vocal, colocam em sua boca as palavras que querem dizer; se houver inconsciência por parte do médium, ou se não for do interesse do espírito comunicante que o médium saiba das palavras que pronunciou, ele pode “apagá-las” da mente dele e este as esquece completamente.

Lembrando que sua mãe possuía esse tipo estranho de comportamento, Jung conta que ela, muitas vezes, falava a ele com a sua segunda personalidade e o que ele lhe dizia parecia tão grave e verdadeiro que lhe causava estremecimentos. Era, entretanto, um fenômeno raro. Se ela demorasse um pouco mais nesses diálogos, a sua segunda personalidade poderia ser um interlocutor bastante válido, comenta Jung.

Esses contatos com a mediunidade de sua mãe e com a sua própria, talvez tenha sido um dos motivos que atraiu Jung para os domínios do espiritualismo com menor dose de preconceito do que a maioria dos intelectuais de sua época, inclusive Sigmund Freud. Por esta razão, em sua primeira viagem aos Estados Unidos, ao se encontra com Willians James, tenha ficado tão satisfeito. Jung admirava Willians James embora soubesse que ele era um entusiasta da mediunidade e do Espiritismo. Foi este psicólogo americano quem estudou com grande espírito de isenção e honestidade, a mediunidade de Eleanor Piper, a Senhora Piper como ficou conhecida entre os estudiosos de Metagnomia, Parapsicologia e Espiritismo. Não seria inoportuno lembrar aqui que Jung se mostrou tão aberto e simpático ao trabalho de James que chegou a citar Imperator, o espírito guia da Senhora Piper, para corroborar a sua tese sobre o *ânimus*.²³

Voltemos, porém, a tratar das relações de Jung com seu pai. A leitura de *Memórias, Sonhos e Reflexões* revela, mesmo a um leitor pouco atento, que ele possuía, apesar dos desencontros em matéria religiosa, mais afinidade com seu pai do que com sua mãe. Tem-se a impressão de que esses três espíritos, (Jung estava com cerca de 16 anos) reencarnaram juntos, na mesma família, para reciclarem velhas hostilidades, antigos desencontros, mas que não conseguiram fazer grandes avanços neste sentido. Havia momentos em que Jung pensava em se aproximar de seu pai para discutir com ele suas dúvidas religiosas, entretanto, recuava por acreditar que já sabia de antemão o resultado daquele colóquio: respostas prontas e dogmáticas, as mesmas de que se utilizava em seu magistério.

Esta falta de diálogo entre pai e filho criava uma situação indesejável do ponto de vista educacional. Paul Aquiles preparava o filho para fazer a crisma, mas isso aborrecia seriamente o rapaz. Certa ocasião, cansado de assistir às aulas de religião dadas por seu pai, Jung decidiu por si mesmo fazer uma pesquisa religiosa e, assim, encontrando um velho catecismo começou a estudá-lo. Durante a leitura, ele topou com o dogma da Santíssima Trindade. A idéia de uma trindade que se reduzia a um deus único, interessou, vivamente, o rapaz, contudo ao falar a seu pai sobre este assunto, este lhe respondeu: passemos por alto sobre a questão da trindade porque eu também jamais entendi tal coisa.

Por um lado, Jung achou bonita a atitude de seu pai ao declarar, com toda a sinceridade, a sua ignorância; por outro, todavia, não podia aceitar que ele abordasse tal assunto em seus sermões. Esta segunda parte o decepcionava bastante e ratificava a idéia que fazia de seu pai: um homem frágil, confuso, imerso em dúvidas quanto à sua própria fé. Mesmo assim, Jung aceita fazer a crisma sob a orientação de seu pai, porém, vê naquela cerimônia uma espécie de forma sem conteúdo. Vamos ler mais uma vez o texto de Jung:

O malogro da minha comunhão teria sido um fracasso meu? Eu me preparava com a maior seriedade esperando viver, através dela, a graça e a iluminação, mas nada disto aconteceu. Deus permaneceu ausente. Por sua vontade, separei-me da igreja e da fé de meu pai e de todos os outros à medida que representavam a religião cristã. Caíra fora da igreja e este acontecimento turvou, tristemente, os anos que precederam o início dos meus estudos universitários.²⁴

Desse dia em diante, Jung está certo do seguinte: se desejar ter um verdadeiro encontro com Deus, seu

pai, muito pouco ou quase nada, poderá fazer para ajudá-lo. Assim, ele volta para a sua pesquisa independente e, para tanto, vale-se da pequena e acanhada biblioteca de seu pai, à procura de um livro que pudesse instruí-lo com respeito à existência de Deus. A maioria dos livros que encontrava, porém, possuíam concepções demasiadamente tradicionais da divindade.

Enquanto procurava, caiu-lhe nas mãos um livro, publicado em 1869, intitulado *Dogmática Cristã*, escrito por um certo Bierdmann. O livro impressionou Jung porque lhe pareceu que o autor expressava algumas idéias próprias que fugiam da “mesmice” dos livros anteriores. Ali, o rapaz lê a seguinte definição de religião: *Religião é um ato espiritual de relacionamento do homem com Deus*. Jung se interessa por aquela definição uma vez que, para ele, as relações entre o homem e Deus eram impossíveis, já que Deus é imensamente mais forte que o homem, assim, se era possível aquela relação, tornava necessário que o homem conhecesse melhor Deus uma vez que não se pode relacionar-se com uma coisa que não se conhece.

Interessado, dá início à leitura da Bíblia com o objetivo de melhor conhecer a divindade. À medida que incrementava a sua pesquisa, mais encontrava dificuldades para a explicação cartesianamente clara da idéia de Deus. Lendo o livro da Gênese, primeiro livro do Pentateuco,²⁵ Jung esbarrou com uma afirmação sobre o criador que, a cada momento de sua criação, parece estar satisfeito com o que realizava: “E Deus viu que era bom.” Como Deus poderia achar que era bom um mundo onde campeia a doença, a velhice e a morte? Pensava Jung: Como Deus poderia ter criado o paraíso e colocado lá a serpente (ou permitido que ela entrasse) para pôr fim àquele espaço de perfeição. Custava-lhe crer que Deus sentisse algum tipo de satisfação com um mundo marcado pela dor, tanto dos homens como dos animais. E mais: qual seria o lugar do diabo no mundo de Deus? Seria Satã também uma criatura de Deus? Tudo aquilo lhe parecia um absurdo ou mesmo uma arrematada tolice.

Por esta época sua mãe lhe dá para que leia, *O Fausto* de Goethe. O interessante é que ele acredita que tenha sido a personalidade número dois de sua mãe (Um espírito? Um guia?) que lhe dera aquele livro. A sua leitura o impressionou sobremodo. Vamos ler a opinião de Jung sobre *O Fausto*:

Vi assim, confirmado o fato de que havia ou houvera homens que encaravam o poder do mal no mundo e, ainda mais, que percebiam o papel misterioso desempenhado por ele no sentido de libertar o homem das trevas do sofrimento. Assim, Goethe foi, para mim uma espécie de profeta.²⁶

Esta frenética busca de Deus leva Jung a ler filosofia no *Dicionário Geral de Filosofia* e outros livros. Este conjunto de leituras deu ao rapaz um conhecimento bem acima da média dos jovens de sua idade, o que lhe causou um incidente bastante desagradável. Certo dia, um professor mandou que seus alunos, inclusive Jung, fizessem uma redação. Como o tema lhe parecesse interessante, ele se esmerou muito e terminado o seu trabalho, entregou-o ao professor e ficou à espera do resultado.

No dia em que o professor entregou à turma o a redação corrigida, Jung estranhou porque a sua não lhe havia sido entregue. Ao final, o professor disse, sem o menor constrangimento, que o melhor texto havia sido o de Jung, mas que não acreditava que houvesse sido escrito por ele. Achava que a redação estava muito além da capacidade de um aluno comum e chegou a dizer que, de quem ele havia copiado, o expulsaria da escola. O mestre, diz de ter dito essas palavras duras e injustas, limitou-se a virar-lhe as costas, não lhe dando oportunidade de se defender.

Jung ficou indignado e, por um instante, acalenta em seu íntimo o desejo de se vingar do professor prepotente e arbitrário. Em seguida, refez esta posição e considerou que não havia motivo para agitação. Muito provavelmente o mestre era um tolo e incapaz de compreender a sua maneira de ser, o que não era nada de anormal uma vez que ele mesmo não se compreendia muito bem. Com esse pensamento, resolveu

aplaçar a sua ira contra o professor e voltar para a atividade normal da escola.

Os colegas da escola o apelidaram de Pai Abraão e o chamavam também de Barril e Jung não se importava muito com isso. Motivado pelo desejo de aprender cada vez mais, Jung mergulha, com entusiasmo, no estudo da Filosofia. Entra, então, em contato com filósofos pré-socráticos como: Pitágoras de Samos, Heráclito de Éfesos, Empédocles de Agrigento, Parmênides de Eléia. Essas leituras o levam por fim ao divino Platão. Toma-se de paixão pelo pensamento grego. Diz que em Meister Eckhart, teólogo, místico e filósofo alemão, sente pela primeira vez, o sopro da vida, posto que não entendesse muito bem aquele pensamento. O pensamento cristão, contudo, o deixa indiferente. Desgosta-se do intelectualismo aristotélico de Tomaz de Aquino que lhe parece, além de superficial, demasiadamente árido. Desconfia do racionalismo hegeliano.²⁷

O seu grande encontro intelectual, porém, se dá com o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860). O que mais impressiona neste pensador é a maneira de abordar o sofrimento do mundo, coisa que não havia visto ainda em, outro filósofo. Por fim encontrara um homem que não tivera medo de falar das imperfeições existentes nos fundamentos do mundo. Schopenhauer não falava de uma Providência sábia e justo e de uma harmonia na criação; pelo contrário, ele falava claramente da perversidade que provinha apenas de uma coisa: da cegueira da Vontade Criadora.

A filosofia de Schopenhauer parecia-lhe correta porque perfilhava uma simples visão do mundo que não excluía a dor e o sofrimento. Existia, julgava Jung, na natureza, uma incrível maldade. Quando menino, havia visto minhocas devoradas, aos poucos, pelas formigas; insetos que se despedaçavam; raposas sarnentas, pássaros doentes etc. Por outro lado, o convívio com os homens também poderia confirmar a inexistência da bondade humana ou de uma moralidade natural.

O jovem Jung continuou estudando e lendo como um desesperado, como uma pessoa que tivesse fome, muita fome de saber e que acreditasse que o conhecimento lhe trouxesse algo parecido à paz. Este foi o ideal que ele prosseguiu desde muito jovem, mas que jamais encontrou. Assim, pouco a pouco, Carl Gustav Jung foi avançado apesar das dificuldades e, por fim, terminou o curso básico e estava preparado para um vô maior: a Universidade.

¹⁶ Arte de cuidar de crianças. Deriva do latim puer,infante

¹⁷ Jung estava, então, com 83 anos.

¹⁸ Jung. Op.cit.p. 17

¹⁹ Jung.Op.cit.p. 43

²⁰ Esculápio era o deus da medicina na Grécia Antiga. No passado era comum trocar-se, em alguns casos, a palavra médico por Esculápio.

²¹ Jung. Op. cit. p. 44

²² Em outro lugar

²³ Jung chama de Animus a figura masculina arquetípica que se encontra no inconsciente feminino e Anima, arquetipo feminino que está no inconsciente masculino.

²⁴ Jung. Op. cit. p. 60

²⁵ Nome que se dá aos cinco primeiros livros da Bíblia atribuídos a Moises. São eles: AGênesis, o Êxodos, o Levítico, Números e Deuteronômio.

²⁶ Jung. Op. cit. 64

²⁷ Referência a George Wilhelme Friedrich Hegel (1780-1831)

CAPÍTULO III



BUSCANDO CAMINHOS



Terminado o curso ginásial, Jung chega à conclusão de que deveria ganhar a vida, procurando uma profissão que lhe abrisse um futuro promissor tanto social como financeiramente. De início, ele pensou em ser naturalista, especializado em Zoologia. Se entrasse por este caminho, por certo acabaria professor de Ciências Naturais ou funcionário do Jardim Zoológico. Esta, porém, não era uma perspectiva atraente, mesmo para uma pessoa que não desejasse muito da vida. Desse modo, embora gostando das ciências da natureza, Jung desistiu de estudar Zoologia.

Ocorreu-lhe, então, a idéia de fazer Medicina. Jung fica admirado de não ter pensado antes naquela possibilidade uma vez que seu avô paterno, como já vimos em outra parte deste livro, era médico em Basiléia. Explica esse “esquecimento” (e até mesmo uma certa resistência a ser médico) pelo fato de haver, muito cedo, imaginado para si mesmo uma divisa: “jamais imitar pessoa alguma”. Ante a necessidade de tomar uma decisão fundamental em sua vida, resolve rever sua posição e considera favorável à Medicina o fato de que os estudos médicos se relacionavam às Ciências Naturais, uma das disciplinas que Jung mais gostava.

Feita a escolha, havia um outro grave problema: como fazer um curso caro como Medicina sendo um estudante pobre? Sem dinheiro, não poderia, por exemplo, estudar em uma universidade estrangeira. Por ser pouco simpático aos professores e aos colegas, não esperava contar com a ajuda deles. Seu pai, que poderia bancar com apenas uma parte das despesas com os estudos de seu filho, pleiteou e conseguiu uma bolsa de estudo para ele. Este fato que deveria ser visto como uma vitória, não agradou Jung, muito pelo contrário, provocou-lhe vergonha, pois, com a aquisição da bolsa, a sua pobreza ficaria demasiadamente exposta. Não haveria, porém, escolha porque urgia tocar a vida para frente uma vez que o tempo não para. Assim, na Primavera de 1895, ele foi aprovado no Curso de Ciências Naturais e Medicina na Universidade de Basiléia. Paul Aquiles ficou muito satisfeito com a aprovação, entretanto, a sua saúde tornava-se cada vez mais débil.

No Outono de 1896, Jung chegou à sua casa depois das aulas e, como era seu costume, perguntou pelo pai. O pastor Aquiles Jung estava muito mal e delirava. Sua mãe respondeu a pergunta dizendo:

– Ele quer saber se você passou nos exames finais.

– Sim. Foi tudo bem. Respondeu Jung.

O doente, que havia ouvido a resposta, suspirou aliviado e fechou os olhos. Jung aproximou-se de seu pai. Estavam os dois sozinhos, pois Emilie ficara ocupado no quarto ao lado. Paul Jung começa a deixar esta vida, estertora, agoniza. O rapaz percebe que o pai está morrendo. Vai ao cômodo ao lado chamar sua mãe. Ele estava sentada fazendo tricô. “Ele está morrendo”, disse Jung. Ela deixou o tricô sobre a cadeira e foi até a cama de seu marido, mas ele já estava morto. Ela limitou-se a dizer admirada: “Como tudo acontece depressa.”

Os dias seguiram pesados e tristes como em um inverno chuvoso. Um dia, a mãe de Jung falou-lhe com a sua segunda voz:²⁸ “Ele desapareceu na hora certa para você.” Jung interpreta a frase de sua mãe como: “Vocês não se entendiam e ele poderia ser um obstáculo para você.” Apesar da crueza aparente daquelas palavras, elas serviram para Jung como um lembrete de que uma parte de seu passado deveria ser definitivamente esquecida. Ele sente então uma forte sensação de virilidade e de liberdade. A seguir, ele se instala no quarto paterno e assume a posição de seu pai na família. Controla, agora, a economia familiar uma vez que Emilie era inteiramente incapaz de fazê-lo.

A esta altura da vida de Jung, acontece com ele um novo fenômeno inusitado. Vamos ler, porém, as

próprias palavras de Jung:

Seis semanas depois de sua morte, meu pai apareceu-me em sonho. Surgiu, bruscamente, diante de mim e me disse que havia voltado de férias. Tinha descansado e voltado para casa. Pensei que me censuraria por me haver instalado em seu quarto, mas ele nada disse. No entanto, envergonhava-me por haver imaginado que ele havia morrido. Alguns dias depois, o sonho se repetiu: meu pai voltava para casa e eu me censurava por tê-lo julgado morto. Perguntei a mim mesmo: o que significava esta volta de meu pai em sonhos? Porque tem aspecto tão real? Este acontecimento tão inesquecível obrigou-me, pela primeira vez, a refletir sobre a vida depois da morte.²⁹

Teria Jung sonhado com seu pai? Teria o velho pastor luterano vindo ver seu filho depois de desencarnado? Ou ainda: teria Jung sido levado, por espíritos amigos ao Plano Espiritual onde estava seu pai para lhe dar uma prova da imortalidade da alma? As três hipóteses são possíveis embora perfilhemos a primeira delas. Jung ficou muito impressionado com o seu sonho uma vez aquele fenômeno onírico com um sonho clássico em que as imagens aparecem, muitas vezes, absurda e confusas ou se condensam em situações incompreensíveis, apresentada em linguagem rica de simbolismo. Não. Havia sido um sonho demasiadamente claro e objetivo, tão claro que leva o próprio sonhador a se perguntar: “por que tem aspecto tão real?” Este sonho – diz o próprio Jung – fê-lo refletir sobre a vida depois da morte.

Com a ausência do pai, a situação econômica da família piorou consideravelmente e, por isso, a continuidade dele, na Universidade, tornara-se difícil. Uma parte da família achava que o melhor a fazer seria Jung abandonar o seu curso universitário e ir trabalhar, como caixeiro, em uma casa de comércio para que a família pudesse ter uma renda, ainda que pequena, o mais rápido possível. Um irmão mais moço de Emilie dá uma colaboração para que a situação financeira da família fosse minorada e um tio do lado paterno empresta a Jung uma considerável soma em dinheiro para garanti-lo na Universidade. Jung, por seu turno, consegue, com habilidade, vender uma coleção de peças antigas de uma de suas tias em por um bom preço. O lucro foi bem alto e o rapaz embolsou boa parte dele.

Durante os cinco primeiros anos de estudos universitários, Jung percebeu que as Ciências Naturais, do modo como eram ensinadas, possuíam uma tendência muito tecnicizada e inteiramente materialista. Em seu estudo não apareciam noções sobre a alma, assunto que lhe era bastante caro. A filosofia havia chamado a sua atenção para a alma e ele estava certo de que, sem o conceito de alma, não poderia haver saber profundo. Esta ausência na Medicina de uma idéia que lhe era particularmente importante, deixou Jung bastante decepcionado com o curso.

Um dia, porém, no final do segundo semestre Jung fez uma descoberta, no mínimo, inquietante. Esta ale na biblioteca do pai de um colega da Universidade quando encontrou um livrinho, escrito por volta dos anos setenta, que tratava da aparição de espíritos. O livro era da autoria de um teólogo e enfocava os primórdios dos estudos a respeito dos problemas mediúnicos. Jung se dedica à leitura do texto e nele encontra as mesmas histórias que se acostumara a ouvir em sua infância na casa de seus avós maternos. O material pareceu-lhe autêntico, todavia, era difícil determinar com clareza a realidade objetiva de tais fenômenos, e o livro não era muito claro a este respeito.

Ao terminar a sua leitura, Jung chegou à seguinte conclusão: há muitos anos, desde o início das civilizações históricas, notícias sobre a aparição de espíritos são encontradas nas mais diferentes épocas e nos mais diversos lugares. Por que tal coisa acontecia? De início, Jung procurou não tirar daquele fato nenhuma consequência religiosa. De uma coisa, entretanto, estava certo: se tais fenômenos, de fato existissem, deveriam ser entendidos como produções objetivas da alma humana.

Embora encarasse o Espiritismo com alguma suspeita e reservas, Jung ficou muito interessado neste assunto e, segundo a sua própria declaração, teria lido toda a literatura espírita que lhe caíra nas mãos.³⁰

O fato é que a leitura desses textos entusiasmou o jovem Jung a tal ponto que ele começa a falar delas com seus colegas na Universidade. A resposta que recebe deles é a gozação ou a negação pura e simples. Ele achava muito estranha aquela atitude preconceituosa de pessoas que negavam a possibilidade da existência de espíritos, das mesas girantes, afirmando que tais coisas eram simples embustes sem que, contudo, se dedicassem com seriedade ao estudo desses fenômenos. Para Jung o comportamento de seus colegas parecia mais produto do medo do que outra coisa qualquer.

Jung não conseguia entender qual o motivo para aquele comportamento de seus colegas e de muitos de seus professores. Deveriam desconhecer e, por conseqüência, temer, o que não compreendiam: sonhos premonitórios; aparições de espíritos; memórias extra-cerebrais; percepção extra-sensorial e animais; relógios que param misteriosamente na hora em que o seu dono ou uma pessoa com eles relacionada, morria. Tudo isso interessava vivamente a Jung, entretanto, também o preocupava o fato de se tornar uma pessoa excêntrica por acreditar neste tipo de coisa, e isso não era bom.

O mais sensato que teria a fazer – acreditava Jung – era concentrar-se no estudo de Medicina, deixando de lado as questões da paranormalidade. Assim, no semestre seguinte, ele se torna sub-assistente das aulas de Anatomia e, no mesmo semestre o professor encarregado das dissecações confiou a ele a direção do curso. Por outro lado, desagradava-lhe bastante as aulas de Fisiologia por causa das vivissecações praticadas com o animais a fim de ilustrar aulas demonstrativas. Magoava-lhe o sofrimento das cobaias que ele acreditava serem seus irmãos pela natureza e não meras coisas das quais se pudesse usar e abusar. Por isso, sempre que podia, costumava “matar” as aulas demonstrativas de Fisiologia.

O interessante é que ele não explica esta atitude compassiva para com os animais, nem a partir das leituras de Schopenhauer, onde se notam laivos do respeito pela natureza que se encontra no Budismo, nem como fruto de uma atitude eticamente lógica com a que norteia as chamadas Sociedades Protetoras dos Animais. Ele acreditava que o seu modo de ser, que o seu sentimento para com os animais, repousava, mais concretamente em uma atitude própria do espírito primitivo de identificação inconsciente com os animais, como é comum ao totemismo. De fato, porém, Jung continua a conhecer muito pouco sobre si mesmo naquele caso e também em outros. Apesar de não gostar de Fisiologia, Jung conseguiu ser aprovado nesta disciplina com boas notas.

O tempo passou e Jung intensificou os seus estudos de Filosofia. Aos domingos, lia Kant. Leu também ardorosamente a obra de Eduardo Von Hartmann. Gostaria de ler Nietzsche, pois seu pensamento era, então, bastante discutido na Universidade (embora relativamente rejeitado), mas não se considerou maduro o suficiente para compreendê-lo. Por fim, a curiosidade vence a cautela e ele lê o livro de Nietzsche, *Assim Falava Zaratustra* e ficou impressionado considerando esta obra do mesmo nível do Fausto de Goethe. Assim, pouco a pouco, ele vai burilando o espírito, aumentando bastante a sua cultura e se preparando para o tipo de tarefa que teria mais à frente.

Durante as férias de verão de 1896, deu-se um fato que não só afetou, profundamente, a vida de Jung como exerceu nele uma profunda influência. Certo dia, encontrava-se em casa estudando em seu escritório enquanto sua mãe, na sala ao lado, fazia o seu costumeiro tricô. Na sala onde ela estava, havia uma mesa redonda e sólida, feita de nogueira, que havia pertencido a seu avô, há cerca de 70 anos. Emilie estava sentada perto da janela, em uma poltrona, mais ou menos a um metro da referida mesa. Jung se encontrava em casa somente com sua mãe, uma vez que a sua irmã estava na escola e a empregada, na igreja.

Tudo estava calmo e silencioso quando, de repente, ouviu-se um estalo semelhante a um tiro de

revólver. Jung levou um susto como seria de esperar, e, deixando o seu escritório, correu para a sala onde estava sua mãe. Melhor aqui, porém, seria entregar o relato ao próprio Jung:

Precipitei-me até a sala, de onde viera o estampido. Minha mãe, espantada, mantinha-se sentada, o tricô caíra-lhe da mão. Olhando a mesa, ela balbuciava: “O que aconteceu? Foi bem perto de mim.” Constatamos o que acontecera: a tábua da mesa havia rachado até a metade de seu comprimento, não na sua parte colada, mas na madeira inteiriça. Fiquei perplexo. O que significava aquilo? A mesa era de nogueira sólida, cuja madeira secara há setenta anos e rachara em um dia de verão, apesar da umidade relativamente elevada como era habitual em nossa casa. Se o fato houvesse ocorrido perto da lareira acesa, em dia de inverno frio e seco, seria compreensível. Mas o que teria ocasionado uma tal explosão? Há casos estranhos, pensei finalmente. Minha mãe falou com a voz de sua personalidade número dois: “Sim, deve significar algo.” Estava impressionado e, ao mesmo tempo, contrariado por não compreender de forma alguma o que havia acontecido.³¹

Passaram-se 14 dias e, em uma tarde, Jung, voltando para casa, encontrou sua mãe e sua irmã bastante agitadas. Novamente, havia acontecido um estalo, mas, desta vez, não havia sido na mesa, pois o barulho viera do buffet, um móvel do século XIX. As mulheres haviam examinado o móvel exaustivamente, entretanto, nada encontraram que justificasse o estranho ruído. Jung, a pedido de sua mãe, examinou o interior do móvel e, ao fazê-lo, encontrou uma faca com a lâmina quase que inteiramente partida.

Intrigado com o acontecimento, Jung levou a faca a um couteleiro renomado que vivia em sua cidade e pediu a ele que examinasse o material. O homem observou cuidadosamente os pedaços da faca e concluiu que não havia defeito no aço que justificasse o acontecido. Na opinião do especialista a faca havia saído partida por uma pessoa que a houvesse forçado na fenda da gaveta ou a tivesse atirado do alto, sobre uma pedra. O homem terminou a sua avaliação dizendo: “É puro aço. Não poderia quebrar à toa. Pregaram-lhe uma peça.”³²

Todas essas coisas surpreendentes, muitas outras que ainda veremos, parecem “toques” dados pelo Plano Espiritual no sentido de despertar Jung para os fenômenos mediúnicos, o que é mais importante: para a tarefa que deveria executar na Terra em prol da causa espírita que Allan Kardec havia iniciado com a publicação de *O Livro dos Espíritos* em 18 de abril de 1857 e que precisava avançar cada vez mais, principalmente, no espaço da Universidade e, particularmente, no campo da Psicologia.

²⁸ Termo usado por Jung para se referir à segunda personalidade de sua mãe.

²⁹ Jung. Op. cit. p. 93

³⁰ Ao que parece, aquilo que Jung está chamando de literatura espírita não tem a menor relação com Doutrina Espírita. Trata-se, muito provavelmente, de obras de autores como Arthur Conan Doyle, Emmanuel Swedenborg William James, Richet, Bozano, Lombroso entre outros. É muito pouco provável que tenha lido as obras de Allan Kardec, embora já estivessem publicadas antes de seu nascimento.

³¹ Jung. op. cit. p. 101

³² Jung deu tal importância a esse fato que guardou a faca quebrado em quatro pedaços por muito tempo.

CAPÍTULO IV



O CASO
HELENA PREISWERK



A personagem que dá nome a este capítulo – Helena Preiswerk – era uma prima de Jung que, na época em que se passam esses acontecimentos, estava com quinze anos. Helena possuía uma mediunidade florescente e a sua família, que parecia apreciar e mesmo incentivar as práticas mediúnicas, passa a realizar sessões espíritas, naturalmente sem qualquer método ou critério como é comum às sessões mediúnicas em que predomina a simples curiosidade. Estas sessões aconteceram no Presbitério de Kelin – Hunningen e foram organizadas por Emilie Jung, mas sem o conhecimento do marido que, por aquela ocasião, ainda se encontrava encarnado.

A primeira sessão aconteceu à noite. Em seu livro sobre Jung, Frank Maclynn acusa o seu biografado de ter manipulado a informação sobre a data desta sessão. Diz ele que Jung coloca a sessão em 1889, quatro anos depois da data verdadeira. Critica também o psicólogo suíço por ter dito que as sessões foram realizadas sob rígido controle científico quando, de fato, foram questões familiares sem qualquer tipo de controle.

Nas sessões de 1895, Helena Preiswerk teria entrado em contato com os avós paternos e maternos de Jung já desencarnados. “Incorporada”, a moça assume o estilo, a voz e o tom professoral de Samuel Preiswerk, o que seria difícil para uma quase menina fazer. Aproveito esta oportunidade, para chamar atenção do leitor para um fato que nos parece importante: refiro-me à frase de George Louis Leclerc Conde de Buffon (1707-1778) que em seu livro *Discours sur le Style* declara que *O estilo é o próprio homem*. Todas as vezes que se fala de mediunidade em que alguém assume o estilo de uma outra pessoa a ponto de tornar conhecida a identidade do Espírito comunicante, é de nosso ponto de vista, uma evidência considerável da autenticidade do fenômeno. Na literatura mediúnica o maior exemplo desta fato é o livro psicografado por Francisco Cândido Xavier que se intitula *O Parnaso do Além Túmulo*. Vamos, porém, voltar à nossa narrativa.

Nesta mesma sessão, a moça incorporada falava um alemão erudito, ao invés do dialeto suíço da Basiléia. Na suíça se fala, além dos dialetos locais, o francês e o italiano, portanto Helena não falava alemão e, muito menos, erudito. Ao fim de cada uma dessas sessões, a moça estava segura de que espíritos desencarnados falavam através dela, contudo, não sabia dizer o que eles haviam dito.

Em 1897, houve novas sessões e nela se manifestou, mais uma vez, o velho pastor Samuel Preiswerk. Nesta oportunidade, o avô de Jung traz um tipo de mensagem proselitista na qual fala da necessidade de uma pátria para os judeus e na conversão de israelitas ao Cristianismo. As pessoas presentes – diz Maclynn – ficaram confusas porque, em vida, Samuel havia sido um sionista convicto. Ardente defensor do Judaísmo, sendo incapaz de propor algo como a conversão de seu povo à religião do Crucificado.

As sessões continuaram e Helena passou a apresentar um novo tipo de transe que Jung chamou de estado de semi-sonambúlico, no qual ela permanecia inteiramente consciente enquanto dava as suas comunicações. Então se manifestou uma nova personalidade que apresentou sob o nome de Ivenes. Este espírito comportava-se como uma lady, equilibrada, calma, tranqüila, segura de si, em franca oposição à personalidade do médium, que era imatura, dada à frivolidade e bastante instável. Essa entidade costumava dirigir-se às pessoas presentes, fazendo revelações sobre as suas vidas passadas.

Durante uma das sessões, Jung chamou a atenção de sua prima para um livro, então em voga, que se intitulava *The Seeres of Prevost (A Vidente de Prevost)*. Depois disto o comportamento de Ivenes mudou e ela passou a se comunicar em uma língua estranha, mistura do francês com o italiano. Conta que fizera viagens ao planeta Marte, descrevendo máquinas voadoras lá existentes e os canais do planeta vermelho.

Conta que havia viajado até as longínquas estrelas e aprendera a comandar os espíritos negros. Samuel Preiswerk continuou a se manifestar funcionando como guia do médium e fazendo sermões de ordem moral. Com a continuidade das reuniões, um grande número de espíritos passou a se comunicar através de Helena, uns falantes exuberantes e outros, caladões e macambúzios.

Havia também uma série de mensagens reveladores sobre as vidas de Helena, ou melhor dizendo, de Ivenes. Depois de ter sido uma jovem seduzida pelo poeta Goethe, seguem-se encarnações como a Vidente de Prevost, o bisavô de Jung, Madame Valours que, no século XVIII foi acusada de feitiçaria e queimada em uma fogueira e a Condessa de Thiefelsenburg. Finalmente, teria vivido no primeiro século de nossa era como mártir cristã durante a perseguição de Nero.

Em muitas de suas encarnações, Ivenes havia tido uma grande quantidade de filhos, o que criava uma verdadeira teia de relações, formando uma complicada genealogia. De quando em quando, ela gostava de fazer revelações inusitadas. De uma certa feita, disse a Jung que uma das amigas dele havia sido, no século XVIII, uma terrível feiticeira especialista em envenenamentos. Ela teria conhecido Jung em Paris, durante essa vida como envenenadora. Em outros momentos, Ivenes se arvora em doutrinadora e reveladora das coisas do Mundo Espiritual. Ensina, então, que o Mundo dos Espíritos era formado por sete círculos. Luz e trevas fazem parte do terceiro círculo. A matéria existe apenas no segundo círculo. A força luminosa desses círculos aumentava ou diminuía conforme o maior ou menor afastamento da Força Primária.

A situação ficou bem mais grave quando Helena começou a ter manifestações fora das sessões. Em uma certa, ela aparece no quarto de Jung vestida sumariamente. Em outra oportunidade, Jung convidou alguns de seus colegas da Universidade para assistirem às sessões de materialização feitas por sua prima. Naquela ocasião ela fez aparecer alguns objetos que teriam sido transportados por espíritos. Em uma das reuniões, porém, um dos estudantes amigo de Jung surpreendeu Helena em flagrante, tirando de sob a saia, um dos objetos supostamente transportados por espíritos. Logo em seguida, Jung percebeu que a sua prima havia se apaixonado por ele e isso o aborreceu sobremaneira, fazendo por fim às sessões.

O que se pode pensar sobre todos esses acontecimentos? Para Jung as sessões com a prima foram interessantes porque ela havia sido a primeira pessoa a revelar a ele a existência da dimensão inconsciente da personalidade. Muito provavelmente, teria sido a partir destas sessões e não da leitura do manual de Krafft- Ebing³³ que Jung se decidiu pela Psiquiatria. A atividade inconsciente ficou clara para ele no momento em que percebeu a habilidade de sua prima para ascender a um nível mental muito superior ao que lhe era próprio.

A questão das personalidades múltiplas que seria o caso de Helena Preiswerk entre outros, possuía à época, várias interpretações. Os organicistas explicavam o fenômeno por possíveis alterações no cérebro; os associacionistas, por seu turno, atribuíam o fato à perda de contato entre dois grupos principais de associações; Theodore Flournoy sustentava que a personalidade principal estaria envolvida em jogos de regressão de memória com progressão e desempenho de papéis. A esses se poderia acrescentar a tese sociológica, segundo a qual o organismo psíquico se confundia por ter de viver em diferentes tempos com diferentes sistemas de valores.

A nossa opinião não coincide com estas hipóteses, pois acreditamos na mediunidade de Helena Preiswerk. O fato de ela ter mistificado em uma sessão (ou em muitas) não a desacredita como médium. Eusápia Paladino, famosa médium italiana que foi estudada exaustivamente por Cesare Lombroso e outros psiquistas, fraudou algumas vezes. O problema de Helena foi a total ausência de estudo e de

seriedade por parte dela. Faltou-lhe orientação segura com respeito aos fenômenos que com ela aconteciam. A mediunidade não pode, e nem deve ser considerada como uma simples brincadeira ou como um espetáculo circense que mata a curiosidade dos leigos. Mediunidade é trabalho, é tarefa divina de edificação, contudo, quando desviada de seus reais objetivos pode ser causa de graves perturbações. Provavelmente Helena jamais tivesse compreendido o que aconteceu com ela e, sem qualquer tipo de ajuda e de esclarecimento sobre o fato mediúnico se perdeu inteiramente.

Gostaria de terminar este capítulo com um assunto não muito agradável. Jung utilizou o caso de Helene Preiswerk em sua tese de final de curso, mas não teve a elegância de conservar o nome dela em oculto e o que é pior a relação dela para com ele também foi desvelada. Diz Maclyn: *O caso foi tão sério que a moça teve de deixar a sua cidade indo costurar em Montpellier e, depois em Paris, só voltando anos depois. Ansioso por ser publicado e conquistar fama não se importou com a dor que poderia causar a sua prima Belle Amie. Críticos mais severos vão mais longe e dizem que, ao divulgar a história, ele arruinou a vida dela.*³⁴

³³ Richard von Krafft-Ebing (1840-1902). Psiquiatra alemão. Introduziu em sua obra os conceitos de sadismo, masoquismo e fetichismo no Estudo do comportamento sexual.

³⁴ Maclynn Op. cit. p. 64

CAPÍTULO V



DAS ÍNDIAS AO PLANETA MARTE



Pedimos permissão ao nosso paciente leitor para tratar de um assunto, aparentemente não pertinente ao que estamos desenvolvendo, entretanto, esta impertinência é apenas aparente, como veremos no decorrer desta exposição.

O título desta capítulo é o mesmo de um livro escrito por Theodore Flournoy (1854-1920), professor de Psicologia da Universidade de Genebra e pesquisador de Metapsíquica. O assunto do livro é a médium Catherine Elise Muller que ficou conhecida no espaço daqueles que se interessam por Parapsicologia como Helene Smith. Catherine nasceu em Martigny, em Valais, na Suíça no dia 9 de dezembro de 1861 e faleceu em Genebra em dez de julho de 1929.

Quando a nossa história começa, Catherine que, a partir de agora, passaremos a chamar de Helena Smith, trabalhava em uma casa comercial onde, em razão de sua honestidade e capacidade de trabalho, havia conseguido atingir um cargo de muita importância, alguma coisa que, modernamente, se poderia chamar de gerência.

Flournoy descreve Helena como uma mulher alta, bonita, com cerca de trinta anos de idade, cabelos e olhos escuros, rosto inteligente e vivo. A sua aparência, de modo algum, lembrava o aspecto extático e macilento de certos médiuns da época (e até em nossos dias eles existem) cujo ar de antiga sibila³⁵ desperta logo a desconfiança das pessoas sensatas embora impressione os incautos. Muito pelo contrário, ela parecia uma pessoa extremamente saudável, acunhando uma robustez física e mental que levava aqueles que com ela entrassem em contato, a simpatizar-se com ela à primeira vista.

Tendo-se aproximado de grupos espíritas, ficaram evidentes as suas faculdades mediúnicas. Era médium vidente, clariaudiente e de incorporação. Durante as sessões, Helena recebia mensagens mediúnicas que se referiam a acontecimentos passados, normalmente desconhecidos das pessoas presentes, mas cuja veracidade se comprovava recorrendo-se a dicionários históricos, enciclopédias ou mesmo à tradição das famílias a que tais mensagens se referiam. Não era apenas isso. Frequentemente havia mensagens de espíritos desencarnados com prescrições médicas quase sempre muito eficientes, discursos morais edificantes, recados de pessoas desencarnadas há pouco tempo e, finalmente, informações sobre as vidas passadas das pessoas presentes, mas que, infelizmente, não podiam ser comprovadas facilmente.

Assim, ela identificava uma pessoa como tendo sido o Almirante Coligny, nascido em Châtillon – sur-Loing, em 1519 e morto em Paris, em 1572, na tristemente famosa noite de São Bartolomeu. Outra pessoa era identificada com a princesa Lamballe (1749-1792) amiga íntima de Maria Antonieta, a rainha da França guilhotinada em 1793, meses depois do rei Luiz XVI, seu esposo. Helena possuía um espírito-guia que orientava as sessões e se identificava como Leopoldo, que, em vidas passadas havia sido o famoso personagem José Bálamo, conhecido pelos amantes da literatura francesa, principalmente dos romances de Alexandre Dumas e os conhecedores do Ocultismo. Este fato é muito comum no Espiritismo. Basta lembrar a relação médium-guia existe entre Francisco Cândido Xavier e Emmanuel e Divaldo Pereira Franco e Joana de Angelis.

Nas primeiras sessões, conta-nos Flournoy, Helena era consciente dos fenômenos que aconteciam com ela. Apresentava apenas ligeiro transe, conservando-se, aparentemente, senhora de si mesma. Nesse estado, conversava com as pessoas, descrevia as suas visões e repetia as palavras que, segundo ela, os espíritos lhe ditavam. Com o passar do tempo e a continuidade das sessões, Helena foi ficando cada vez mais inconsciente e sua memória, anteriormente preservada, passou a apresentar falhas de modo que não

mais se lembrava do que havia dito em estado de transe. Em algumas oportunidades, incorporava espíritos e, então, sua personalidade alterava-se sensivelmente.

A essa altura dos acontecimentos a moça começou a apresentar fenômenos estranhos em sessões diferentes ou mesmo no decorrer de uma mesma sessão. Esses fenômenos que Flournoy dividiu em ciclos possuíam três momentos ou fases distintas: O Ciclo Hindu, o Ciclo Real e o Ciclo Marciano. Vamos em seguida examinar esses ciclos, guiados pelo texto de Flournoy.

No Ciclo Hindu, a médium vivia uma suposta encarnação na Índia como filha de um xeque árabe e seu nome era Simandini. Seu pai a dera como esposa a um príncipe chamado Sivrouka Nayaca, que havia reinado em Kanara e, em 1401, havia construído a fortaleza de Tchandraguiri. Quando Helena vivia esta encarnação, expressava-se em Sânscrito, língua muito antiga falada na Índia.

Era um problema de difícil solução para Flournoy: como explicar que aquela moça simples pudesse falar em Sânscrito, uma língua antiquíssima conhecida no Ocidente apenas por um número bastante reduzido de eruditos orientalista? Flournoy que não admitia nem como hipótese a reencarnação, imaginava que o conhecimento para-normal de Helena, no que dizia respeito ao Sânscrito, teria origem em uma gramática daquela língua que ela houvesse folheado ao acaso, ou em um texto escrito naquele idioma com o qual houvesse entrado em contato.

É difícil acreditar que um homem inteligente e culto como Flournoy, pudesse aceitar a possibilidade de uma pessoa dominar as estruturas fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas de uma língua como simples vista em uma gramática ou por meio de um conato circunstancial com um texto de uma língua desconhecida para ela. Do nosso ponto de vista, seria mais fácil acreditar na reencarnação em uma argumentação deste tipo. Acresce-se isso, o fato de que Helena sempre afirmou que jamais havia tido, ante seus olhos, um texto em Sânscrito de nenhuma natureza.

No caso de Helena Smith, há uma questão muito mais surpreendente: não há a letra “F” no Sânscrito realizado pela médium, o que acontece também com o Sânscrito da Índia; ora seria necessário uma formação muito mais do que superficial na cultura indiana para saber que aquela língua não possui esta letra. Em Sânscrito também não existia a vogal “U”. Helena pronunciava esta vogal, embora ao escrever grafasse “OU”.

Flounoy nos conta, profundamente impressionado, a performance dramática de Helena no papel de Simandini:

A maneira pela qual Simandine sentava-se, languidamente, apoiando um braço ou a cabeça sobre os ombros de um Sivoukra imaginário, ora real (quando ela me tomava como sendo esse príncipe), ora imaginário (em que ela se mantém apoiada no ar em atitude de equilíbrio inverossímil que implica em contratação de equilibrista); a gravidade de suas prosternações quando, após haver durante muito tempo feito oscilar a caçoila³⁶, ela cruza sobre o peito as mãos distendidas; ajoelha-se e inclina-se três vezes com a testa quase roçando no chão; a suavidade melancólica de seus cantos em surdina, que se desenvolvem por entre nós como que de flautas, prolongando em longo decrescendo e só se extinguindo ao cabo de 14 segundos; a desenvoltura de seus movimentos ondulantes e flexuosos quando ela brinca com um macaco imaginário; acaricia-o, beija-o, excita-o ou ralha com ele, rindo ou fazendo repetir os seus meneios; todas essas mímicas são diversas, todo esse modo de falar exótico tem tal cunho de originalidade que nos perguntamos estupefatos: como pode esta moça do lago Léman, sem educação artística e sem conhecimento especial do Oriente, arranjar tamanha perfeição que mesmo a melhor atriz só conseguiria por certo, mediante a estudos prolongados ou por longos estágios nas margens do Gandhi.³⁷

Vejamos, em continuidade, o Ciclo Real. Neste caso, Helena Smith, em uma existência passada na França, no final do século XVIII, havia sido a Infeliz Maria Antonieta, esposa de Luiz XVI. Esta encarnação marcou-a de tal modo que sentia verdadeiro pavor quando se aproximava de homens de meias brancas, usando brincos, sapatos reluzentes, portando fuzis. Esta seria a indumentária dos homens

que levaram a rainha escoltada para ser decapitada na guilhotina, durante a Revolução Francesa.

Inicialmente, a médium apenas relatou oralmente a sua vida passada como rainha da França, depois ela passou para uma fase de dramatização do papel de soberana e, por fim, passou a escrever e assinar como se fosse Maria Antonieta. Quanto ao seu papel dramático, poder-se-ia considerar dois aspectos: a representação de uma rainha ou de uma mulher da nobreza em geral e a representação específica da esposa de Luiz XVI. No primeiro caso nada deixa a desejar, porém, pode-se dizer que é muito bem vivido. Sobre esta questão nos escreve Flournoy:

É preciso ver quando o transe real é franco e completo, a graça, a elegância, a distinção, a majestade mesma que irrompem das atitudes e gestos de Helena. As mais delicadas nuances de expressão, a amabilidade encantadora, condescendência ativa, piedade, indiferença, desdém, manifestam-se uma após outra em sua fisionomia e em seu comportamento ante o desfilar dos cortesões que povoam seus sonhos. Seus jogos de mão com o lenço verdadeiro e com acessórios fictícios: o leque, o binóculo, o frasco de perfume tampado que ela traz na escarcela³⁸ pendurada na cintura. E as suas reverências, os seus movimentos cheios de desenvoltura que fazem atirar para trás a suposta cabeleira. Tudo isso é, ao mesmo tempo, indescritível e perfeito como a naturalidade espontânea.³⁹

Outro traço interessante de Helena Smith no papel da rainha francesa, era a finesse com que se comportava. Quando dialogava com as pessoas presentes e essas faziam a ela considerações incômodas, a médium replicava de um modo assaz espirituoso que desarmava o seu interlocutor e esta maneira de ser estava perfeitamente de acordo com os hábitos das cortes européias, notadamente a francesa.

Quanto ao papel específico de Maria Antonieta, ela, na opinião de Flournoy, ficava a dever. Assim, a assinatura de Helena em nada se assemelha a da rainha guilhotinada. Havia, por certo, algumas analogias ortográfica entre as duas assinaturas, tais semelhanças era características do sistema ortográfico francês do século XVIII, não podendo, desse modo, funcionar como um elemento identificador da personalidade de Maria Antonieta. No momento em que Helena Smith falava como Maria Antonieta, ouvia-se um francês falado por um estrangeiro, contudo esse sotaque se parecia mais com o inglês do que com o austríaco, quando deveria ser o contrário uma vez que a pátria de Maria Antonieta era a Áustria e não a Inglaterra. Por fim, conta Flournoy que Helena, revivendo a sua morte como Maria Antonieta, faz uma exortação a uma dama presente que ela dizia ser a princesa Lambale, entretanto, a princesa havia morrido três anos antes.⁴⁰

Tudo parece pôr em dúvida a autenticidade de Ciclo Real e a reencarnação de Helena Smith como Maria Antonieta. Existe, porém, um detalhe pouco conhecido dos estudiosos do assunto que é bastante favorável à tese da reencarnação. Trata-se do seguinte: durante uma sessão em Genebra, na casa de Flournoy, assistida por diversas pessoas importantes, entre elas o doutor M. W., relacionado com diversas famílias aristocráticas da cidade. Então, Helena tem a visão de uma rua estreita, perto da Catedral de S. Pedro, a rua dos cônegos. Seus olhos se fixaram no número 12 onde havia uma residência. Ela consegue ver no interior da casa uma escrivaninha entre outros móveis. Perto da escrivaninha há um senhor, vestido à moda do século XVIII. Ele estava com uma carta na mão e chorava enquanto lia. Nesse momento, Helena gritou emocionado “Pobre M... será que a mensagem chegará sem demora?”

O caso interessou bastante ao doutor M. W. a ponto de merecer de sua parte uma investigação para saber se, na época de Luiz XVI, alguém chamado M. havia residido na rua dos Cônegos numero 12. A investigação foi muito bem sucedida, a pessoa de fato existia e o que era melhor: os móveis deixados pelo senhor M. haviam sido herdados por duas ou três gerações. Muitíssimo interessado no caso, o investigador prosseguiu o seu trabalho e descobriu uma escrivaninha igual a que fora descrita pela médium. A escrivaninha em questão era, naquela oportunidade, propriedade de um laçao de quarto que a guardara em um celeiro porque ela se encontrava muito deteriorada.

O doutor M. W. desejou saber o que continha a velha escrivaninha. Encontrado o móvel ele o examinou gaveta por gaveta, porém, nada encontrou. O homem não desanimou e, prosseguindo em sua busca, descobriu um escaninho secreto e, dentro dele, uma carta. M. W. emocionado, tomou em suas mãos o velho documento: era uma carta de Maria Antonietta dirigida a Monsieur M. que morava na rua dos Cônegos número 12. No papel envelhecido poderiam ser lido trechos enrugados e esbranquiçados por algo líquido, provavelmente, as lágrimas do velho e querido amigo da rainha.

O Ciclo marciano não resulta de encarnações de Helena Smith naquele planeta, mas do fato de a médium acreditar que entrava em contato com os habitantes de Marte. Foi no decorrer destas visitas espirituais ao planeta vermelho que ela criou a língua marciana que foi estudada exaustivamente por Flournoy e V. Henry. Este idioma se modificou ao longo do tempo. Inicialmente era um idioma rudimentar e mal feito, um tanto semelhante ao francês do qual conserva, em cada palavra, o número de sílabas e certas letras muito características da língua gaulesa. À medida que o tempo passava e as sessões prosseguiam, a língua marciana era aperfeiçoada, assumindo aspectos muito especiais.

Surgem, então, fonemas consonantais particulares, uma prosódia típica e algumas formas recorrentes. Com relação ao francês, a língua de Marte possuía abundância de “E” aberto e fechado e de “I”, todavia as vogais nasais e os ditongos deste tipo eram raros. Tem-se neste caso, uma língua natural que foi criada sem a participação consciente de Helena. Do ponto de vista semântico, as palavras dessa língua expressam idéias e a relação entre as palavras e idéias é constante. Não se pode imaginar, a não ser com uma certa dose de má vontade, que a língua criada por Helena, seja uma espécie de algaravia com na qual as crianças brincam, dizendo que estão falando uma língua qualquer.

De fato, trata-se de uma língua muito bem articulada, contudo não pode ser considerada uma língua nova já que o seu estudo nos leva a notar, naquele sistema lingüístico, muitas características do francês.

Certa vez, Theodore Flournoy chamou a atenção da médium para as semelhanças entre o francês e o idioma de Marte. A moça não recebeu comentário pacificamente e estabeleceu com o pesquisador uma ligeira discussão. O que aconteceu a seguir? Vamos ver o que nos diz Flournoy:

Eu me restringia a acusar o sonho marciano de não ser senão uma imitação do meio civilizado que nos rodeia, acentuara a riqueza do “idioma marciano” em **I** e **E**, incriminara o seu a sua sintaxe e o seu **CH** emprestado do francês. Eis que ela me joga uma língua absolutamente nova, com um ritmo muito particular, extremamente rica em **A** com o **H** que até aqui fora inexistente e cuja construção é tão diferente da nossa que não há meios de encontrar analogias.⁴¹

Gostaria de fazer aqui um breve comentário sobre a língua marciana. Segundo Flournoy, a língua de Marte é o ponto mais fraco dos fenômenos mediúnicos onde a fraude inconsciente ficou provada. Podemos refutar esta afirmação do seguinte modo: nada impede que a criação da língua marciana não seja produto consciente ou inconsciente de Helena Preiswark, mas resultado da intervenção de um espírito leviano que resolvera pregar uma peça ao experimentador.⁴² Se ele admite que seria muito difícil para Helena Smith falar ou escrever em Sânscrito, tanto ou mais difícil seria criar uma língua articulada o que o próprio Flournoy confere o status de uma língua real e cria-la em um espaço de tempo recorde. Fica a observação por enquanto.

Vamos, em prosseguimento, tratar do espírito-guia de Helena. Ele, como já o dissemos em outra ocasião, apresentava-se com o nome de Leopoldo e, segundo ele próprio, havia vivido, na França, como José Bálamo também conhecido como Conde Gagliostro. Quando Leopoldo se manifestava, o claro e bonito timbre feminino, característico da voz de Helena, era substituído pelo vozeirão masculino com sotaque italiano nítido. Esse espírito possuía uma personalidade muito forte e, não raramente, discordava de seu médium. O interessante era que a assinatura de Leopoldo era diferente da caligrafia de Helena.

Quando ele pega o lápis para escrever, ele o faz de um modo todo próprio.

Durante as sessões, Leopoldo sempre se manifestava de um modo bastante simpático, sempre disposto a responder perguntas ou explicar coisas que não fossem bastante claras. Acontecidas durante as sessões, assim, às vezes, ele parecia um velho e paciente professor. Em certos momentos a sua fala tomava um tom acentuadamente moralista, acentuando os presentes a viverem corretamente ou mesmo os advertia sobre comportamentos negativos. Médico, que era, costumava receitar remédios aos que lhe consultavam sobre problemas de saúde. Em tudo isso se mostrava muito diferente de uma mulher, notadamente, de Helena.

Quando Leopoldo se manifestava por incorporação, havia um realismo inacreditável. Ao incorporar, Helena transformava-se, pouco a pouco, até tomar uma aparência muito próxima de Gagliostro, inclusive com a papada que ele possuía sob o queixo. Incorporado, ele se comunicava com gestos largos, gestos maçônicos, graves e imponentes que se poderia chamar de sacerdotais. Vamos mais uma vez nos valer do texto de Flournoy:

Primeiro, Helena sentia o braço tolhido ou como se estivesse ausente; depois se queixa de sensações desagradáveis no pescoço, nuca e cabeça. Suas pálpebras se fechavam, a expressão fisionômica se intumescia em uma espécie de queixo duplo ou papada que lhe dava ares parecidos com o aspecto bem conhecido de Gagliostro.

Repentinamente, a médium se erguia e caminhava vagarosa na direção de uma pessoa da assistência com a qual Leopoldo desejasse falar. Assumia uma atitude hirta ou levemente arqueada para trás, ora com os braços cruzados majestosamente sobre o peito, ora com um deles erguido para o céu solenemente, formando algo assim como um símbolo maçônico, sempre o mesmo. Pouco a pouco, após um ataque de soluços, suspiros ruídos diversos, acentuando a dificuldade que Leopoldo tinha para servir-se do aparelho vocal da médium; a palavra vinha, então, grave, lenta, forte uma voz de homem com timbre poderoso de baixo profundo, com pronúncia e forte sotaque estrangeiro, por certo mais parecido com o italiano do que com qualquer outra língua.

Nem sempre era fácil compreender Leopoldo, principalmente, se ele engrossava a voz qual um trovão, como fazia quando lhe era dirigida uma pergunta indiscreta ou se algum membro da assistência arriscava uma observação pouco respeitosa. Então ele tinha uma pronúncia bem mais gutural, usava termos obsoletos e arcaicos e isso de um modo pomposo, grandiloquente, untuoso, à vezes severo e terrível, outras vezes até mesmo sentimental. Tratava todo mundo pela segunda pessoa do singular e a assistência tinha a impressão de estar diante de um grão-mestre de uma sociedade secreta, só pela maneira enfática e cavernosa como ele dizia, por exemplo, “irmão” e “tu minha irmã”, ao interpelar uma pessoa do público.⁴³

Como acabou tudo isso? Bem! Theodore Flournoy aproveitando-se de todo o material conseguido nas sessões com Helena, escreveu um livro intitulado *Das Índias ao Planeta Marte*. A partir desse momento, começaram os problemas. Em primeiro lugar entre Helena e Flournoy porque ela acusou o pesquisador de ter desfigurado a interpretação dos fatos ocorridos com ela em favor da tese materialista. Tais interpretações causaram um grande abalo emocional na médium.

Logo depois destes acontecimentos, houve uma séria mudança na vida de Helena. Ela, que sempre fora uma pessoa trabalhadora e ativa, passou a viver sem maiores cuidados materiais porque uma admiradora dos Estados Unidos, mulher muito rica, depositou em um banco, na conta da médium, uma generosa quantia que possibilitaria a ela viver até ao fim de seus dias, sem maiores problemas financeiros. Ela, então, abandona o antigo emprego na loja, e passa a se dedicar às suas faculdades mediúnicas, procurando expandir mais os seus dotes espirituais.

Helena desenvolve, assim, uma nova forma de mediunidade: a pictográfica na qual ela dá à luz um grupo de quadro com motivação religiosa. Inicialmente, pintou apenas cabeças como a de Cristo e a de Maria. Mais tarde, a sua pintura se desenvolveu e, de cabeças, passou a pintar figuras de corpo inteiro como um quadro de Jesus Cristo no Monte das Oliveiras e o de Jesus supliciado no Gólgota. Helena prossegue o seu trabalho, pintando bustos de personagens alegóricos como Jesus a caminho de Emaús e, por fim, pinturas de grupos como a Sagrada Família e a Transfiguração que foram os seus últimos quadros.

Todo esse trabalho a médium fazia em estado de transe ou estado sonambúlico na expressão de Robert Tocquet e, quando acordava não tinha a menor idéia das pinturas que havia feito e nem mesmo se havia usado pincéis ou não. Tudo leva a crer que não usasse pincéis uma vez que, ao acordar seus dedos estavam muito sujos de tinta. Os quadros de Helena possuíam detalhes interessantes. As paisagens eram ricas em minúcias, mas não obedeciam ao fotografismo realista porque se notava nesses quadros a presença do ficcional imaginário. Nas figuras humanas, destacavam-se os olhos, muito grandes e abertos que lembravam um pouco os olhos dos alucinados.

A crítica especializada recebeu bem esses trabalhos de Helena Smith, principalmente em virtude de seu detalhismo. As mãos do Cristo no Horto das Oliveiras eram grandes e calosas, mãos de laborioso operário, mãos de carpinteiro que denunciavam a atividade profissional que ele exercera em Nazaré antes de entrar na vida pública, o que mostra o talento especial do pintor.

Terminado este longo parêntesis voltemos a Jung que de modo algum ficou esquecido. Em 1900, ele começa a preparar a sua tese de final de curso, tese que ele terminará em 1902 e cujo título era: *Zur Psychologie und Pathologie Sogenannter Oculter (Sobre a Psicologia e Patologia dos assim chamados Fenômenos Ocultos)*.

Na sua tese de final de curso, Jung decidiu tratar de Ocultismo (leia-se mediunidade) aproveitando-se do material das experiências que tivera com a mediunidade de sua prima nas sessões que tratamos no capítulo anterior. Estava Jung se preparando para o seu trabalho acadêmico, quando chegou às suas mãos o livro de Flournoy: *Das Índias ao Planeta Marte* que já era, então, um best-seller. Jung “devorou o livro” e tão entusiasmado ficou com a obra que escreveu ao professor Flournoy, prontificando-se a verter o livro para o alemão, o que não aconteceu em razão do contrato entre o autor e o editor não ter tido bom êxito.

Na sua tese Jung parece não estar em dúvida sobre a origem dos fenômenos psíquicos e questiona se esse tipo de fato deve ser atribuído à natureza da própria alma ou se tais fenômenos acontecem por causa da presença de alguma inteligência exterior ao médium que nele atua. Jung apesar de tudo o que viu ao longo de sua vida até aquele momento, esposa a primeira tese. Toma então os fatos acontecidos com Helena Preswerk e os generaliza explicando os fenômeno mediúnicos pela a ação do Inconsciente. Para ele, o livro de Flournoy confirma a tese segundo a qual partes dissociadas do inconsciente poderiam manifestarem-se independentemente, projetando-se por meio de alucinações ou assumindo temporariamente, o controle de uma pessoa e se apresentado nas sessões mediúnicas como espíritos desencarnados. Com isso, Jung faz a sua primeira defecção. Ele poderia escolher entre duas possibilidades: a espiritualista e a materialista e ele prefere a segunda ao perfilhar a tese de criptestesia,⁴⁴ usada por Flournoy para explicar o caso Helene Smith.

Daqui para frente, Jung continuará, como veremos, nos capítulos seguintes, a receber “toques” do plano espiritual, entretanto, teimosamente ele se aferrará à tese dos complexos e dissociações de natureza

inconsciente.

- 35 Mulher que previa o futuro entre os antigos romanos. É sinônimo de bruxa ou feiticeira.
- 36 Ou caçoula. Vaso em que se queima perfume
- 37 Flournoy Des Inides à la Planet Mars. In Robert Tocque in Poderes Secretos do Homem. Pág.156
- 38 Bolsa de couro que as mulheres usavam penduradas na cintura
- 39 Flournoy. In Robert Tocquet. Op. cit. p. 156-157
- 40 Gostaria de discordar de Flournoy. Neste caso, pois, seria perfeitamente normal que a princesa Lambale houvesse vindo receber a sua amiga que, provavelmente traumatizada pelo tipo de morte que sofrera, volta a ao Plano Espiritual, precisando de ajuda.
- 41 In Tocque. Op. cit. P. 158
- 42 Vale lembrar que Arthur Conan Doyle (1859-1930) escritor britânico, criador do detetive Sherlock Holmes, um dos mais famosos personagens da ficção mundial, quando começou a pesquisar o fenômeno mediúnico quase desistiu, como relata em seu livro *A Nova Revelação*, editado pela FEB. Devido ele a sua quase desistência se deu por causa da diversidade e quantidade de comunicações desprovidas de um sentido racional. Logo depois, foi alertado por um amigo de que isso se dava pela diferente ordens evolutivas dos espíritos comunicantes. Nota do 1º Editor
- 43 In Tocquet op. cit. p. 154
- 44 A palavra criptestesia é formada de dois termos gregos kryptos (oculto) e aesthesis (sensibilidade) e significa faculdade de conhecer coisas e fatos ocultos ou distante no espaço e no tempo. Alguns atribuem a criação desta palavra a Charles Richet



CAPÍTULO VI



O EXERCÍCIO DA MEDICINA
E O CASAMENTO



Estamos no dia dez de dezembro de 1900. Jung, formado em Medicina, vai ocupar um lugar no hospital psiquiátrico de Burgholzli que ficava em Zurich. Jung estava satisfeito com aquela possibilidade de mudar de ares, uma vez que Zurich era uma cidade maior e mais interessante do que Basileia onde ele vivia. O trabalho em Burholzli, inicialmente, lhe pareceu um desafio. Ele fora para lá desejoso de responder uma pergunta: o que se passa na alma de um doente mental? Os seus colegas, contudo, não tinham essa mesma preocupação. Os psiquiatras de Zurich pareciam muito um tanto desinteressados na personalidade psicótica e limitavam-se a descrever os casos, fazer diagnósticos e, por fim, colocar no doente um rótulo de acordo com as classificações existentes nos manuais clássicos de Psiquiatria que haviam se tornado uma espécie de catecismo para a maioria deles.

Jung achava que era muito importante inovar, de algum modo, no tratamento da doença mental e ele acreditava que esta inovação teria sido feita por Sigmund Freud. Conta-nos o criador da Psicologia Analítica:

Nesta situação, Freud foi essencial para mim, principalmente em virtude de suas pesquisas fundamentais sobre a psicologia da histeria e do sonho. Suas concepções mostraram-me um caminho a seguir para as pesquisas posteriores e para a compreensão dos casos individuais. Freud introduziu a questão psicológica na Psiquiatria, embora não fosse psiquiatra, mas neurologista.

Essa observação de Jung sobre a obra de Freud nos parece muito interessante. Lamento apenas que, ao dizer: “Freud levou a Psicologia para a Psiquiatria,” não tenha podido dizer: “Eu levarei a interpretação espírita para o tratamento da loucura.” Certa vez o doutor Juliano Moreira (1873-1933) famoso médico e cientista baiano, teria dito: O Espiritismo é uma fábrica de loucos⁴⁵ o que não estaria muito longe da verdade se trocássemos a palavra espiritismo por mediunidade sem estudo e vinculada a interesses menores.

O médium que se envolve e se perde nas tias da vaidade, do orgulho e do egoísmo, pode sofrer um processo obsessivo cujos sintomas, não raro, são muito parecidos com algumas patologias mentais, notadamente, a esquizofrenia. É pena que uma inteligência brilhante como a de Jung não tenha se decidido pela interpretação espiritualista dos fenômenos patológicos, ficando pé na explicação materialista, presa dos próprios preconceitos. Vamos, todavia, continuar o nosso estudo sobre a vida de C. G. Jung, enfatizando a tese que deu título a esse livro.

No começo de seu trabalho em Burgholzli, aconteceu um fato muito interessante com ele. Foi internado naquele hospital uma mulher, ainda jovem, que sofria de depressão profunda e que, depois dos testes de anamneses convencionais, foi classificada como um caso de esquizofrenia ou demência precoce como esta doença se chamava então. Jung não aceitou esse diagnóstico, entretanto, não o contestou uma vez que era um recém-chegado ao hospital e não poderia, por questões de ética médica, contestar um diagnóstico feito por outros colegas mais experientes que ele. Jung, contudo, via o caso daquela mulher como uma depressão comum. Inicia, então, com a paciente, um tratamento com base na associação de palavras. Examina e discute os sonhos dela. Por meio desse processo, ele descobre alguns fatos fundamentais da vida daquela mulher que a anamnese comum, realizada por outros médicos, não havia revelado.

A técnica usada por Jung trouxe à tona a seguinte história: quando solteira, a mulher havia conhecido um rapaz muito rico, filho de um industrial e por ele se apaixonou. O jovem, todavia, não pareceu não corresponder, de modo algum, aos sentimentos que ela lhe dedicava. Frustrada e ferida em seu amor próprio, pois se julgava (e de fato era) uma mulher muito bonita, decidiu-se casar-se com um outro homem, seguindo a fórmula errônea segundo a qual é possível consertar um coração partido com pedaços

de outro coração. Cinco anos depois, conversando com um velho amigo este revelou a ela que o seu casamento havia sido chocante para o filho do industrial. Ela ficou lívida e, em pouco tempo, instalou-se a depressão.

As coisas, entretanto, não pararam por aí. Certo dia, ele estava dando banho em seus filhos, uma menina de quatro anos e um garotinho de dois. No país onde ela vivia havia problemas com o fornecimento de água de modo que apenas água para beber era tratada e saudável. A água para o banho vinda de um rio próximo, estava contaminada e, portanto, prejudicial à saúde. Enquanto ela dava um banho no menino, viu a filha chupando uma esponja molhada, entretanto, inexplicavelmente, não deu ao caso maior importância. Quanto ao menino, fê-lo tomar um copo da água poluída. Naturalmente, lembra Jung, ela fez isso em estado de inconsciência ou de semi-consciência. Pouco tempo depois, a menina morreu de tifo, embora o menino escapasse ileso. A depressão da mulher aumentou consideravelmente e ela foi internada para tratamento.

Jung havia encontrado a origem da depressão: o sentimento de culpa pela morte da filha, Surgiu, entretanto, um problema: deveria ou não contar à mulher, francamente, a causa de seu problema? Imaginou que, se contasse a seus colegas o seu dilema, eles acharam que a revelação só iria piorar a situação mental da mulher. Havia, porém, julgava Jung, uma chance de o resultado ser inverso. Decide, então, enfrentar um grande risco, prossegue o tratamento e revela à doente o que havia descoberto. Foi duro para a mulher aceitar o que havia feito. Ela sofreu muito, contudo, depois de quinze dias, deixou o hospital e nunca mais voltou. Jung silenciou sobre este caso uma vez que, se o tornasse público, a mulher poderia ser processada pelo marido ou pelos parentes dele. Ele considerou que seria um fardo demasiadamente pesado para ela a consciência da morte de sua filhinha.

O estranho, porém, é que não fica claro para Jung o motivo da hostilidade contra a criança. Ela estaria apenas derramando sobre os filhos a sua dor e frustração por ter perdido o homem por quem se apaixonara? Ela estaria tentando com a morte dos filhos destruir os vínculos que possuía com o homem a quem não amava? Se, entretanto, chamarmos a nosso socorro a teoria da reencarnação, novas luzes poderão ser lançadas sobre o caso. Que laços de vidas passadas uniram os personagens deste drama cruel? O filho tímido do rico industrial; a mulher apaixonada que deixou morrer a própria filha e tentou matar o filho; os filhos agredidos pela própria mãe. Que relações reencarnatórias mantinham próximos esses espíritos? Será que ela matou uma criança inocente ou se vingou de um inimigo de outras vidas. Teria ela, no momento de agressão às crianças, sido vítima de um espírito obsessivo? Não descartamos, de modo algum, essas hipóteses, mas Jung sim, uma vez que ele trabalha com categorias provenientes do Materialismo, excluindo, por consequência, toda e qualquer explicação metafísica. Vamos mais uma vez, ler um testemunho de Jung:

Em muitos casos psiquiátricos, o doente tem uma história que não é contada e que, em geral, ninguém conhece. Para mim, a verdadeira terapia só pode ter início depois de examinada a história pessoal. Esta representa o segredo do paciente, segredo que o desesperou. E, ao mesmo tempo, encerra a chave do tratamento. É, pois indispensável que o médico saiba descobri-la. Ele deve propor algumas perguntas que digam respeito ao homem em sua totalidade e não se limitar apenas aos sintomas. Na maioria dos casos, não é suficiente explicar apenas o material consciente. Conforme o caso, a experiência de associação pode abrir caminho à interpretação dos sonhos ou então ao longo do contato com o doente.⁴⁶

A observação de C. G. Jung nos parece correta e pertinente, contudo, faltou-lhe um detalhe altamente relevante. É fato que se necessita conhecer a vida do paciente para que se inicie a terapia profunda, todavia, nem sempre o exame da vida atual resolve o problema uma vez que a origem do trauma pode estar situado em uma outra vida. Diz ainda Jung que é necessário ver o doente de um ponto de vista holístico. Muito bem, contudo, uma atitude que pretenda ver o homem na sua totalidade não pode se

recusar ao exame de dimensão espiritual. O homem é corpo e alma e todas as vezes que se tem reduzido a criatura humana apenas ao corpo, os resultados não têm sido os melhores. Continuemos, porém, aprendendo com Jung:

Em 1905, tornei-me professor de Psiquiatria, ocupando, no mesmo ano, o cargo de médico-chefe da Clínica Psiquiátrica da Universidade de Zurich. Permaneci quatro anos nesta função. Depois, em 1909, fui obrigado abandoná-la simplesmente porque o meu trabalho havia se tornado excessivo. No curso dos anos, a minha clientela particular aumentara de tal modo que não podia mais dar conta daquele trabalho. Continuei, porém, a minha atividade docente até 1913. Dei cursos de Psicopatologia e naturalmente, cursos sobre os fundamentos da Psicologia Freudiana, assim como sobre a Psicologia dos Primitivos. Esses eram os temas principais. Durante o primeiro semestre, os cursos mais importantes versaram sobre hipnotismo, os trabalhos de Pierre Janet e Flournoy. Mais tarde, o problema da Psicanálise Freudiana passou ao primeiro plano.⁴⁷

Entre 1901 e 1902 a vida de Jung era demasiadamente apertada do ponto de vista econômico, pois deveria sustentar sua mãe e sua irmã. Conta ele que, certa vez, sua mãe estivera no hospital onde ele trabalhava e, entrando na sala, viu, nas paredes, representações gráficas do tempo de reação de seus pacientes. Emilie teria comentado com azedume: “Isso realmente possui algum significado?” Jung ficou arrasado, pois aquele comentário de sua mãe soou, para ele, como uma crítica no sentido de chamar a sua atenção para a inutilidade da carreira que havia escolhido. Em 1902, entretanto, as coisas mudaram. Vamos, em seguida, dar uma olhada no texto de Maclynn que trata da origem desta mudança:

Em 1896, quando cursava ainda a Escola de Medicina, encontrou Emma Rauschenbach. Ela estava então com 14 anos. Tendo contemplado a menina no alto de uma escada, confidenciou a um amigo a sua profunda intuição de que se casaria com ela.⁴⁸

Novamente, nota-se aqui a intuição de Jung que parece reconhecer a pessoa que seria sua esposa. Simples palpite? Encontro casual? Reencontro de espíritos que se conheciam de vidas passadas? Deixo a resposta para o leitor. Pois bem. É com essa moça muito bonita e dona de um herança considerável que Jung decide se casar. Faz-lhe então uma proposta de casamento, mas a proposta foi recusada. Qual foi a causa da recusa de Emma? Segundo alguns biógrafos de Jung, ela teria recusado porque, muito ingênua, teria trocado beijos com um rapaz e por isso se julgava comprometida com ele e, portanto, seria necessário que seu pai desfizesse o “noivado dela”. Outros dizem que ela teria recusado por saber que o homem que pedia a sua mão era um apaixonado por Psiquiatria e não gostaria de se casar com um homem escravo de uma ideologia.

Permita-me, meu caro leitor, que me intrometa de novo aqui com uma outra tentativa de explicar a recusa da jovem. Jung de fato, se casou com Emma, mas ela não foi feliz. E por quê? A resposta é muito simples: Jung jamais conseguiu dominar a sua sexualidade e se tornou o que se poderia chamar de “mulherengo”. Muitas foram as mulheres que gravitaram em torno dele como mariposas em volta da luz. Das muitas mulheres que gravitaram em torno de Jung duas se tornaram famosas pela profundidade do relacionamento: Sabina Spielhein e Toni Wolf. Esses dois casos foram escandalosos e Emma os conheceu e teve e que “engoli-los” para salvar seu casamento. Jung chegou a propor a sua esposa que Toni Wolf, *la femme inspiratrice*⁴⁹, como ele a chamava e fosse sua concubina especial em uma espécie de *ménage à trois*⁵⁰ e Emma teve que aceitar a contragosto naturalmente. Esta relação entre Jung e Emma pode ter origem em outras vidas. Esta hipótese tem a virtude de explicar a origem da recusa inicial. Assim, é bem provável que, em outras vidas, Jung houvesse se comportado do mesmo modo para com Emma, causando-lhe profundos dissabores. Nesta vida, decidiram tentar um ajuste, mas quando ela o vê, tem algum tipo de reminiscência e recua.

Continuemos, orem. Afastadas as resistências de Emma, Jung se casa com ela no dia 14 de fevereiro de 1903. Depois da lua-de-mel e de uma viagem pelos Açores e Ilha da Madeira (isso graças à fortuna da esposa) o casal voltou a Zurich, indo morar nas dependências do hospital de Burgholzli. No final daquele

mesmo ano, Emma engravidou e no ano seguinte, no dia 26 de dezembro, nasceu Agatha, a primeira filha de Jung. Além de Agatha, Jung terá ainda mais quatro filhos: três meninas e um menino. No ano seguinte, Jung amplia o seu círculo de amizade e se tornou amigo de Albert Einstein, que já havia publicado a sua Teoria da Relatividade. Em muitas ocasiões, Jung convidou o físico para almoçar em sua casa e nessas oportunidades, travaram-se longas conversas. Infelizmente, as dificuldades de Jung com Matemática, impossibilitaram psicólogo de melhor entender, de um ponto de vista técnico, o pensamento de Einstein.

Mesmo depois da gravidez de Emma, Jung prosseguiu com a sua fixação sexual: alto, elegante, sedutor, inteligente, culto e bom conversador, ele conseguia ser objeto constante do interesse feminino. Muitas mulheres como Aniela Jaffé e Marie Louisie e von Franz se tornaram suas discípulas. Jung parecia não se importar muito com isso e, de um certo modo, chegava a estimular essa corte de admiradoras.

Emma, corajosamente, sempre esteve ao lado do marido (mesmo com a presença incômoda de Toni Wolf) criando e educando seus filhos. Em 1955 ela começa a desenvolver um câncer que a leva a fazer uma séria operação. Logo depois da cirurgia, ela pareceu melhorar, entretanto, a seguir entrou em coma, vindo a desencarnar cinco dias depois. Jung sentiu muito a morte da esposa. Dias depois do infausto acontecimento, ele pegou uma pedra e nela gravou: “***Ela foi o alicerce da minha vida.***” E foi mesmo.

⁴⁵ De uma certa feita, em um programa de televisão, o padre Quevedo afirmou, segundo ele baseado em uma pesquisa que 30% dos loucos encarcerados em um manicômio, seriam espíritas. Na ocasião, o espiritualista Luciano dos Anjos redarguiu: “Mas isso é uma boa notícia! Se 30% são espíritas sobram 70% para dividir entre católicos e protestantes.” O padre calou-se. Nota do 1º Editor.

⁴⁶ Jung. op. cit. p. 110

⁴⁷ Jung. Op. cit. p. 110

⁴⁸ Maclynn. Jung uma Biografia p. 89

⁴⁹ A Mulher inspiradora

⁵⁰ Expressão francesa que se refere ao amor a três. No caso citado seriam: Jung, Emma e Toni



CAPÍTULO VII



AS RELAÇÕES COM FREUD



Como vimos, Jung trabalhava em Zurich tratando de doentes mentais, estudando as obras de Pierre Janet e ainda impressionado com a obra de Theodore Flournoy. Em 1910, Jung adquiriu um livro intitulado *A Interpretação dos Sonhos*, escrito por um médico judeu bastante controverso, chamado Sigmund Freud. Jung começou a ler o livro, mas não chegou a terminá-lo por não tê-lo compreendido bem. Mais tarde, entretanto, ele retoma a sua leitura e, desta vez, compreende a importância que aquela obra possuía para o trabalho que realizava e os pontos comuns que existiam entre o pensamento de Freud e o seu.

O que mais impressionou Jung, em relação ao livro, foi a associação nele estabelecida entre a teoria dos sonhos e o mecanismo dos recalques tomado de empréstimo da psicologia das neuroses. Na sua prática com doentes mentais, Jung havia encontrado fenômenos que estariam relacionados com os recalques. Durante a prática do método de associação de palavras, Jung dizia para os seus pacientes uma série de vocábulos, pedindo – lês que respondessem a cada palavra com o primeiro termo que lhe viesse à mente. Percebeu, então, que certas palavras indutoras faziam com que, ao ouvi-las, as pessoas não tivessem uma resposta pronta e demorassem muito para responde-las. Jung considerava que a resistência observada teria a sua origem no fato de a palavra ter tocado em algo muito doloroso que se encontrava recalcado no mundo interior do paciente. Jung também notou que as pessoas não tinham uma consciência clara do motivo de sua perturbação e, se interrogadas sobre isso, respondiam com evasivas.

O que provocava tal recalque? A resposta freudiana a esta questão era muito clara: *O que origina o recalque é um trauma de natureza sexual*. Entretanto, Jung não concordava com ele. Na sua experiência profissional, o psicólogo suíço revela que havia encontrado vários casos em que a sexualidade exercera uma ação secundária, sendo superada por outros elementos. Conta Jung que, certo dia, conversara com Freud e apresentara à ele esta conclusão, mas o fundador da Psicanálise ficara irreduzível e não se mostrou disposto a abrir mão de sua posição teórica. A questão do relacionamento entre neurose e sexualidade parecia ser uma questão fechada, uma espécie de dogma.

As primeiras relações entre Jung e Freud foram difíceis para o primeiro que estava iniciando uma carreira universitária a qual se mostrava bastante promissora; por seu turno, Freud era, no início de seu trabalho uma *persona non grata*⁵¹ uma espécie de *out-sider*⁵² ou escritor maldito com idéias muito estranhas para o seu tempo. O problema possuía tal dimensão que seria muito complicado para um intelectual se aproximar de Freud sem queimar-se na fogueira que ele acendera. Assim, o pensamento de Freud não era objeto de discussões abertas e francas, mas abordadas nos corredores das universidades, meio em surdina com quem fala de algo subversivo e conspiratório. Jung, então, passou a viver um problema de consciência com respeito a Freud, uma vez que estava usando as idéias freudianas porque elas coincidiam bastante com as suas. Havia, contudo, que tomar uma posição. Voltemos ao texto junguiano:

Um dia, encontrava-me no laboratório preocupado com o problema **quando o diabo murmurou-me em meu ouvido** (o destaque é nosso) que eu tinha o direito de publicar o resultado de minhas experiências e conclusões sem mencionar Freud. Não me dedicara atais experiências muito antes de compreender o que quer que fosse de sua obra? Ouvi, então, a voz de minha segunda personalidade: É fraudulento agir como se não conhecesse Freud. Não se pode edificar a própria vida sobre uma mentira. O caso ficou, então, resolvido. A partir deste momento, tomei abertamente o partido de Freud e lutei em seu favor.⁵³

O texto indica, claramente, um conflito de interior que pode acontecer com qualquer pessoa que sofra um drama de consciência, mas Jung se refere a uma consciência externa negativa que ele identifica com o a do diabo e outra positiva que ele diz ser a voz e sua personalidade número dois que nós já conhecemos. É curioso que Jung, constantemente, fale como se tivesse consciência da presença de forças externas a ele

agindo sobre o seu comportamento, mesmo em um contexto como esse, onde tal interpretação não seria necessária e nem mesmo pertinente.

Como Jung havia dito anteriormente, começou a quebrar lanças em favor de Freud. Em um congresso acontecido na cidade de Munich, na Alemanha, o nome de Freud foi omitido de propósito das neuroses obsessivas. Em 1906, Jung escreve um artigo para a revista *Munchner Medizinische Wochenschrift*. Nesse artigo, ele chama a atenção do leitor para a contribuição significativa de Freud no caso das neuroses obsessivas como se desse um puxão de orelhas naqueles que haviam esquecido no nome de Freud.

Depois desse artigo, dois professores alemães escreveram cartas a Jung, advertindo-o de que, se continuasse a defender Freud estaria colocando em risco a sua carreira universitária em risco. Jung responde que, entre a sua carreira e a verdade, preferia a segunda. Assim, Jung continua apoiando Freud embora prosseguisse discordando dele, notadamente no que dizia respeito à sexualidade. Tal hipótese, Jung reconhecia válida em alguns casos, mas não em outros. De todo o jeito, porém, ele não podia negar que Freud havia aberto um caminho significativo para a compreensão da alma humana.

Freud reconhecia atitude favorável de Jung a seu respeito e, por isso, ele o convida a visitá-lo na cidade de Viena onde morava. Há, então, um encontro notável entre os dois grandes espíritos. Eles conversaram durante treze horas ininterruptas. Jung afirma em sua autobiografia que aquele havia sido a pessoa mais interessante que ele já conhecera em toda a sua vida. Freud pareceu a Jung um interlocutor de peso, uma pessoa especial destas que a gente não encontra facilmente em nosso dia-a-dia. Extraordinariamente inteligente, penetrante, notável sob todos os aspectos, são adjetivos com que Jung qualifica Freud.

No entanto, apesar desta forte impressão, Freud não conseguiu convencer Jung sobre a teoria da sexualidade e a sua relação com as neuroses. Durante esta conversa Jung opôs várias dúvidas e objeções e Freud não conseguiu responder essas colocações a contento. Freud argumentou dizendo que, muito provavelmente, as resistências de Jung deviam-se a sua pouca experiência e que, com o tempo, acabaria por lhe dar razão. Jung, por seu lado, compreendia que a teoria de Freud era importantíssima, tanto do ponto de vista pessoal como filosófico, entretanto, continuava ainda com reservas em relação à totalidade dos conceitos freudianos.

Havia, porém, um outro complicador, uma questão tão séria quanto à primeira e que também separava os dois homens: a Espiritualidade. Jung se lembra de que, todas as vezes em que a questão vinha à baila, Freud desconversava como se aquele assunto o incomodasse e não pouco. Em verdade, o tema da sexualidade era a menina dos olhos e ele não parecia ver outra possibilidade de explicação das neuroses a não ser aquela. Para se ter uma idéia do pensamento de Freud, vamos mais uma vez nos valer do texto de Jung:

Tenho uma viva lembrança de Freud me dizendo: “Meu caro Jung, prometa que jamais abandonará a teoria sexual. É o que importa essencialmente! Olhe, devemos fazer dela um dogma, um baluarte inabalável.” Ele dizia isso com ardor como o pai que diz ao filho: Prometa-me, meu filho, uma coisa: não deixe de ir à igreja aos domingos. Um tanto espantado, perguntei-lhe: “Um baluarte contra o quê?” Ele me respondeu: “contra o lado negro do...” Aqui hesitou um momento e acrescentou: “do ocultismo”. O que me alarmou em primeiro lugar foi “baluarte contra o ocultismo” e o “dogma”. O dogma, isto é, uma profissão de fé indiscutível, surge apenas quando se quer esmagar uma dúvida de uma vez por todas. Não se trata mais de um julgamento científico, mas se revela somente como vontade pessoal.⁵⁴

A força da expressão “lado negro do ocultismo” desgostou bastante a Jung porque, sob a rubrica ocultismo, Freud colocava tudo aquilo que a filosofia, a religião, a metagnomia diziam, então, sobre a alma e as suas faculdades. Para Jung, a teoria da sexualidade era tão oculta quanto o próprio ocultismo

uma vez que, nem um nem outro, estavam suficientemente provados de um ponto de vista estritamente científico. Talvez Jung não tenha gostado da palavra dogma porque ela o fazia lembrar-se de seu pai que usava o dogma como um refúgio para as suas incertezas religiosas; ou porque ouvisse na intimidade de seu ser, ecos distante da espiritualidade lembrando-lhe os compromissos que teria na terra e Freud, ali, assumindo uma posição dogmática estaria fechando uma porta que ele deveria abrir.

A atitude de Freud perturbava Jung. Um espírito profundamente religioso e apaixonado pela mitologia não conseguia entender como Freud podia dar mais importância à sexualidade do que à religião. Em verdade, comenta Jung, *a teoria da sexualidade em Freud tinha um valor muito próximo daquele que se atribui à divindade*.

Certa ocasião, em 1909, durante uma conversa com Freud, Jung o questionou sobre os fenômenos para-normais e a precognição. Freud, cheio de preconceitos materialistas, responde a Jung que não perdesse tempo com aquele tipo de coisa, pois se tratava de mera tolice. O espírito positivista de Freud, naquele momento, atingiu tal proporção que Jung teve de se conter para não lhe dar uma resposta mais ácida.

Enquanto a conversa se desenvolvia, com Freud argumentando com veemência contra os fenômenos parapsicológicos, Jung sentiu um grande mal estar. Pareceu-lhe que o seu diafragma estava pegando fogo. De repente, ouvi-se um grande estalo em uma estante que estava próxima a eles. O ruído fora bastante forte a ponto de assustar os dois homens. Ambos tiveram a impressão de que o móvel iria cair sobre eles. Então, Jung disse a Freud:

- Viu? É isso que eu chamo de fenômeno catalítico de exteriorização.
- Isso é puro disparate. Respondeu Freud.
- Não é tolice, professor. Eu o aviso previamente de que haverá novo estalo.

Mal Jung havia dito estas palavras, houve, mais uma vez, um novo estalo no mesmo móvel. De algum modo, Jung sabia que o barulho iria se repetir como verdadeiramente aconteceu. Freud olhou para o seu amigo literalmente abalado. Jung entendeu aquele olhar não só como uma forma de manifestar o seu desagrado mas, principalmente como se, com aquele olhar, ele quisesse demonstrar uma forte desconfiança com respeito a ele. Nunca mais os dois homens voltaram a tocar naquele assunto.

Ainda em 1909, Jung foi convidado pela Clark University, situada em Worcester, no Estado de Massachusetts para fazer palestras sobre a técnica da associação de palavras. Na mesma ocasião, mas independentemente, Freud recebeu idêntico convite e, assim, os dois decidiram viajar juntos. Participou também desta viagem Sándor Freczi,⁵⁵ um amigo e colaborador de Freud. Nessa viagem houve um fato estranhíssimo.

Na cidade de Bremen, Jung conversando com Freud fez referência aos cadáveres do pântano. Por este nome, designava-se a descoberta arqueológica de corpos humanos muito antigos acontecida ao norte da Alemanha. Esses corpos, possivelmente pré-históricos eram de pessoas que se havia afogado no pântano onde sofreram um processo de mumificação em virtude de condições ambientais propícias. Jung, que sempre estava interessado em Arqueologia e em assuntos ligados à morte, como já vimos em outra parte deste livro, falava dos cadáveres como se fosse o melhor assunto deste mundo.

De repente, Freud, irritado, perguntou a Jung por que estaria tão interessado em cadáveres. Jung procurou responder, mas Freud, repentinamente, sofreu um desmaio. Mais tarde, Freud teria dito ao próprio Jung que considerava a conversa sobre cadáveres como um sentimento de hostilidade contra a sua pessoa e achava que Jung desejava, inconscientemente a sua morte. Jung ficou muito admirado com

aquela interpretação de Freud sobre ele. Em um outro momento, durante uma conversa entre eles sobre a reforma religiosa do Egito no tempo do faraó Amenóphis IV, Freud que discordava de Jung mais uma vez, teve outro desmaio. Esses “desmaios táticos” de Freud não deveriam ser visto por Jung com tanta admiração, uma vez que ele próprio aprendera a desmaiar para não ir à escola.

Pouco a pouco, à medida que a importância de Freud crescia e o seu trabalho ia sendo reconhecido, formou-se, em torno dele, um grupo de estudiosos de psicanálise que daria origem, mais à frente, à Sociedade Psicanalítica. Freud, naturalmente, era o centro mesmo desta constelação ou melhor dizendo, a estrela mais brilhante. Jung fazia parte deste grupo e era considerado por Freud como seu sucessor à frente do movimento. Jung, por seu turno, não se acomodava facilmente aos moldes propostos por Freud e, um dia, chegou à conclusão de que deveria deixar aquele grupo. E por que tomara tal decisão? Vamos ler a explicação do próprio Jung:

Compreendi então por que a psicologia de Freud me interessava tanto. Minha necessidade era saber, de qualquer maneira, em que consistia a sua “solução razoável.” Para mim, esta era uma questão vital e me sentia pronto a grandes sacrifícios a fim de obter a resposta. Comecei a ver claro. Ele mesmo sofria de uma neurose, uma neurose fácil de se diagnosticar, com sintomas muito incômodos como pude descobrir durante a nossa viagem à América. Nessa época ele me ensinara que todos são algo neuróticos e que, portanto, é preciso que seja tolerante. Entretanto, esta afirmação não me contentava: queria saber de que maneira poderia evitar uma neurose. Vira que nem Freud nem seus discípulos podiam compreender a importância que tinha, para a teoria da Psicanálise, o fato de que o próprio mestre não conseguia sair de sua própria neurose. Quando ele manifestou a intenção de identificar a teoria e o método para fazer disto uma série de dogmas, senti que não poderia continuar a colaborar com ele. Nada pude fazer senão me afastar.⁵⁶

Jung, em seguida, decide publicar um livro intitulado *Metamorfoses e símbolos da Libido*, obra que marcará a ruptura definitiva entre os dois psicólogos. Sobre isso, esclarece: *Eu sabia de antemão que o capítulo “O Sacrifício” me custaria a amizade de Freud.*⁵⁷ Neste capítulo Jung expôs a sua própria concepção de incesto e a metamorfose decisiva do conceito de libido ora, esse conceito era demasiadamente caro a Freud para que ele perdoasse Jung por aquela transgressão. Encontrava-se ali, ainda, outras idéias que Freud não aprovaria; daí a certeza de Jung de que aquele livro e, principalmente, o capítulo aludido, marcaria o fim de seu relacionamento com o mestre de Viena. Em verdade, houve outros fatores que contribuíram para a cisão entre Jung e Freud, motivos esses que não cabem no espaço deste livro a não ser que nos afastemos muito de nossa proposta inicial.

Por fim, gostaria de lembrar uma coisa: em um certo momento de seu livro autobiográfico, Jung fala da atitude cética e de seu ceticismo e *secura* perante a vida. Esta referência à personalidade de Freud nos faz lembrar uma passagem do espírito André Luiz⁵⁸ através da pena de Francisco Cândido Xavier em seu livro *Entre a Terra e o Céu*. Nessa obra, o espírito instrutor fala a André Luis sobre os trabalhos de Freud, criticamente, mas de um modo muito mais sutil e amoroso do que o fazem os críticos encarnados. Citaremos este trecho à guisa de conclusão:

Freud vislumbrou a verdade, mas toda verdade sem amor é como luz estéril e fria. Não bastará conhecer e interpretar. É indispensável sublimar e servir. O grande cientista observou aspectos de nossa luta espiritual na senda evolutiva e catalogou os problemas da alma, ainda encarcerada nas teias da vida interior. Assinalou a presença das chagas dolorosas do ser humano, mas não lhe estendeu o eficiente bálsamo curativo. Fez muito, mas não o bastante. O médico do porvir, para sanar as desarmonias do espírito, precisará mobilizar o remédio salutar da compreensão e do amor, retirando-o do próprio coração. Sem mão que a ajude, a palavra erudita morre no ar.⁵⁹

⁵¹ Pessoa indesejável

⁵² O que não tem lugar ou que está a margem

⁵³ Jung. Op. cit. pag 134

54 Jung op. cit. p. 136

55 Sándor Frenzi (1873-1973). Psicanalista húngaro, colaborador íntimo de Freud, famoso pelas experiências que, mais tarde darão origem ao psicodrama e à análise de grupo. Nota do 1ª Editor

56 Jung. Op. cit. 149

57 Jung. Op. cit. 149

58 André Luiz é um dos mentores espirituais de Chico Xavier, autor de um grande número de obras por ele psicografadas.

59 Luiz André, Entre a Terra e o Céu. p. 93. Nota do 1º Editor

CAPÍTULO VIII



XAMANISMO:
SONHOS E VIAGENS
FORA DO CORPO



Nesse capítulo, visamos preparar o nosso leitor para o capítulo seguinte. Aqui, vamos nos apoiar em um capítulo do livro de Marie-Louisie von Franz, discípula de Jung intitulado *Jung, seu Mito em Nossa época*. O capítulo a que nos referimos chama-se *A Jornada para o Além*. A autora nos lembra que as origens mais remotas da moderna psicoterapia que a história consegue registrar estão nos xamanismo arcaico e nas práticas dos curandeiros entre povos primitivos tanto nas primeiras civilizações como entre as comunidades primitivas de nosso tempo.

Lembra Marie-Louisie que há uma diferença entre o sacerdote e o xamã. Nas sociedades ditas civilizadas, o sacerdote é o guardião do ritual e da tradição religiosa coletiva. O xamã entre os povos primitivos é detentor de técnicas conseguidas por meio de suas experiências individuais com o mundo dos espíritos. Sendo a sua função primária o tratamento de moléstias e de distúrbios na vida da comunidade. O interessante que destaque aqui é o fato de que a autora, sempre fiel ao pensamento junguiano, prefere chamar o mundo dos espíritos de inconsciente.

Como o xamã cura a pessoa que sofre (o paciente em linguagem moderna)? A cura é feita por meio dos transe do próprio xamã que, viajando ao mundo dos espíritos, descobre o remédio adequado àquele caso. Ele ainda exerce a função de psicopompo, ou seja, de condutor de almas no mundo espiritual, e ainda exerce a função de médium entre os dois planos, o material e o espiritual. Em seu notável livro *O Xamanismo*, Mircea Eliade nos diz que o xamã é um especialista da alma uma vez que conhece a sua forma e o seu destino.

Como alguém se torna xamã? Muitas vezes isto se dá por hereditariedade no caso de famílias de xamãs, mas existem também aqueles que são chamados para exercer este trabalho. São os chamados por vocação. Neste segundo caso, o chamado é anunciado através de uma espécie de desorientação psíquica. O apelo também pode vir por meio de um sonho. Como acontece com a mediunidade, muitas convocações ao Xaminismo, vem acompanhados de doenças físicas, mal-estar, dores de cabeça, estranhos zumbidos que acabam assim que o xamã aceita a sua tarefa e começa a se desenvolver. Ainda como no caso dos médiuns, os xamãs costumam ser pessoas muito sensíveis e mais suscetíveis do que as outras pessoas.

Na prática do Xamanismo e nas experiências iniciáticas dos curandeiros de povos primitivos acontece um fenômeno religioso muito antigo que se encontra relatada em velhas histórias sobre os xamãs. Este tema recorrente costuma ser chamado de ascensão da alma ou viagem fora do corpo ou ainda viagem celestial. Na cultura judaica, no *Primeiro livro de Enoque* uma dessas viagens teria sido feita por este profeta que, já perto do final da vida, teria sido levado ao céu pelo espírito do próprio Deus onde toma conhecimento de certas revelações.

Tais viagens incomuns são narradas também no *Segundo Livro de Enoque*; no chamado *Apocalipse de Baruch*; no *Apocalipse de Sofonias*, obra citada por Clemente de Alexandria. Nesta obra, Sofonias é também conduzido ao céu pelo pneuma (Espírito) e lá contempla ao obra de Deus. O apóstolo Paulo de Tarso na sua segunda carta aos Coríntios parece se orgulhar de ter sido levado ao que ele chama de terceiro céu e ao paraíso. Diz o apóstolo dos gentios que ela não sabe, nesta viagem, estava no corpo ou fora do corpo. No terceiro céu, ouviu palavras impronunciáveis.

No *Talumud Babylonicus*, (Traktat Chagiga 14b) citado por Bousset há uma história muito interessante. Conta-se nesse livro que quatro homens tentaram entrar no céu e ir ao paraíso. Foram eles: Bem Asai, Bem Soma, Acher e o rabino Akiba. Bem Asai foi, viu e morreu; Bem Soma ao contemplar

aquelas maravilhas, enlouqueceu; Acher derrubou árvores. Somente o Rabi Akiba foi e voltou em paz.

O historiador romeno Mircea Eliade nos diz que, na Grécia Antiga, as viagens fora do corpo dos xamãs, também existiram. Os médicos-sacerdotes Abaris e Aristeu de Proconeso curavam e profetizavam (entravam em estado mediúnico) em êxtase. Hermótino de Clazômena teria deixado seu corpo por um tempo considerável (muitos anos) e seguiu para regiões distantes. Nesses lugares não revelados recebeu o dom mântico e a faculdade de conhecer o futuro. Epimenides de Creta, certo dia adormeceu em uma caverna do monte Ida e ali aprendeu a entrar em transe e conhecer todas as coisas. Entre os trácios era usada a fumaça do cânhamo para produzir estados de êxtase e o mesmo acontecia com a pitonisa de Delphos que entrava em transe mascarando folhas de louro e aspirando um gás subterrâneo.

Conta Platão em seu livro *República* a história de Her, o armênio que, ferido em uma guerra foi dado como morto. Nesse estado foi levado a uma região onde os espíritos se preparavam para reencarnar e, inclusive podiam escolher as suas provas na Terra. A lenda de Timarco possui material parecido com este.

Na antigo Irã existem também relatos de pessoas que em estado de êxtase, visitam o mundo sombrio ao qual só se vai depois da morte. Em uma obra intitulada *Livro de Artay Viraf* conta-se o sofrimento de um personagem chamado Viraf que padeceu durante sete dias em virtude de um tétano. Nesse período, a alma de Viraf viaja, vagueia pelos páramos celestiais e cruza a ponte Cinvat, que deve ser atravessada pelo espírito depois da morte. Do outro lado da ponte, ele vê os lugares da danação e da bem-aventurança dos desencarnados. O romano Cipião, conta-nos o historiador grego Macróbio é instruído nos segredos do além pelo espírito de um seu ancestral. Todos esse exemplos de viagens extra-corpórea servem para que o leitor leia o próximo capítulo bem mais informado.

CAPÍTULO IX



SONHOS E VISÕES.
SURGIMENTO DE FILEMON



A ruptura com Freud fora demasiadamente dura para Jung e muito mais do que ele próprio imaginara. Ele passou por um período de incerteza interior e mesmo de desorientação. Parecia que a falta de Freud lhe abrira um abismo difícil de contornar ou uma região sombria onde ele não conseguia se encontrar. Tornou-se também, para ele, muito difícil relacionar-se com seus clientes do mesmo modo como se havia relacionado anteriormente. Decidiu, então, que o melhor a fazer naquele momento era escutar atentamente os seus clientes, utilizar a matéria oferecida pelos sonhos deles, tomando-os como ponto de partida para penetrar o mais profundamente possível daquelas pessoas para alivia-las de suas dores.

Acontecem, então, com Jung alguns sonhos muito interessantes. No dia 24 de dezembro de 1912, Jung teve um sonho. No sonho ele se encontrava em uma belíssima loggia italiana⁶⁰ com colunas, pisos e balaustrada de mármore. Via-se sentado em uma cadeira dourada de estilo renascentista. Diante dele, havia uma mesa de rara beleza, talhada em, pedra verde, muito semelhante à esmeralda. Sentado, ele podia olhar a paisagem a distância porque o lugar onde ele estava ficava no alto. Ele observava seus filhos que estavam sentados à mesa.

Esta primeira parte do sonho que se chama apresentação, nos dá a cena de abertura, o local onde se passa o sonho e as pessoas envolvidas. Na segunda parte ou desenvolvimento do enredo que se chama trama onírica, Jung vê um pássaro baixar do céu. Tanto poderia ser uma pequena gaivota ou uma pomba. O pássaro pousa graciosamente sobre a mesa. Jung faz um sinal para que seus filhos não se movessem, pois poderiam espantar o belo pássaro que havia pousado ali. De repente, a bela ave se transforma em uma menina pequena com uma linda cabeleira loura. A menina sai correndo com os filhos de Jung e vão brincar entre as colunatas do templo.

Jung, porém, continuava sentado onde estava, refletindo sobre o que estava vendo. A menina volta-se para onde ele estava e, carinhosamente, cinge-lhe o pescoço com um dos braços. De repente, a menina desapareceu e, em lugar dela, voltou a pomba e falando com voz harmoniosa e linda, diz ela: “Só nas primeiras horas da noite, posso me transformar em um ser humano enquanto o pombo cuida dos doze mortos.” Dito isto, a ave alça vôo para o infinito e Jung acorda.

Jung nada entendeu deste sonho. Sabia apenas que era uma atividade habitual do inconsciente e mais nada. Não sabia o que significava aquela ave e muito menos o sentido da expressão “doze mortos”. E a mesa esmeralda? Passou em revista algumas possibilidades de interpretação para aqueles signos oníricos, mas nenhuma delas pareceu-lhe adequada ou satisfatória. Nada tinha a fazer naquele caso se não esperar pelo rumo dos acontecimentos. Por aquela época, o espírito perturbado de Jung vivia prováveis lembranças de outras vidas, além da interferência de espíritos imperfeitos que provocavam visões de mortos, cadáveres colocados em fornos crematórios e coisas assim. Jung considera esse tipo de acontecimento como fantasias do inconsciente.

Aconteceu, então, um outro sonho. Neste, ele se encontrava em uma região perto de Alysacamp nas proximidades da cidade de Arles onde existia uma alameda de sarcófagos da época merovíngia.⁶¹ No sonho Jung vem da cidade e vê uma alameda ornada de túmulos. Havia pedestais com lajes por cima onde os mortos repousavam. Cada um dos mortos usava roupas antigas e tinham as mãos postas no peito, como se vê nas representações dos mortos existentes nas antigas capelas funerárias. No sonho, entretanto, os mortos não são de pedra como acontece nas capelas, mas se assemelham a múmias. Ele, então vai vendo, morto por morto, e descobre que eles pertencem a épocas diferentes. Ao reparar melhor em um deles, percebe que morto parece acordar de seu sono. Ele percorre toda a série de mortos até chegar a

um cavaleiro do século XII. Embora não esteja vivo, ele mexe com os dedos da mão esquerda.

Novamente Jung não conseguiu explicar o seu sonho. Freud havia argumentado com ele que, em alguns casos, o inconsciente pode rever experiências antigas. Mas de que tipo? Como isso é possível? Pergunta Jung. Esse sonho se repete e a perturbação de Jung aumenta e ele teme estar sendo vítima de uma patologia mental. Sem poder interpretar as imagens oníricas e sem mesmo explicar o que acontece com o seu psiquismo, ele decide deixar a racionalidade para um canto e se entregar, por completo, ao destino que seu inconsciente havia programado para ele.

Nesse momento, surge em sua mente, em uma fase de sua infância quando se dedicava à construção de pequenas coisas como casinhas e castelo feitos com pedrinhas e argamassa. Sim. Poderia ser isso, pensa Jung. Talvez estivesse faltando à sua vida um pouco de criatividade e a sua criança interior estava exigindo isso. Ficou, entretanto, confuso e envergonhado. Como poderia ele, um psiquiatra renomado sair, por aí, brincando como criança? Bem, em tudo isso, algo lhe pareceu concreto: ele havia apelado para o seu inconsciente, viera uma resposta e o que deveria fazer era seguir a proposta que lhe fora enviado. Passa, então, o seu tempo livre a catar pedrinhas que ele encontrava na beira do lago e mesmo dentro d'água. Começa, assim, a retomar a sua infância, construindo casinhas, castelos e mesmo uma pequena cidade. Uma cidade necessita de um templo e ele o faz, embora tivesse dificuldade na construção do altar. Ocupa todo o seu tempo exercitando a sua criatividade, brincando com as pedras e confeccionando coisas. Com isso, sente-se um pouco melhor.

Em 1913, a sua mediunidade volta a aflorar e ele tem uma visão. Vamos ver a narrativa do próprio Jung sobre este acontecimento.

Por volta de 1913, a pressão interior que, até então, eu havia sentido, pareceu deslocar-se para o exterior como se algo pairasse no ar. Efetivamente, atmosfera me parecia mais sombria do que antes. Não parecia se tratar de uma situação psíquica, mas de uma realidade concreta. Essa impressão tornava-se cada vez mais intensa.

No mês de outubro, viajando sozinho, fui subitamente assaltado por uma visão. Vi uma onda colossal cobrir todos os países da planície setentrional entre o Mar do Norte e os Alpes. Quando atingiu a Suíça, vi as montanhas se elevarem cada vez mais, como para proteger o nosso país. Acabara de ocorrer uma enorme catástrofe. Eu via as vagas impetuosas e amarelas, destroços flutuantes das obras da civilização e a morte de inúmeros seres humanos. O mar se transformou em torrentes de sangue. Esta visão durou cerca de uma hora. Perturbado, nauseado, tive vergonha de minha fraqueza.⁶²

Esta passagem é verdadeiramente impressionante. Ela lembra bastante alguns trechos do Velho Testamento nos quais os profetas (médiums) sentiam uma forte e dolorosa pressão interior que eles interpretavam como a mão de Deus, que os oprimia e os mandava profetizar. Nesse caso o profeta Jeremias é um bom exemplo. Jung sente a mesma sensação que se poderia chamar de pré-profética. Trata-se, muito provavelmente, de um desdobramento⁶³ em que ele é levado ao Plano Espiritual onde contempla em uma espécie de tela fluídica os acontecimentos traumáticos que deverão acontecer na Europa. Esta visão se repete mais terrível ainda e, em uma delas, ouve uma voz que lhe diz: **“Olha bem, isto é real e será assim.”** A visão prossegue até que, no dia 1º de agosto de 1914, eclodiu a primeira guerra mundial.

Jung prossegue no que ele considera como uma luta com seu inconsciente. Sente-se mergulhado em um mundo estranho, misterioso, sufocante. Tinha medo de que acontecesse com ele o que aconteceu Nietzsche⁶⁴ e Hölderlin⁶⁵. Angustiava-se em imaginar-se louco em lugares como Burgholzli. Às vezes, ouvia barulhos semelhantes a trovoadas. Tem a impressão de que forças poderosas desejam subjugar-lo. Recorre a exercícios de Yoga e isso o acalma um pouco, mas não é o suficiente.

Em 1913, voltava ter uma estranha experiência. O relato de Jung sobre esta visão é interessante porque se tem a impressão de que ele provocou, conscientemente o fenômeno que acreditamos ser de

desdobramento. Vamos ao texto:

Foi no ano de 1913 que decidi dar um passo definitivo, no dia 12 de dezembro. Sentado em meu escritório, considerei mais uma vez os temores e me abandonei à queda. O solo pareceu ceder aos meus pés e fui como que precipitado em uma profundidade obscura. Não pude evitar um sentimento de pânico, mas, de repente sem que eu houvesse ainda atingido uma grande profundidade, encontrei-me com grande alívio, de pé, sobre uma estranha massa viscosa.

A escuridão era quase total; pouco a pouco, meus olhos se habituaram com ela que parecia um crepúsculo sombrio. Diante de mim estava uma caverna obscura; um anão ali permanecia de pé. Parecia feito de couro como se estivesse mumificado. Tive de esgueirar-me, quase roçando nele a fim de entrar pela passagem estreita e fui patinando, água gelada alcançando-me os joelhos, até o outro lado da caverna. Percebi, então, que, numa saliência da rocha cintilava um cristal vermelho. Ergui a pedra e, embaixo dela, havia um espaço vazio. A princípio, nada distingi nele; depois, percebi, no fundo, um curso de água. Passou um cadáver flutuando na correnteza: era um adolescente de cabelos louro, ferido na cabeça. Segui-o um enorme escaravelho negro e, então, surgiu, do fundo das águas, um rubro sol nascente. Ofuscado pela luz tentei pôr a pedra no orifício, mas nesse momento, um líquido fez pressão e escoou através da brecha. Era sangue! Um jato espesso jorrou. Senti náuseas. Tive a impressão de que isso se prolongou intoleravelmente. Afinal o jato estancou, terminou a visão.⁶⁶

Esta experiência foi bastante forte a ponto de deixar Jung prostrado. Ele interpreta o fato como uma intervenção fortíssima de seu inconsciente que lhe “fala” por meio da mitologia do herói solar do tipo egípcio (mito de Osíris onde o deus nasce e renasce a cada dia) reproduzido na figura do escaravelho, uma representação solar na mitologia do vale do Nilo. Ele, porém, mais uma vez, não entende a mensagem de seu inconsciente no que diz respeito à presença do sangue. Jung está cansado deste jogo de gato e rato entre ele e as forças que lhe são desconhecidas. Resolve, então, desistir de qualquer tentativa de interpretar seus sonhos e visões.

No dia 18 de dezembro, aconteceu um novo sonho. Desta vez, ele se encontra em uma montanha solitária e rochosa com um adolescente desconhecido, um selvagem de pele escura. O dia está surgindo e as estrelas do céu começam a se apagar. Ao longe, sobre as altas montanhas, ouve-se a trompa de Siegrifried⁶⁷ e ele compreende que deve matar o herói. Os dois – Jung e o selvagem – estão armados com fuzis. Esperam, então, emboscados, que Siegrifried passe. O herói desce a montanha a toda velocidade, conduzindo um carro feito de ossos. Jung e seu companheiro atiram, e Siegrifried cai mortalmente ferido. Jung teve remorso pelo que havia feito. Decide fugir, com medo de ser descoberto pelo crime que havia praticado. Cai uma chuva torrencial que – imagina Jung – deverá apagar as marcas de seu crime. Ele sabe que ninguém o descobrirá, mas continuará com um forte sentimento de culpa.

Mais uma vez, o sonho lhe parece enigmático e insondável. Tenta dormir de novo, mas escuta uma voz que lhe diz: “É preciso que compreendas este sonho imediatamente.” Um “frisson” corre por todo o corpo de Jung. A voz sentencia implacável: “Se não compreenderes este sonho, melhor seria dares um tiro na cabeça.” Ele se lembra de que seu revólver estava na gaveta e sente de que pudesse obedecer a voz. De repente, passa por sua cabeça, uma solução.

Mas este é o problema que agita atualmente o mundo. Siegrifried representa o que os alemães queriam realizar, isto é, a imposição heróica da própria vontade. Onde há vontade há um caminho. Era precisamente isso que eu também quisera, mas tal coisa não era mais possível. O sonho representava uma atitude encarnada por Siegrifried, o herói, não correspondia mais a mim mesmo. Por esse motivo foi necessário que ele sucumbisse.⁶⁸

Esta interpretação satisfaz plenamente a Jung e ele consegue retomar o seu sono. Dias depois, ele tem

uma nova experiência de desdobramento. Desta vez, “ele viaja” até uma região muito parecida como o Hades, o mundo dos mortos dos antigos gregos. Ali existe um muro rochoso onde ele encontra um homem idoso, acompanhado de uma jovem muito bonita. Reunindo todas as suas forças, ele aborda a dupla como se os dois fossem pessoas reais. Escutou, então, o que lhe diziam. O homem idoso disse que se chamava Elias e esta revelação abalou Jung. A moça se chamava Salomé e era cega. Elias disse ao psicólogo que ele e a moça estavam ligados desde toda a eternidade e isso aumentou ainda mais a confusão de Jung. Estava também com eles uma serpente negra que demonstrou uma estranha inclinação pelo sonhador. Jung resolve conversar com Elias porque Salomé não lhe inspirava confiança. Tem, a seguir, uma longa conversa com o velho cujo sentido não consegue entender. Sem poder compreender o sonho, Jung faz uma leitura do casal Elias e Salomé como dois arquétipos. O primeiro o do Velho Sábio e a segunda, da anima e ainda poderiam encarnar o Logos e o Eros.

Gostaríamos de fazer aqui uma especulação inteiramente livre. Os estudiosos da Doutrina Espírita, interpretando uma passagem do Evangelho segundo Mateus (Mat. XI: 12-15) na qual o mestre identifica João Batista e o profeta Elias como sendo o mesmo espírito, defendendo a tese de que Elias havia encarnado com a personalidade de João Batista. Os espíritas justificam a sua tese utilizando-se de um princípio identificado como a Lei de Causa e Efeito. Assim como Elias, em sua época havia por degolação, muitos profetas de Baal, na encarnação como João Batista, ele sofrerá o mesmo tipo de morte que outrora impusera a seus adversários.

Relendo-se a biografia de Elias, o Tesbita, encontramos uma personagem chamada Jesabel, rainha, esposa do rei Acab. Jesabel era seguidora do deus Baal e muito estimava os profetas deste deus. Assim, o ato de Elias foi para a rainha uma ação execrável e ela diz que mataria Elias do mesmo modo que ele matara os seus profetas. Elias, porém, não morreu degolado, uma vez que foi, em vida, arrebatado ao céu por um carro de fogo. Teria Jesabel esperado tanto tempo para reencarnar como Salomé, filha (ou sobrinha) de Herodíades, mulher de Herodes, para dar o troco a seu antigo desafeto? Fica a pergunta.⁶⁹

Voltemos, porém, ao nosso estudo principal. As coisas continuam muito difíceis para Jung quando lhe acontece um fato novo: a presença de um personagem chamado Filemon. Esta personalidade apareceu-lhe a primeira vez em um sonho. Nesse sonho, Jung se encontra em um lugar muito estranho. De repente, surge a seu lado um ser alado. Era um velho com chifres semelhantes aos de um touro. Trazia na mão um feixe de quatro chaves e parecia que ia abrir uma porta. As suas asas eram quase iguais às de um pássaro, chamado martim-pescador, inclusive com as cores próprias daquela ave.

Jung ficou tão impressionado com este sonho que para não esquece-lo, fez um desenho das imagens principais. Poucos dias depois do sonho, passeando em seu jardim, nas margens do lago, encontrou um martim-pescador morto. Aquilo era inteiramente insólito porque aquele tipo de pássaro não era comum em Zurich. O corpo da ave ainda estava fresco. Deveria ter morrido há pouco tempo, uns dois ou três, talvez. Não havia sinais de fermento em seu corpo.

Em um segundo momento, Filemon passou a se intrometer nos pensamentos de Jung. O psicólogo suíço afirma que Filemon **representava uma força que não era de seu interior, parecendo uma força externa, vinda de fora**. Em imaginação (mentalmente) Jung conversa com este personagem e diz ter percebido com clareza que era ele (Filemon) quem falava. Pouco a pouco, nessas conversas, Filemon informa a Jung a respeito da objetividade psíquica e da realidade da alma. A experiência com esta personalidade é interessante. Sobre ela, nos informa Jung:

Psicologicamente, Filemon representa uma inteligência superior. Era, para mim, um personagem misterioso. De vez em quando, eu tinha a impressão de que ele era quase que fisicamente real. Passeava com ele pelo jardim e o considerava uma

Estas palavras nos parece meio descabidas na boca (ou na pena) de um psicólogo de formação materialista. Ele, ao mesmo tempo que considera Filemon um produto de seu inconsciente. Tem com ele uma relação muito próxima daquela que Francisco Cândido Xavier tinha para com Emmanuel ou Divaldo Pereira Franco, tem com Joana de Angelis. Tempos mais tarde, cerca de quinze anos depois destes acontecimentos, Jung recebeu a visita de um hindu muito culto e teve com ele uma conversa entre o guru e o seu chelah.⁷² Em sua autobiografia, Jung narra a conversa que teve com esse homem. Reproduzimos aqui este texto pela importância que ele possui para o nosso trabalho. No início de sua conversa, Jung pergunta ao hindu sobre a natureza de suas relações com o seu guru e qual era o nome dele. O Indiano respondeu:

- Oh! Sim. Era Chankaracharya.
- O Senhor não está se referindo ao comentador dos Vedas?⁷³ Ele não morreu há séculos?
- Sim. É dele que estamos falando. Respondeu o homem.
- O Senhor está falando de um espírito? Questionou Jung.
- Naturalmente. Concluiu o indiano.

Nesse momento, Jung diz ter se lembrado de Filemon. O indiano prosseguiu: “Há também gurus espirituais. A maioria das pessoas tem gurus que são homens vivos, mas há também as que tem espíritos por mestres.”

Consideramos estranho que Jung tenha colocado em seu livro de memórias esta passagem. O que pretendia com isso? Por que fez referência a uma passagem que diz respeito à mera opinião de um homem sobre uma questão espiritual? Talvez, Jung tenha desejado colocar, na boca desse personagem uma opinião sua sobre as suas relações com Filemon, opinião que ele possuía, mas que não podia assumi-la abertamente. Talvez. Apenas talvez...

Gostaríamos terminado este capítulo de fazer algumas considerações sobre o que vimos até aqui. Recordemos que, ao iniciar este capítulo lembramos que a separação entre Freud e Jung fora bastante traumática para o segundo. Naquele momento instaurou-se, em seu mundo interior, uma crise fortíssima, marcada por uma sucessão de sonhos e desdobramentos no qual ele visita o plano espiritual e tem contacto com espíritos desencarnados que ele toma por imagens arquetípicas. Por meio dessas manifestações, ele foi advertido com energia, mas não consegue perceber com clareza a natureza real e o conteúdo desses avisos. Jung, em lugar de interpretar corretamente o que lhe acontecia e de estudar, de um ponto de vista espiritual, aqueles fenômenos, prefere interpretá-los pela ótica do Materialismo. É neste momento que aparece Filemon para ajuda-lo a pôr alguma ordem no caos instaurado em seu psiquismo.

É realmente impressionante como Jung mesmo “esmagado” por um grande número de fenômenos de natureza claramente espiritual não se rende às evidências e sempre procura escapar pela porta larga do Materialismo. Vamos a um exemplo em que Jung deixa isto muito claro:

Redigindo as anotações a respeito de minhas fantasias, certo dia, perguntei a mim mesmo: Mas, a final, o que estou fazendo? Certamente tudo isso nada tem a ver com Ciência. Então, do que se trata? Uma voz me disse: “o que fazes é arte.” Fiquei profundamente impressionado pois nunca me teria vindo ao espírito a idéia de que as minhas fantasias se relacionassem com arte. Mas pensei: **Talvez o meu inconsciente haja elaborado uma personalidade que não é a minha e que deseja expressar a sua própria opinião.** Eu sabia que a voz vinha de uma mulher e a reconheci como sendo a de uma paciente, uma psicopata muito dotada que estabelecera uma forte transferência com relação a mim. Ela se tornara uma personagem viva de meu mundo interior.⁷⁴

Jung procura reagir com respeito à colocação feita pela voz. Procura, energicamente, explicar àquela voz misteriosa que ela estava errada e que o seu trabalho não tinha a menor relação com arte, contudo, a voz insistia: “O que fazes é arte.” Ele esperou que a voz continuasse o diálogo, mas ela silenciou. Ele então imaginou que a mulher que havia dentro dele (ânima) não havia respondido porque lhe faltava um centro de palavra e, então, propôs a ela que usasse o seu mecanismo verbal para expor os seus pontos de vista. Ela aceita a proposta e faz uma longa dissertação, apresentando o seu modo de ver o problema. Este fato leva Jung à seguinte conclusão:

Sentia-me extremamente interessado pelo fato de que uma mulher que provinha de meu íntimo se imiscuísse em meus pensamentos. Refleti que, provavelmente, se tratasse da alma no sentido primitivo do termo. Perguntei a mim mesmo o motivo pelo qual a alma fora designada com o nome de anima. Porque é representada como sendo feminina? Compreendi, mais tarde, que esta figuração feminina em mim correspondia uma personificação típica ou arquetípica do inconsciente do homem, designei-a pelo termo anima. A figura correspondente, no inconsciente da mulher, chamei de animus.⁷⁵

Assim, a partir de um fato acontecido com ele, Jung generaliza e estende a presença da anima e do animus a todos os psiquismos existentes. Mais uma vez, Jung racionaliza aquilo que não entende e que não está disposto a ver de outro modo. Volto a registrar a minha admiração e a perguntar: como é possível que uma pessoa tão envolvidos com conceitos básicos do Espiritismo, como a mediunidade, a reencarnação e suas conseqüências, mostre-se tão resistente a mudar essa leitura.

Sem desejar fazer qualquer tipo de crítica a Jung, ou aos homens de ciência em geral, gostaria de lembrar como homens dedicados ao estudo dito científico, de um fenômeno qualquer podem se comportar de um modo tão cego e fanatizado quanto o comportamento de alguns religiosos que esses mesmos homens criticam. Uns são fanáticos por nada aceitarem fora do discurso oficial das ciências e outros, por aceitarem qualquer coisa imposta por livros sagrados ou por líderes de sua religião sem a menor crítica.

Terminado este capítulo gostaria de lembrar que o bom senso; a humildade; a capacidade de estar sempre revendo nossos pontos de vista; a coragem para fazer mudanças; o respeito pela opinião alheia e, principalmente, o amor pela verdade; estejam onde estiverem, são qualidades indispensáveis a todas as pessoas que deseje realmente, estudar um assunto com verdadeira honestidade.

⁶⁰ Logia. Pórtico, arcada, varanda, loja maçônica. O sentido aqui seria o de varanda ou pórtico.

⁶¹ O nome merovíngio se refere à primeira dinastia dos reis franceses. Tira seu nome de Meroveu, personagem mal conhecido tido como filho de Clódio, o Cabeludo que é considerado com o fundador desta dinastia.

⁶² Jung Op. cit. p. 156

⁶³ Fato mediúnico em que o médium deixa seu corpo e faz viagens astrais.

⁶⁴ Nietzsche Friedrich (1844-1900). Famoso filósofo alemão autor do famoso livro Assim falava Zaratustra, entre muitos outros. Tendo sofrido um colapso nas ruas da cidade italiana de Turim, perdeu definitivamente a razão. Ao ser internado em Basiléia, diagnosticou-se uma paralisia progressiva, provavelmente motivada por uma infecção sífilítica contraída em sua juventude.

⁶⁵ Hölderlin Friedrich (1770-1843). Esquecido por quase 100 anos, hoje é visto como um dos maiores poetas líricos da Alemanha. A descoberta de seus poemas visionários estabeleceu uma discussão sobre os limites entre a genialidade e a loucura.

⁶⁶ Jung. op. cit. p. 159

⁶⁷ Herói de uma epopéia alemã. A Canção dos Nibelungos

⁶⁸ Jung. Op. cit. p. 160

⁶⁹ Recomendamos a leitura de duas obras: A Queda dos Véus de Américo Domingos N. Filho e A História das Idéias e dos Fenômenos Espíritas. Vol. I José Carlos Leal. Nota do 1º Editor

⁷⁰ Em Sânscrito, guru significa instrutor espiritual, mestre, preceptor nas doutrinas éticas e metafísicas. Essa palavra também se aplica ao mestre de uma doutrina qualquer.

⁷¹ Jung. op. cit. P. 163

⁷² Chela significa menino, mas neste caso foi empregado como discípulo de um guru.

⁷³ Livros sagrados da Índia, escritos em sânscrito e em número de quatro livros ou secções. Seriam estes livros revelações de Bhrama.

⁷⁴ Jung. Op. cit. p. 164

⁷⁵ Jung. Op. cit. p. 164

CAPÍTULO X



UMA PARADA
NO INCONSCIENTE



Até aqui se usou a palavra inconsciente como se ela fosse de inteiro domínio do leitor, entretanto, julgamos necessário abrir um capítulo para estudá-la com um pouco mais de calma para que se possa entender melhor o que se quer dizer com este conceito.

Em primeiro lugar, gostaríamos de lembrar que o inconsciente não foi uma descoberta de Sigmund Freud e muito menos uma criação deste genial psicólogo. As pesquisas de Henry Elleberg⁷⁶ e Lancelote Whyte⁷⁷ mostram que, há muito tempo, já se sabia de uma dimensão do psiquismo humano do qual o consciente não teria o menor conhecimento. Quando se estudam as culturas antigas como a do Egito, a Mesopotâmia, Grécia e Roma, principalmente em seus textos mítico-religiosos, encontram-se várias referências a um tipo de experiência que escapa, por completo, à consciência.

A apóstolo Paulo demonstra uma luta interior e confessa que não é inteiramente dono de suas ações, ao dizer: “Eu ainda faço o mal que não quero e não pratico o bem que desejo.” Santo Agostinho (354-430) uma das figuras mais expressivas da Igreja Católica na Idade-Média e um dos maiores filósofos do Mundo Ocidental, confessou: “Não consigo apreender tudo quanto sou.” Agostinho parece muito interessado nos comportamentos que escapam ao seu controle consciente. Em uma outra passagem de sua obra, ele pergunta sobre até que ponto seria moralmente responsável por seus sonhos. Colocadas essas primeiras questões, avancemos um pouco mais.

Sem maiores dúvidas, o primeiro filósofo da Modernidade a quem se deve uma formulação mais clara da noção de inconsciente foi o pensador alemão Gottfried von Leibniz (1646-1716).⁷⁸ Leibniz trata deste assunto ao desenvolver a sua teoria das mônadas que ele considerava fundamento da matéria e não os átomos. *As mônadas de Leibniz eram elementos muito complexos, sendo, inclusive, inteiramente materiais. Para ele, cada mônada seria uma unidade psíquica inestensa que, embora de natureza mental, possuía algumas propriedades da matéria física. Quando algumas delas se agregava, criava a extensão.*⁷⁹

Em termos muito gerais, as mônadas poderiam ser associadas à percepção. Leibniz acreditava que a atividade mental (ou das mônadas) possuíam graus diversos de clareza ou de consciência. Ele considerava dois momentos ou etapas de percepção. A primeira se chamava pequenas percepções que, quando atualizadas, transformam em apercepção. O som das cascatas, por exemplo, é formado da queda das gotas individuais (pequenas percepções) que não são percebidas individualmente mas que, quando reunidas em número suficiente, ganham extensão e formam a cascata, isto é, se transformam em uma apercepção. Haveria, portanto, segundo Leibniz uma dimensão do ato de perceber que nos é inteiramente inconsciente.

Passou-se mais um tempo, para ser mais exato, cem anos, e entra em cena o filósofo Johann Friedrich Herbart (1776-1841)⁸⁰ que, retomando as idéias de Leibniz, cria o conceito de limite ou de limiar em relação à consciência. Para ele, as idéias que ficassem antes do limiar seriam inconscientes uma vez que não passariam pela consciência. Segundo Leibniz, quando uma idéia se torna consciente, ela se torna uma apercepção, isto é, algo percebido antes, enquanto pequena percepção, seria inteiramente inconsciente. Herbart avança um pouco mais em relação a esta posição. Para ele seria impossível existir na consciência idéias conscientes ou racionais com idéias irracionais. As idéias incoerentes, portanto, seriam expulsas da consciência tornando-se inibidas (recalcadas em termos freudianos). As idéias que foram reprimidas continuam a existir, mas em nível aquém do limiar e se transformam em pequenas percepções segundo o modo de Leibniz. Essas idéias recalcadas, entretanto, não se conformam com a sua situação e lutam para chegar à consciência.

Gustavo Fechner (1801-1887)⁸¹ foi um outro psicólogo que também se interessou pela questão do inconsciente e contribuiu, relativamente, para a compreensão desse fenômeno e para o desenvolvimento de uma teoria sobre ele. Fechner se valeu da teoria do limiar de Herbart e criou a metáfora do “Iceberg” que, mais tarde, Freud iria perfilhar. Consoante esta alegoria, a mente seria uma espécie de iceberg cuja parte debaixo, sob a água, fica inteiramente oculta. Seria interessante chamar a atenção para o fato de um psicólogo objetivista como Fechner, ligado inclusive à formulações matemáticas na Psicologia, ter contribuído para um tipo de pesquisa subjetivo como a questão do inconsciente.

Uma outra dimensão para o estudo da dimensão inconsciente do psiquismo veio da parte de um estudioso alemão chamado Karl Robert Eduard von Hartmann (1842-1906) que, em 1868 publicou uma obra intitulada *Filosofia do Inconsciente*. Discípulo mais profundo e independente de Arthur Schopenhauer (1788-1860) defende a tese de que o fundamento universal e único de todas as coisas é o inconsciente que, ao evoluir segundo as leis do pessimismo, cria o Universo e todos os seres que o compõem; o termo ideal dessa evolução é o nihilismo absoluto. A obra, escrita originariamente em alemão, foi logo traduzida para o inglês e para o francês. Este livro fez com que o conceito de inconsciente fosse bastante discutido pela intelectualidade européia.⁸²

Esta primeira parte, pode-se dizer, trata da contribuição de filósofos e psicólogos à questão do inconsciente. Há, porém, uma nova contribuição, esta originada nas práticas da hipnose, denominado na época de magnetismo. O primeiro representante deste grupo foi um médico de Viena chamado Franz Anton Mesmer (1734-1815). Mesmer tornou-se famoso por causa do grande sucesso por ele alcançado no tratamento das doenças de fundo nervoso por meio do magnetismo. Mesmer chamava o hipnotismo de magnetismo animal.

Ainda no século XIX, surge em Paris, no Hospital Salpêtrière, um espírito notável que, naquela encarnação, chamou-se Jean-Martin Charcot (1825-1893) que se ocupou em estudar a histeria valendo-se da hipnose. Charcot conseguiu demonstrar com fartura de exemplos, que a paralisia histérica possuía causas psicológicas. Ele costumava dar, no Salpêtrière, verdadeiros espetáculos por meio da indução hipnótica, conseguindo provocar paralisias em pessoas normais. Nessas experiências, mostrava a seus alunos e colegas que, por meio da hipnose sugestiva ele conseguiu provocar em pessoas comuns: cegueira, surdez, paralisias, catalepsias e cisão da personalidade. Com isso, Charcot mostrava a existência de uma área do psiquismo humano sobre a qual a própria pessoa não tinha a menor consciência nem qualquer controle. Seria muito oportuno lembrar que, entre os alunos de Charcot, encontrava-se um jovem médico judeu chamado Sigmund Freud.

Assim, segundo Anthony Stevens⁸³ no final do século XIX, os psicólogos já haviam chegado a algumas conclusões sobre o inconsciente. São elas:

1. A atividade inconsciente existe, mas acontece debaixo do limiar da consciência.
2. Existem guardadas no inconsciente lembranças e percepções das quais não temos consciência, mas que, por meio da hipnose, podem ser recuperadas, dando origem a fenômenos curiosíssimos como a hipermnésia, a criptomnésia, etc.
3. Muitas habilidades que adquirimos conscientemente, automatizam-se e se tornam inconscientes.
4. O inconsciente possui uma função mitopoiética que é capaz de produzir sonhos, criar mitos, histórias, imagens e símbolos. Em estado psicopatológico podem dar origem à alucinações e várias

ocorrências de histerismo.

5. O inconsciente funciona como uma atividade dinâmica e substitui o conceito mesmérico de fluido pelo de energia mental. Esta energia pode ser inibida, sublimada ou mesmo transferido para outros indivíduos.

6. O inconsciente ainda é o responsável pelo fenômeno das personalidades duplas e múltiplas que podem aflorar em determinadas circunstâncias.

Vamos, em seguida, examinar a contribuição de Sigmund Freud a este tema. Bem no começo de seu trabalho, Freud acreditou que a vida psíquica se manifestava em duas dimensões: a consciente e a inconsciente. A parte consciente seria pequena, quase insignificante, representando a parte mínima da totalidade psíquica. Vamos retomar a metáfora proposta por Fechner. Imagine o leitor um iceberg, uma enorme montanha de gelo flutuando sobre a água do mar. A parte de cima, é a visível e a menor das duas.

A base desta montanha, encontra-se no fundo da água e é naturalmente, a sua maior parte. Na metáfora de que estamos falando, a parte de cima, a menor e visível, seria o consciente e a parte debaixo, a maior e invisível representaria o inconsciente. Na parte debaixo, segundo Freud, se encontram as pulsões, isto é, as forças que impelem todo o comportamento humano. Além dessas duas áreas, Freud reconheceu uma outra que ele chama de pré-consciente, ou seja, área anterior ao consciente. No inconsciente, encontra-se o material recalçado e no pré-consciente existe um material que foi suprimido, mas não de um modo tão radical e, por isso, pode ser trazido à consciência mais facilmente.

Coloque-se o leitor na seguinte situação: Você está assistindo a uma conferência e, de repente, você se distrai pensando em uma discussão que teve com uma pessoa no dia anterior. A discussão retorna de modo a tirar a sua atenção à conferência. Este material que retornou a sua mente estava no pré-consciente. O material recalçado no inconsciente, entretanto, não retorna com tanta facilidade.

Tempos depois, Freud refez a sua teoria e, abandonando a simplicidade bipolar consciente x inconsciente, criou novos conceitos como: Ego, Id e Super-Ego. Em sua revisão, o Id ocuparia o lugar do inconsciente, sendo, deste modo, a parte mais interior e menos acessível da personalidade. Nele, ocultos, estão os instintos sexuais agressivos, força recônditas poderosíssimas. O Id, conforme Freud, encontra-se isento de qualquer moralidade e, por isso, não conhece os juízos éticos; visa apenas a uma coisa: a satisfação dos prazeres. No sistema freudiano, existe um postulado básico: todo organismo tende a buscar o prazer e fugir à dor. A esta tendência do Id, Freud deu o nome de *Princípio do Prazer*. Quando Freud desenvolveu a sua teoria sobre o Id, para designá-lo deu-lhe o nome de **ES** que equivale ao pronome demonstrativo neutro da língua portuguesa: **Isso**. Esse termo também não foi criado por Freud, mas pelo psicólogo Georg Groddek.⁸⁴ Em 1921, Groddeck enviou a Freud o manuscrito de um livro que estava escrevendo e que se intitulava: *The Book of It* que se traduz por *O Livro do Isso*. Vamos ler um texto sobre este assunto que se encontra no livro de Schultz & Schultz História da Psicologia Moderna:

A nossa energia básica ou libido está contida no Id e é expressa por meio da redução da tensão. O aumento da energia libidinal provoca o aumento da tensão que tentamos reduzir a um nível mais tolerável. Para satisfazer as nossas necessidades, e manter um nível de tensão confortável, temos de interagir com o mundo real. Quem tem fome, por exemplo, deve procurar comida para descarregar a tensão produzida pela fome. Uma ligação apropriada entre o Id e as circunstâncias da realidade tem, portanto de ser estabelecida. O Ego designa aquilo que chamamos de razão ou racionalidade, em contraste com as paixões cegas do Id. Freud chamou o Ego de Ich que, em alemão significa Eu.

Enquanto o Id é o responsável pelo princípio do prazer, o Ego está relacionado com o princípio da realidade. Assim, o Ego se torna responsável pelo equilíbrio de todo o sistema psíquico, mantendo em suspensão as exigências do Id cuja gratificação seria danosa. O Ego não existe independente do Id, estando, constantemente empenhado em proporcionar-lhe satisfações. Freud comparou as relações entre o Id e o Ego com o relacionamento entre o cavaleiro e o seu cavalo. O

*cavalo fornece a energia que é dirigida para o caminho que o cavaleiro deseja percorrer. Contudo, a força do cavalo tem que ser constantemente guiada ou controlada para que não derrube ao cavaleiro no solo. Do mesmo modo há que se controlar o Id para que não derrube o Ego no chão.*⁸⁵

Vamos ao terceiro elemento, o Super-Ego. Esta dimensão do aparato anímico desenvolve-se na primeira infância quando se inicia o processo educativo. Os pais, então, reforçam os comportamentos adequados e punem os inadequados. Os comportamentos errados se tornam partes da consciência da criança, os comportamentos adequados ou desejáveis vão fazer parte do Ego-ideal, a outra parte do Super-Ego. Assim, através da educação, as figuras parentais vão se imprimindo no psiquismo infantil os padrões sociais vigentes naquela cultura. Com a continuidade do processo, porém, o Super-Ego assimila tudo aquilo que foi proposto e, a partir de então, exerce sobre a conduta uma espécie de controle. O termo Super-Ego foi cunhado em alemão Uber-Ich que se pode traduzir, ao pé da letra, como Sobre-Eu.

Assim competiria ao Super-Ego a atividade de controlar as pulsões do Id, consideradas como elementos perturbadores do aperfeiçoamento humano. Ele é, segundo o próprio Freud, um defensor do impulso rumo à perfeição. Desta maneira, diferentemente do Ego, o Super-Ego não pretende apenas adiar a gratificação, mas eliminá-la. Voltemos ao texto de Scuhltz & Schultzt:

*Em conseqüência, há um conflito interminável no interior da personalidade humana. O Ego se encontra em posição muito difícil, pressionado por todos os lados por forças insistentes e opostas. Ele tem que adiar os anseios incessantes do Id; perceber e manipular a realidade para aliviar a exigências constantes do Id e, ao mesmo tempo lidar com o anseio do Super-Ego.*⁸⁶

Como C. G. Jung pensava a questão do inconsciente? De início, podemos dizer que, embora partindo das teorias de Freud, delas se afastou consideravelmente. Jung, que jamais recusou o termo psiqué (alma), dividia este conceito em três aspectos, partes ou departamentos: o consciente, o inconsciente individual e o inconsciente coletivo. No centro mesmo do consciente se encontra o Ego cujo conceito não é muito diverso daquele que foi apresentado por Freud. O segundo termo, o inconsciente, foi o conceito que mais o impressionou e aquele ao qual dedicou todo o seu esforço intelectual. Era esta parte insondável do psiquismo da personalidade que ele desejava desvendar. Queria conhecer o inconsciente mais e melhor, pois ali, muito, provavelmente, se achava a chave para a compreensão da alma. Vamos, porém, caminhar um pouco mais pelo sistema de Psicologia criado por Jung, também conhecido como Psicologia Analítica.

O consciente individual proposto por Jung não se opõe ao modelo apresentado por Freud. Conforme L. P. Grinberg, em seu livro *Jung o Homem Criativo*, por inconsciente pessoal, devemos entender: *Tudo aquilo que eu conheço, mas que, no momento, não estou pensando; tudo aquilo que eu tinha na consciência e me esqueci; tudo o que os meus sentidos percebem, mas que não é percebido por minha mente; situações menosprezados durante o dia; conclusões que eu falhei em formular, críticas e comentários pejorativos que não fiz; tudo o que involuntariamente sinto, percebo, penso, lembro desejo e faço; idéias dolorosas recalcadas, afetos não permitidos e conteúdos que ainda não estão prontos, maduros.*⁸⁷

As experiências contidas no inconsciente individual, se encontram agrupadas, na forma de complexos. Entende-se por complexo um núcleo carregado de afetividade ou mais detalhadamente, grupo de idéias emotivamente impregnadas que desenvolvem atividades inconscientes que se encontram reprimidas em todo ou em parte.

Mais abaixo (não se deve tomar a expressão mais abaixo em sentido tópico ou local) encontra-se o inconsciente coletivo. Entende-se por coletivo o inconsciente não individual onde se encontram os padrões universais, instintos e arquétipos. Continuaremos este assunto no capítulo seguinte.

76 Ellemberg. H.F. In The Discovery of the Unconscious (A Descoberta do Inconsciente) New York 1970

77 Whyte L. L. Unconscious before Freud (Inconsciente antes de Freud)

78 Leibniz, Gottfried Wilhelm. Filósofo e matemático alemão. Seu racionalismo, muito difundido na Alemanha do século XVII, tornou-se a filosofia acadêmica mais influente da época. Com o nome de racionalismo de Leibniz – Wolff firmou-se sobretudo depois de Kant. O sistema de Leibniz admitia, porém, elementos do irracional e o conceito de subconsciente. Descobriu o conceito de cálculo diferencial ao mesmo tempo que Newton (Nota do Editor)

79 Schultz & Schultz in História da Psicologia Moderna p. 32

80 Educador e filósofo alemão. Criou o sistema de instrução científica, fundamentado na Psicologia e Filosofia. Nota do Editor

81 Gustav Theodor Fechner formulou a teoria segundo a qual o dualismo entre corpo e alma, próprio do homem, acontece em todas as esferas do universo. Nota do Editor.

82 Seria interessante lembrar aqui que o livro Animismo e Espiritismo escrito por Alexandre Aksakof foi uma resposta a uma obra de Hartmann intitulada o Espiritismo.

83 Stevens Anthony. Jung, Vida e Pensamento. pag. 31

84 Groddek (1866-1934). Médico e escritor alemão. Preconizava o tratamento com dietas e massagens para problemas psíquicos. Manteve grande correspondência com Freud.

85 Schultz & Schultz. Pó. cit. p. 345

86 Op. cit. 345

87 Grinberg L. P. Jung o Homem Criativo Pág. 81

CAPÍTULO XI



0 INCONSCIENTE COLETIVO
E OS ARQUÉTIPOS



A descoberta e anúncio da existência de um inconsciente coletivo, uma espécie de memória da raça ou mesmo da espécie foi uma das mais notáveis hipóteses entre muitas que apareceram na Psicologia dos últimos tempos. Houve, entretanto, (e ainda há) uma forte resistência no sentido de aceitar este modo de ser da realidade psíquica. Que motivos produziram esta resistência? A primeira dificuldade originava-se na posição empirista, segundo a qual a mente humana, no momento do nascimento seria uma tabula rasa in quo nihil est scriptum⁸⁸ tábua esta que, pouco a pouco, vai sendo preenchida pelas experiências e pelo aprendizado. Jung corajosamente, afirmou o contrário. Do ponto de vista junguiano, toda a personalidade em potência já se encontra na criança no momento do nascimento. O meio-ambiente não é, portanto, um formador da personalidade, mas apenas um deflagrador do que já existe no indivíduo.⁸⁹

Neste ponto de vista junguiano, temos uma postura que se poderia dizer bastante afinado com a Doutrina Espírita. Espírito, ao reencarnar, vem com a sua personalidade, inteiramente definida e, para manifestá-la, plenamente, dependerá apenas da maturação dos órgãos do corpo físico e das condições oferecidas pelo meio-ambiente. Todo espírito, ao renascer, traz consigo um projeto de vida que ele pretende desenvolver ao longo daquela encarnação. Poderá ou não ter sucesso pleno em seu empreendimento, mas deverá seguir, dentro de suas limitações, aquilo para que nasceu. Ora, um ponto de vista deste que defende o inatismo⁹⁰ da personalidade de um modo tão franco, não poderia ser recebido pelas elites intelectuais do século XIX sem hostilidade e incompreensão.

A segunda tem a sua razão de ser no fato de Jung ter chamado os arquétipos de *imagens primordiais* que derivariam do passado histórico da humanidade. Por isso Jung foi acusado de, igualmente a Freud, ter buscado apoio nas teorias evolucionistas de Jean Baptiste Lamarck (1744-1829). Lamarck tinha como certa a possibilidade de que as características individuais pudessem ser transmitidas aos membros de uma espécie. Esta maneira de ver a Evolução, que tomou o nome de Lamarckismo, havia sido posta por terra há muito tempo, não só pelas teorias revolucionárias de Charles Darwin (1809-1882) e pelas descobertas no campo Genética, feitas por Gregor Johann Mendel (1822-1884)

Havia ainda uma outra questão que funcionava como agravante: ao apresentar a sua hipótese de um inconsciente coletivo, repleto de arquétipos, muitas pessoas imaginaram que Jung estivesse trabalhando com conceito demasiadamente metafísico ou mesmo místico como a Alma Universal descrita pelo filósofo alemão Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854). Essa idéia de um psiquismo grupal (alma de grupo) é bastante sedutora pois, até bem pouco tempo, havia pessoas que defendiam esse ponto de vista, acreditando-se respaldado pelo pensamento de Jung.

A idéia do inconsciente coletivo, entretanto, para evitar uma aproximação indesejável com o Lamarckismo foi buscar apoio auxílio junto aos etólogos,⁹¹ biólogos e psicólogos especialistas em comportamento animal. Segundo esses especialistas, cada animal nasce equipado com um repertório comportamental que, em contato com o meio-ambiente surgem e se desenvolvem sem que tivessem sido aprendido anteriormente. Esse repertório depende de mecanismos liberadores inatos que os animais herdaram em seu sistema nervoso central e que são condicionados a entrar em ação quando os estímulos, chamados sinais-estímulos se encontram no meio ambiente. Quando estes estímulos são encontrados, o mecanismo inato é liberado e o animal responde com um padrão de comportamento, adaptado à situação. Ao se fazer a concessão para uma flexibilidade maior de adaptação de nossa espécie, a posição etológica se aproxima da visão de Jung em relação à natureza dos arquétipos e o seu modo de atividade.⁹²

Para aclarar este texto de Stevens, julgamos interessante dar um exemplo de comportamento instintivo

complexo e, para tanto, usaremos o comportamento das vespas cavadoras (*Amophilas*), extraído do livro de Gemelli e Zunini *Introdução à Psicologia*, publicado pela Editora Ibero Americana em 1972. Segundo esses autores, essa vespa, durante semanas busca um lugar adequado para que possa cavar o seu ninho. Achado o lugar, cava um pequeno buraco vertical que se abre para uma câmara lateral e, finalmente, fecha provisoriamente o acesso ao poço com um torrão de saibro que se adapta, perfeitamente, ao diâmetro do buraco.

Tendo terminado esta parte do trabalho, a vespa sai para caçar uma larva que deverá variar segundo a espécie da *Amophila*. Rapidamente, ela encontra o objeto de sua caçada, entra em luta com ele e, picando-o o imobiliza. A técnica da imobilização se faz em três fases ou momentos distintos:

1ª Fase. A vespa ataca a larva com as mandíbulas e o ferrão da parte central, colocando-a de costas.

2ª Fase. A vespa começa a bailar em torno de sua vítima e, de espaço em espaço, vai aguilhoando-a.

3ª Fase. A vespa agarra a larva pela nuca e a massageia com energia.

Acabando a massagem, a vespa deve levar a larva para o local onde havia feito o buraco, tarefa que ela realizou sem dificuldades. Algumas espécies de vespas levam a sua presa voando, a maior parte, entretanto, o faz montando nela, fixando-a pela extremidade anterior e avançando com a larva presa entre as patas. Em seu trabalho de transportar a larva, a vespa, muitas vezes, parece ter problema de orientação pois, não raro, ela deixa a larva para se orientar.

Chegando ao ninho, a vespa inspeciona o local, retira o pedaço de saibro que servira para vedar a entrada; limpa o local, ali introduz a larva e a empurra até a câmara lateral, em seguida, põe um ovo sobre a larva e fecha o ninho definitivamente com areia que ela soca com as mandíbulas. Depois de alguns dias, nasce a larva da vespa que se alimentará da larva que havia sido apresada. Algum tempo depois, a larva da *Amophila* torna-se crisálida e o ciclo recomeça.

Com quem a vespa aprendeu este comportamento assaz complexo? Não aprendeu. Nasceu com ele. Assim que as situações estimuladoras se apresentaram, o comportamento, que descrevemos, se explicitou. Assim, o comportamento instintivo dos animais serviria de analogia para a teoria dos arquétipos do C. G. Jung. Teorizando deste modo, ele escapou, como já vimos, da teoria de Lamarck, defendendo a tese de que o termo arquétipo não se destina a indicar uma idéia inata, mas um padrão de comportamento ou um modo de funcionamento que corresponde ao modo inato (não aprendido) do comportamento da vespa apresentada como exemplo. Este aspecto, vale apenas lembrar aqui, é puramente biológico, relacionado, por consequência, com a Psicologia chamada científica.

A esta altura, penso que seria útil fazer uma pergunta: o que é um arquétipo? Deixemos o próprio Jung nos responder esta questão:

*(...) Há bons motivos para se supor que os arquétipos são imagens inconscientes dos próprios instintos, em outras palavras, são padrões de comportamento instintivo... A hipótese do inconsciente coletivo não é, portanto, mais ousada de assumir a existência dos instintos... A questão é apenas essa: existem ou não formas universais desse tipo? Se existem, então, existe uma região da psique que se pode chamar de inconsciente coletivo.*⁹³

Assim, como se pode ver, Jung considera que a possibilidade de existir o inconsciente coletivo encontra-se relacionada com a possibilidade da existência dos arquétipos. Como, porém ele chegou a conclusão de que existiriam essas imagens que ele denominou arquétipos? Em primeiro lugar, gostaríamos de esclarecer que o nome arquétipo não foi uma criação de Jung, pois já se encontra em Filon de Alexandria (13 a.C – 54 d.C) um filósofo judeu neoplatônico. A palavra ainda pode ser encontrada em *Corpus Hermético*, De Dionísio, o Aeropagita, membro do Areópago de Atenas que teria

sido convertido pelo apóstolo Paulo de Tarso; em Irineu, Bispo de Lyon (208-230) em Santo Agostinho (354-430).

Do ponto de vista do seu significado, o termo arquétipo se análoga com outros conceitos como: as formas imateriais de Platão (os eidos) existentes no Mundo das Idéias; os 31 motivos dos Contos Populares que foram levantados pelo folclorista russo Wladimir Propp; as representações coletivas da escola francesa; as idéias a priori do Kantismo; os modelos de comportamento dos behavioristas e os invariantes cognitivos.

A primeira vez que Jung usou esta palavra foi em um pequeno artigo intitulado *Instinto e Inconsciente*, escrito para um simpósio de mesmo nome promovido na Aristotelian Society pela Mind Association e a British Psychological Society em Londres no ano de 1919. Vamos, porém ao texto:

*(...) mas afora esses, no inconsciente, encontramos também as qualidades que não foram adquiridas individualmente, porém, herdadas, isto é, os instintos enquanto impulsos destinados a produzir ações que resultam de uma necessidade interior, sem motivação consciente. Devemos também incluir as formas a priori, inatas da intuição, quais sejam os arquétipos da percepção e da apreensão que são determinantes necessários e a priori de todos os poderes psíquicos.*⁹⁴

Vamos, agora, com a permissão de nosso benevolente leitor responder a pergunta que fizemos há pouco: como Jung chegou à idéia dos arquétipos? Conta ele próprio que, em 1906, quando trabalhava no hospital psiquiátrico de Burgholzli, em Zurique, encontrou, em uma das alas, um paciente esquizofrênico que olhava para o Sol com grande insistência. O doente, enquanto olhava para o Sol, piscava as pálpebras e movia a cabeça de um lado para o outro. Jung, então, perguntou a ele o porque se comportava daquele modo e o homem respondeu que, ao mover a cabeça, o pênis do Sol também se movia e que o pênis solar era a origem dos ventos.

O tempo passou, exatamente, quatro anos, sem que Jung compreendesse a imagem criada pelo doente, atribuindo-a a um delírio alucinatorio. Em 1910, porém, Jung encontrou um texto mitraico que havia sido traduzido de papiros gregos naquele mesmo ano.⁹⁵ O texto fazia referência um tubo que partia do disco solar e que seria a origem dos ventos. Jung se lembrou, de imediato, do louco de Zurich e ficou muito impressionado. Como aquela idéia pertencente a uma religião muito antiga como o Mitraísmo, havia chegado àquele homem, uma pessoa comum e sem qualquer conhecimento de religiões antigas, mitologias ou algo semelhante. Este acontecimento fez com que Jung pensasse na possibilidade de existirem elementos arcaicos e mitopoiéticos na psique humana.

Uma outra questão se impõe em seguida: que imagens são essas? São arquétipos. Vamos conhecer algumas delas.

A Sombra

Arquétipo que representa o lado escuro, inferior e primitivo do ser humano que ainda não se encontra desenvolvido. A sombra é, portanto, o aspecto negativo da personalidade que, por motivos óbvios, deseja-se esconder e conservar oculto. A sombra é representada por imagens arquetípicas como: as bruxas e a madrasta dos Contos de Fada; os bandidos dos Contos Policiais; os seres noturnos e pavorosos como os vampiros, os lobisomens, os incubos,⁹⁶ os súcubos;⁹⁷ os extraterrestres invasores de nosso planeta; seres mitológicos horrendos como a medusa, as Gréias, Equidna, a esfinge e assim por diante.

Anima e animus

O anima é o arquétipo feminino que existe no inconsciente masculino e animus é o arquétipo

masculino que está no inconsciente feminino. A alma pode ser representada por uma princesa nos Contos Populares; por uma sereia; por uma sacerdotisa; pela mulher fatal de certos romances; pela grandes-Mães da Mitologia antiga ou pela mulher misteriosa que aparece em nossos sonhos e não conseguimos identificar. O animus aparece nos sonhos femininos como o príncipe encantado, o belo cavaleiro que vem de longe, o toureiro; o caçador da Branca de Neve entre outras imagens.

O Self

Este é o arquétipo de totalidade que pode aparecer como o Velho Sábio ou a Velha Sábia e por uma variedade considerável de formas humanas e animais.

Penso que seria oportuno a esta altura de nosso trabalho, discutir a noção do inconsciente do ponto de vista espírita. Para melhor entendermos esta questão, seria interessante fazer uma distinção entre personalidade e individualidade. Consideramos a alma ou espírito encarnado como a personalidade e o espírito como individualidade. Assim, em cada encarnação, o espírito (individualidade) vive várias personalidades do mesmo modo que o ator, no teatro, ou no cinema, ao longo de sua vida profissional, representa vários personagens.

Esta noção inicial nos leva responder uma crítica costumeira que se faz à reencarnação na Bíblia. A passagem é a seguinte: os fariseus, com medo de que João Batista fosse Elias, profeta do antigo Testamento, que seria o arauto do Messias, vão até Betabara do Jordão onde João batizava (mergulhava as pessoas). Ali chegando, os fariseus perguntam a João se ele era ou não o Elias e ele diz que não era. Ora, como se sabe, João havia, em uma de suas vidas passadas havia sido o profeta Elias. Como os defensores da reencarnação explicariam isso?

Naquele momento da história daquele espírito ele vivia a personalidade de João, filho de Zacarias e Isabel, embora, no passado houvesse animando a personalidade de Elias, o Tesbita e outras que nós desconhecemos. A pergunta é feita a João e é claro que ele não poderia dizer que era o Elias. Ele havia sido, mas naquele momento não era. A frase também muito citada: só se morre uma vez é verdadeira para a personalidade, mas não para a individualidade.

Em função das limitações da matéria (corpo) e da necessidade de esquecimento que o espírito tem em cada encarnação, a individualidade não consegue se expandir completamente, restando ainda aspectos da de sua intimidade espiritual a qual, enquanto encarnado ele próprio não tem acesso. O notável pesquisador Hermínio C. de Miranda chama esse aspecto, por analogia com o computador de “arquivo morto”. Esta dimensão do espírito, ao ser notado pelos psicólogos e outros estudiosos da mente humana foi chamado de inconsciente.

Por este motivo, o espírito encarnado (alma ou personalidade) parece conviver com um outro (vamos lembrar a personalidades número dois de Jung e sua mãe) dentro dele mesmo com o qual não possui uma relação consciente. Como estamos vendo não se trata de dois espíritos, mas de dois modos de ser de um único espírito. Hermínio C. de Miranda desenvolve em seus belos livros *A Memória e o Tempo* e *Alquimia da Mente*, a hipótese segundo a qual a alma ou personalidade atuaria no hemisfério esquerdo do cérebro, responsável pela vida consciente enquanto, no hemisfério direito estaria o chamado arquivo morto ou vida inconsciente.

Em resumo, para Hermínio a relação cérebro / mente seria feita do seguinte modo: no hemisfério esquerdo onde governa a alma, estaria a personalidade consciente, os mecanismo da conduta racional, a linguagem verbal. O hemisfério esquerdo é, portanto, caracterizado pela transitoriedade, identificado

pelo verbo ESTAR. No lado direito estaria a dimensão inconsciente, a intuição e a linguagem não-verbal e de natureza simbólica. Esta área caracterizada pela estabilidade e permanência é identificada com o verbo SER.

É importante também que não se esqueça a função do perispírito nesse sistema. Tratando deste tema, escreveu Ermínio C. de Miranda:

A opção óbvia é a que favorece o perispírito como depositário dos arquivos da alma. Em dispositivos, cuja estrutura e funcionamento ainda desconhecemos, são transcritos os eventos que constituem a memória de cada existência na carne. Formulamos, alhures, neste livro, a hipótese de que essas transcrições ocorriam na vizinhança da morte do corpo físico, do que, resulta, às vezes, o fenômeno da recapitulação a que aludimos.

Propusemos, igualmente, que a memória da última encarnação vivida na carne continua no subconsciente e, portanto, com acesso fácil ao que chamamos de cabeçote de gravação / leitura do consciente, pois o ser sobrevivente continua, não somente a pensar e a viver novas experiências no mundo póstumo, como também a recordar-se dos espíritos; das pessoas que conheceu; das emoções que experimentou; do aprendizado que acumulou; das experiências que colheu.

*Logo o sistema consciente-subconsciente-inconsciente segue operando tal como no tempo em que o ser esteve na carne. Os espíritos mais avançados e de maior experiência poderão até mesmo ter acesso à memórias anteriores depositadas no arquivo morto do inconsciente; o comum, não obstante é apenas lembrar-se da última existência que se prolonga no mundo póstumo. Essa camada de memória ou esse “cassete” somente mergulha nos espaços mais resguardados do inconsciente quando se inicia uma nova experiência na carne.*⁹⁸

Segundo essas considerações, o perispírito seria o veículo de toda a programação do espírito encarnado. Estudando-se a Doutrina Espírita, fica-nos uma sensação de perda porque percebemos, muito facilmente, o quanto a psicologia acadêmica teria evoluído se levasse em consideração as informações que os espíritos trouxeram para nós e que Allan Kardec codificou em uma doutrina coerente e racional, e, antes de tudo, Ética. O desconhecimento por arte da Psicologia oficial, das verdades do espírito, tem feito os psicólogos (e psiquiatras) andarem em círculo como os antigos navegadores que orientavam suas caravelas em navegações costeiras sem se arriscarem no mar alto, entretanto, apenas na busca do mar ato é que se encontram novas terras.

⁸⁸ Lousa vazia na qual na está escrito.

⁸⁹ Este tipo de idéia foi desenvolvido em um livro muito interessante escrito pelo psicólogo junguiano, James Hilman. *O Código do Ser*, publicado em 1997 pela editora Objetiva

⁹⁰ Doutrina que admite a existência de idéias ou princípios independente da experiência. Nota do Editor.

⁹¹ Especialistas em Etologia ou parte de Ecologia que trata dos hábitos dos animais e da acomodação dos seres vivos às condições do ambiente.

⁹² Stevens Anthony. Jung, Vida Obra e Pensamento. p. 60

⁹³ Jung. *Collected Works. Vol. IX. Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo*. 1959 pp 91-92

⁹⁴ In Leal, José Carlos, O Universo do Mito. P. 120

⁹⁵ Apalavra mitraico deriva de Mitra, grande divindade solar de origem persa, gênio dos elementos da natureza e juiz dos mortos. Tornou-se centro de uma religião de mistérios que se expandiu pela Grécia helenística e Império Romano.

⁹⁶ Demônio em forma masculina que copula com as feiticeiras

⁹⁷ Demônio em forma feminina que copula com homens.

⁹⁸ Miranda, Hermínio Correia de. In *AMemória e o Tempo*. 4ª edição pág 47.

CAPÍTULO XII



A GNOSE E
OS SETE SERMÕES
AOS MORTOS



Antes de entramos nos Sete Sermões aos mortos, seria necessária uma nota, ainda que muito breve, sobre o conceito de Gnose.

O que é a Gnose? Esta é uma questão nada fácil de ser respondida. A rigor, o Gnosticismo não é uma escola de Filosofia e nem uma seita religiosa, mas um movimento difuso com algumas características semelhantes, embora com modalidades bastante distintas de manifestação. Ao contrário do Cristianismo Primitivo que foi um movimento de massa, nascido nas comunidades pobres do Oriente e com uma proposta específica para os deserdados da Terra; o Gnosticismo nasceu e se desenvolveu no seio das elites onde procurou associar-se à Filosofia Grega e ao Neoplatonismo tendo como base um sentimento mais ou menos complexo de aspirações religiosas alimentadas por uma rica fantasia. A essas elites preocupava, principalmente o problema do mal e da dor que assolam o homem em sua caminhada neste planeta. Em linhas gerais, o Gnosticismo possui as seguintes características:

- Existe um Deus transcendente, absolutamente separado do mundo material. Esta divindade é infinita, perfeitíssima, inacessível, vivendo em uma tranqüilidade total e quase em completa inatividade. Infinitamente bom e justo – o próprio Amor no dizer de João Evangelista – este Deus não pode ter criado o mal nas suas múltiplas manifestações. Também não criou o mundo e nem mesmo a matéria. Não possui com a realidade objetiva a menor relação, pois, se tal fosse possível, por certo degradaria a sua natureza elevadíssima.
- Esta concepção de divindade transcendente gera, por consequência, um espaço vazio entre Deus e o Mundo Sensível. Para preencher este vácuo, os gnósticos criaram um conjunto de seres intermediário entre o mundo e a Divindade. Esses seres são produtos da emanção divina, formando uma série escalar que vai descendo até chegar ao Demiurgo, que é o criador do Cosmo Sensível, como acontece no Platonismo Clássico.
- Estes elementos produzidos pela emanção da Divindade são chamados **Eons**, cujo conjunto corresponde, mais ou menos, ao Mundo das Idéias do Platonismo. A diferença entre o Gnosticismo e o Platonismo é que o primeiro coloca Deus acima das idéias e o segundo privilegia as idéias sobre a Divindade. Acresce-se, ainda, que, de fato, nos sistema gnóstico, inclui-se o conceito filoniano de Logos relacionado com o conceito cristão de redenção.
- O Mundo Sensível ou Mundo Material ocupa o último lugar na escala dos seres existentes. Todos os gnósticos, ligados ao Platonismo, viam o Mundo Material com extremo pessimismo. Além dos seres materiais serem simples cópias dos seres espirituais, aparências vazias e sem substância, este Mundo Sensível é considerado como a origem do mal.
- A matéria, por ser essencialmente má, não pode ter a sua origem na Divindade porque Deus é essencialmente bom. Na maioria das seitas gnósticas, o ordenador do mundo material, isto é, o ser que exerce a função de Demiurgo é o mesmo Jeová do Velho testamento.
- O homem é composto de dois elementos opostos: matéria e espírito. Como no Platonismo Clássico, a alma procede do Mundo Superior e se encontra aprisionada na matéria. Esta prisão, todavia, não é eterna pois a alma é capaz de salvar-se e voltar ao seu mundo de origem desde que purificada dos resíduos trevosos da matéria. Nesta crença tem base o ascetismo moral cuja finalidade é eliminar as forças negativas que aprisionam a alma ao corpo material.

Nem todos os gnósticos, contudo, estavam de acordo com respeito à necessidade do ascetismo como meio de purificação da alma. Assim, enquanto algumas correntes gnósticas exageravam nas

práticas ascéticas, outras como os Carpocraceanos, entregavam-se a todos os prazeres da matéria, defendendo a tese de que o espírito é muito fraco para se subtrair aos apelos da matéria.

Como o homem poderia salvar-se no sistema gnóstico? Em regra geral, não pode contar com o Deus Transcendente, mas com seu próprio esforço e com ação de alguns Eons missionários como O Logos Jesus ou o Sóter (Salvador).

Os Sete Sermões aos Mortos

Este é episódio fundamental para a nossa tese. Trata-se de um fato estranhíssimo, precedido de eventos insólitos e que culmina com a produção de um texto escrito de maneira pouco convencional e inexplicável pelas teorias psicológicas tradicionais. O texto dos Sete Sermões aos Mortos foi escrito em um breve espaço de tempo entre o dia 15 de dezembro de 1916 e 16 de fevereiro de 1917. Vamos, então, conhecer este acontecimento desde o início.

Tudo começou com uma espécie de inquietação, diz o próprio Jung. Era uma sensação estranha que ele não podia explicar. Em sua casa, a atmosfera estava pesada como se estivesse povoada de seres sobrenaturais. A filha mais velha de Jung contou ao pai que havia visto uma forma branca atravessar a sala. Uma outra filha, sem saber o que acontecera à primeira disse que, naquela noite, as cobertas foram arrancadas de seu corpo por mãos invisíveis.

O filho de Jung, então com nove anos, teve um pesadelo. Pela manhã, ao acordar, o menino pegou um lápis-de-cor e desenhou o sonho que havia tido. Na figura desenhada pelo garoto, aparece um pescador com seu caniço que acaba de pescar um peixe. Na cabeça do pescador existe uma espécie de chaminé onde crepitam chamas e evola fumaça. O diabo, vindo da outra margem, chega e protesta dizendo que os seus peixes estão sendo pescados. Sobre a cabeça do pescador paira um anjo que fala: “Não lhe debes fazer mal algum porque ele só pesca peixes maus.” Este sonho se deu da noite de sexta para sábado.

Os dias se passaram sem que a sensação de angústia diminuísse. Deixemos, porém, a narrativa ao próprio Jung:

*No domingo, às cinco horas da tarde, a companhia da porta de entrada soou insistentemente. Era um dia claro de verão e as duas empregadas estavam na cozinha de onde se podia ver o que se passava no espaço livre diante da porta. Eu estava relativamente próximo à companhia, ouvi quando ela tocou e também pude ver o badalo em movimento. Imediatamente, corremos à porta para ver quem era, entretanto, ninguém havia. Nós nos entreolhamos estupefatos. A atmosfera estava terrivelmente opressiva. Percebi que algo ia acontecer. A casa parecia repleta de uma multidão, como se estivesse cheia de espíritos. Estavam por todas as partes, até mesmo debaixo da porta. Mal se podia respirar. Naturalmente uma pergunta ardia em mim: em nome do céu, o que quer dizer isso? Houve, então uma resposta uníssona e vibrante: **nós voltamos de Jerusalém onde não encontramos o que buscávamos.** Essas palavras correspondem à primeira linha dos Sete Sermões aos Mortos.⁹⁹*

A partir destes acontecimentos, Jung elevado a escrever um texto, pode-se dizer, compulsivamente, texto esse que, como já vimos leva o texto em latim de **Septem Sermones ad Mortuos**. O que, porém, mais espanta nessa obra é o complemento ou subtítulo onde se lê o seguinte: “*Sete exortações aos Mortos, escrita por Basilides de Alexandria, a cidade onde o Oriente e o Ocidentes se encontram.*”

Vamos abrir aqui um espaço para dizer ao leitor quem foi Basilides. Este personagem nasceu em Alexandria, mas foi influenciado pela gnose siríaca, através do gnóstico Menandro. Ensinou no tempo do Imperador Adriano (127-138) e Antônio Pio (138-161). Conhecemos a sua doutrina através de Irineu de Lion e Hipólito; entretanto essas duas versões são tão diferentes (quase antitéticas) que se deve evitar vê-las em conjunto. A principal preocupação de Basilides era a existência do mal, já que não se pode atribuir a existência do mal ao bom Deus. Em segundo lugar estava a preocupação com a Soterologia, ou

seja, a doutrina da salvação. Desta dupla preocupação nasceu uma cosmologia que pretende explicar a origem do Universo. Votemos, porém, à Jung.

A primeira pergunta que nos ocorre aqui é a seguinte: Em que consiste esse texto de C. G. Jung? Uma leitura não muito profunda de *Os Sete Sermões* nos revela um aspecto notável: trata-se de um texto com as características da Gnose do século II depois de Cristo e com a linguagem do Gnosticismo daquela época. Naquele tempo, Jung ainda não possuía um conhecimento detalhado daquele movimento para escrever um texto que, pelo menos lembrasse o estilo gnóstico de então e, muito menos ainda, o de Basilides. Como explicar um fenômeno desta natureza?

Por certo, nada podemos fazer em um caso como este além de formular hipóteses e formularemos duas. Em primeiro lugar, podemos tomar os Sete Sermões como uma obra psicografada pelo próprio Basilides tendo Jung como médium psicógrafo. Como vimos até aqui, Jung possuía várias faculdades paranormais ou mediúnicas e não seria de todo improvável que ele tivesse também a da psicografia. Em segundo lugar, podemos admitir também a possibilidade de um fenômeno anímico e, assim, o texto seria resultado das lembranças de vidas passadas quando Jung viveu em Alexandria como Basilides ou como um de seus discípulos. Em favor dessa hipóteses, temos fatos da própria vida de Jung que parecem ecos de existências em tempos recuados.

Como dissemos há pouco, Basilides estava muito preocupado com a idéia do mal. Repugnava-lhe que em um Universo criado por um Deus bom, sábio e justo pudesse ter criado um mundo onde impera a maldade e a injustiça. Esta, vale a pena lembrar, foi também uma das preocupações constantes da juventude de Jung. Ele também tinha dificuldade em conciliar a noção de Deus que lhe vinha da teologia católico-reformada e a presença do mal no mundo, inclusive na própria natureza onde nem mesmo os animais eram poupados da injustiça e da violência.

É ainda possível argumentar que Jung, em uma ou mais de suas vidas passadas, houvesse encarnado em comunidades heréticas como os cátaros onde o Gnosticismo prosseguiu e se desenvolveu de outro modo. Ora, a Igreja Católica destruiu, impiedosamente, a ferro e fogo, essas heresias, principalmente, o Catarismo. Isso poderia justificar a atitude de desconfiança que Jung demonstrou na infância, contra os jesuítas, os padres em geral e o próprio Jesus Cristo. Além disto, algumas idéias de Jung são tão estranhas ao nosso tempo que alguns de seus admiradores (e também os opositores) chamam a sua psicologia de neognosticismo.

Em seu livro, *A Gnose de Jung e os Sete Sermões aos Mortos*, *Stephan A. Hoeller* apresenta, uma descrição interessantíssima de Jung que vale à pena registrar aqui:

(...) O Dr. Jung é um vidente e um místico no estilo dos magos do Renascimento. Sei, já há algum tempo, que existe nele algo mais do que percebem os olhos acadêmicos. Entre seus amigos e colaboradores existem pessoas com interesses peculiares e não convencionais. Fui informado de que um de seus discípulos italiano é teosofista enquanto um seguidor inglês, também médico, tornou-se seguidor de um feiticeiro russo. Deve haver também algum vínculo entre ele e o grupo fundado pelo místico austríaco Rudolf Steiner¹⁰⁰ com sede na Suíça. Quase todos nós sabemos que o Dr. Jung era fascinado pelo espiritualismo e que obteve o seu doutoramento escrevendo uma tese sobre os fenômenos ocultos. Alguns acreditam que ele seja um pagão espiritualista, enquanto outros o acusam de tender para o Cristianismo.¹⁰¹

Como Jung via esta obra? Tempos mais tarde, quando interrogado sobre este texto estranho, ele se limitou a dizer entre dentes que havia sido uma “indiscrição juvenil”. A afirmação é, no mínimo, inusitada se lembrarmos que, em 1916, quando os *Sete Sermões* foram escritos, Jung nascido em 1875, estava com 41 anos, o que, convenhamos, não é uma idade que se possa chamar de juvenil. Aniela Jafé, uma de suas discípulas mais fiéis e conservadoras, a mesma que copilou os textos de Jung para a publicação do livro autobiográfico *Memórias, Sonhos e Reflexões* gostava de perpetuar o mito da

“indiscricção juvenil”. Por seu turno, Marie - Louisie von Franz, outra discípula de Jung (e da maior importância) não via naquela obra do mesmo modo e evitava considerá-la uma tolice juvenil. Lembra Hoeller que uma comissão de junguianos, reunida em Los Angeles, Califórnia, em 1975, comemorando o centenário de Jung, considerou os *Sete Sermões aos Mortos* como a base da Psicologia Analítica.

Há aqui uma questão a se levantar: por que Jung não se desfez de sua “indiscricção juvenil”? Por que não a guardou consigo, a sete chaves, exigindo que só fosse publicado depois de sua morte, como o fizeram alguns escritores cujos textos eles consideraram comprometedores? Não. Ele não fez isso, muito pelo contrário, ele fez uma edição particular para um grupo de seus amigos íntimos que logo foi traduzida para a língua inglesa.

Em verdade, Jung sempre esteve muito interessado no Gnosticismo. Ainda em 1912, em uma carta escrita a Freud, datada de 12 de agosto, ele faz uma franca e aberta apologia ao pensamento gnóstico. Nessa carta ele chama a Gnose de sofia (sabedoria) e fala da contribuição que ela poderia dar à Psicanálise. É muito provável que Freud não tenha dado ao assunto a mesma importância dada por Jung. Até aquela época, a literatura gnóstica com que Jung tivera contato provinha de fontes indiretas como alguns textos de eruditos alemães do naipe Leisemberg, Carl Smith e de estudiosos francêses como Jacques Matter e Anatole France. Este tipo de leitura, posto que de segunda mão, levou Jung a ter muito mais do que um mero interesse pela Gnose. Às vezes, ele parece ter, para com aqueles sábios antigos, uma profunda afinidade. Bárbara Hanah narra que, certo dia, Jung teria dito com respeito aos gnósticos: *sentí como se, finalmente, houvesse encontrado um círculo de amigos que me entendiam*. Isso mesmo, um círculo de amigos de vidas passadas que o entendessem e que ele encontrava de novo através de textos que chegaram ao século XIX.

Havia, contudo, um problema: os textos sobre Gnose tinha a sua origem em uma literatura de segunda mão, originária dos padres da Igreja Católica, Irineu e Hipólito, textos fragmentados e demasiadamente ideológicos que distorciam a verdade sobre a Gnose para servir a interesses do Clero. Esta situação melhorou, sensivelmente, com a descoberta da Biblioteca de Nag- Hammadi que se deu em 1945. Vamos tratar um pouco desta descoberta.

Em dezembro de 1945, um rapaz árabe fez uma notável descoberta arqueológica na região do Alto Egito, perto da cidade de Nag-Hammadi, em uma região montanhosa onde havia cerca de 150 cavernas incrustadas. O descobridor, um camponês chamado Muhammed-Al-Salmmam, foi o responsável por ter vindo à luz uma verdadeira biblioteca gnóstica pertencente, segundo se soube, mais tarde a uma comunidade gnóstica que existiu ali nos primórdios da Igreja Primitiva. Na coleção de textos, havia, entre outros: *O Evangelho de Tomé, apóstolo; o Evangelho de Filipe; O Evangelho da Verdade; O Evangelho dos Egípcios; O Livro Secreto de Tiago; O Apocalipse de Paulo; A Epístola de Pedro a Filipe e O Apocalipse de Pedro*.

Carl Gustav Jung interessou-se, vivamente por essa descoberta como era de se esperar. Foi um amigo de Jung, o professor Gilles Quispel que traduziu os livros de Nag-Hammadi. Quispel afirmou que, de uma certa feita, a participação de Jung foi fundamental para a publicação e divulgação da biblioteca gnóstica.

Façamos, agora, um esforço de imaginação e veremos Jung caminhando pelas ruas apinhadas de gente indo na direção da grande biblioteca de algum templo. Provavelmente vestia uma finíssima túnica de linho egípcio; talvez estivesse indo fazer uma conferência sobre o Deus potentíssimo e as suas relações com o Demiurgo, talvez desenvolverá perante aos seus discípulos uma teoria com respeito aos Eons que foram

emanados da Inteligência divina; tudo isso, naturalmente, é um esforço de imaginação e nada mais, com ele, desejamos explicar, não só a origem dos Sete Sermões, como o amor que Jung manteve durante toda a sua vida pelo pensamento gnóstico. Verdade: fantasia? Uma tese puramente imaginária, um romance subliminar como dizia Theodore Flournoy? Todas essas perguntas ficam neste texto como um desafio, não às nossas crenças individuais, mas à nossa capacidade de procurar a verdade onde quer que ela possa estar. À guisa de curiosidade, vamos reproduzir, fechando este capítulo, o segundo desses sermões.

Os mortos se ergueram durante a noite junto às paredes e gritavam: “Queremos saber sobre Deus. Onde está Deus? Deus está morto?”

Deus não está morto; ele está tão vivo quanto sempre esteve. Deus é o mundo criado à medida, algo definido, é, portanto, diferenciado do Pleroma.¹⁰² Deus é uma qualidade do Pleroma e tudo o que afirmei sobre o mundo criado é, igualmente, verdadeiro no que a Ele se refere.

Entretanto, Deus se distingue do mundo criado, pois é menos definido e definível do que o mundo criado em geral. Ele é menos diferenciado do que o mundo criado, porque a essência de seu ser é efetiva plenitude e é só na medida de sua indefinição e diferenciação que Ele é idêntico ao mundo criado; portanto, Ele representa a manifestação efetiva do Pleroma.

Tudo o que não diferenciamos se precipita no Pleroma e anula-se com seu oposto. Portanto, se não discernirmos Deus, a plenitude efetiva elimina-se para nós. Deus é também o próprio Pleroma da mesma forma que cada um dos pontos mais minúsculos dentro do mundo criado constitui o próprio Pleroma.

O vazio efetivo é o ser do demônio. Deus e o demônio são manifestações do nada a que chamamos Pleroma. Não importa se o Pleroma existe ou não, porque se anula em todas as coisas. O mundo criado, entretanto, é diferente. Na medida em que Deus e o demônio são seres criados, ele se suprimem mutuamente, mas resistem um ao outro como opostos ativos. Não necessitamos de provas da sua existência; basta que sejamos obrigados a falar sempre deles. Mesmo que eles não existissem, o ser criado devido a sua própria natureza, os conduziria, continuamente ao Pleroma.

Tudo se origina no Pleroma pela diferenciação que constitui pares opostos; portanto Deus sempre tem consigo o demônio.

Como aprendeste, esse inter-relacionamento é tão íntimo, tão indissolúvel em nossas vidas que se apresenta como o próprio Pleroma no qual todos os opostos se anulam e se unificam.

Deus e o demônio distinguem-se pela plenitude e pelo vazio, pela geração e pela destruição. A atividade é comum a ambos. A atividade unifica-os. Eis por que acima de ambos, sendo Deus acima de Deus por unificar a plenitude e o vazio em seu trabalho.

Há um Deus sobre o qual nada sabeis porque os homens se esqueceram dele. Nos o chamamos por seu nome, Abraxas. Ele é menos definido do que Deus e o demônio. Para distinguir Deus dele, chamaremos a Deus Hélios ou Sol.

Abraxas é a atividade; nada pode resistir-lhe, exceto o irreal, e, assim, o seu ser ativo se desenvolve livremente. O irreal não existe, portanto não pode, de fato existir. Abraxas permanece acima do Sol e acima do demônio. Ele é o improvável provável que é poderoso no plano da irrealidade. Se o Pleroma pudesse ter uma existência, Abraxas seria a sua manifestação.

Embora ele seja a própria atividade, não constitui um resultado específico, mas um resultado geral.

Ele representa a não-realidade ativa porque não possui um resultado definido.

Ele é ainda um ser criado à medida que se diferencia do Pleroma.

O sol exerce um efeito definido, assim como o demônio; portanto eles se apresentam muito mais efetivos do que o indefinível Abraxas.

Pois ele é poder, persistência e mutação.

Nesse momento, os mortos provocam uma grande rebelião porque eram cristãos.¹⁰³

⁹⁹ Jung Memórias, Sonhos e Reflexões pág. 169

¹⁰⁰ Steiner Rudolf (1861-1925). Filósofo austríaco. Criador da Antroposofia, defendia a tese da existência de um mundo espiritual compreensivo ao pensamento puro. Nota do Editor

¹⁰¹ Hoeler. Op. cit. p. 24

¹⁰² No sistema gnóstico de Valentim, Pleroma é o mundo supraceleste. Imerso nele vivem o Pneuma e a Luz. Está integrado ainda por um conjunto de 30 Eons, distribuído em três seções distintas: Ogdoad, Década e Dodécada

¹⁰³ Hoeller. In. Gnose de Jung. pg 91

CAPÍTULO XIII



A TORRE DE BOLLINGEN



Em 1922, em um local encantador (e encantado?) perto da margem superior do lago Zurich, em Bollingen, no Distrito de Saint Meinrad que, no passado, havia pertencido à antiga Igreja, propriedade da velha abadia de Saint Gall, Jung comprou um pedaço de terra. De início, ele imaginou chegar ali um tipo de morada rústica, quase como as primitivas cabanas africanas, que lhe servisse de abrigo para o corpo e para a alma. Depois, abandonou esta idéia e resolveu fazer uma casa como outra qualquer, embora grande e confortável. Deste modo, no ano seguinte, naquele lugar, se ergueu a casa de Jung e, só depois de construída foi que ele percebeu que a residência havia tomado a forma de uma torre.

A torre lhe pareceu uma ótima descoberta. Ela lhe transmitia uma sensação de paz e de conforto, como não havia imaginado antes, entretanto, ele imaginava que faltava ainda alguma coisa na casa, por isso, quatro anos mais tarde, em 1927, Jung mandou construir um anexo, uma construção central, também em forma de torre. Jung estava feliz com a sua torre, contudo, consideravam que ela ainda não estava completa. Estava boa, mas poderia ficar melhor.

Passaram-se mais quatro anos e, em 1931, ele fez mais uma reforma e a casa ficou como ele achava que deveria ser. Nessa reforma reservou um espaço especial que seria para ele. Lembrou-se de que, nas casas da Índia, havia sempre um pequeno cômodo, ou mesmo uma divisão em dois cômodos, onde se podia meditar e fazer exercícios de Yoga. Nesse lugar de sua casa, Jung constrói uma espécie de abrigo solitário, lugar só dele, do qual só ele tem a chave e onde ninguém mais poderia entrar. Ele dizia que aquele cômodo era o lugar de sua concentração espiritual.

Cada vez mais entusiasmado com a sua nova casa, Jung vai aumentando o seu espaço exterior. Acrescenta à casa uma “loggia” do lado do lago. Em Bollingen, Jung se encontra consigo mesmo e com a natureza. Bollingen parece ter alma. Com emoção, ele escreve sobre a sua casa junto ao lago:

*Aqui sou mais autenticamente eu mesmo naquilo que me concerne. Aqui sou, por assim dizer, um filho “arquivelho de sua mãe.” Assim falava a sabedoria dos alquimistas pois, “o velho,” “arquivelho” que se sentira em mim quando criança, é a personalidade numero dois que sempre viveu e sempre viverá fora do tempo, filho dos inconsciente materno. Em minhas fantasias, o “arquivelho” toma a forma de Filemon e este era vivo em Bollingen.*¹⁰⁴

Bollingen, todavia, também possuía seus mistérios, a sua aura de sobrenaturalidade que, talvez, em verdade, não estivesse no lugar, mas no próprio Jung. Uma tarde, Jung estava sentado junto ao fogo sobre o qual ele havia colocado uma vasilha com água para lavar a louça. Pouco a pouco, a água foi esquentando...esquentando... até que começou a ferver, a borbulhar com a panela chiando como um ser vivo que respirasse abafado. Nesse momento, ele tem a impressão nítida de ouvir um coro de vozes, acompanhado de instrumentos de corda ou algo que se assemelha a a uma orquestra. Era uma polifonia, tipo de música que Jung detestava; entretanto, aquele polifonia pareceu-lhe diferente. Era como se houvesse duas orquestras: uma tocando dentro da torre e a outra lá fora, confundindo-se com o som do vento entre os galhos das árvores. Teve a sensação de que as duas orquestras dialogavam, ora predominando o som de uma ora o de outra.

Jung sentou-se fascinado e pôs-se a ouvir por mais de uma hora aquele concerto fantástico que ele chamava de “mágica melodia da natureza”. Era-lhe muito estranha aquela música, a um tempo suave e selvagem, em outro harmoniosa, caótica e cheia de contrastes. Tão inusitada era aquela melodia que Jung confessa a sua impossibilidade de descrevê-la. De onde viria aquela música? Teria sido criada pela imaginação de Jung em contato com a natureza de Bollingen? Não é esta uma hipótese descartável uma vez que Bollingen possuía os seus mistérios.

No início da primavera de 1924, Jung estava sozinho em Bollingen. Tinha, como na ocasião anterior

esquentado o fogo para aquecer a água. A noite chega vagarosa, mansa, lenta e pontuada de mistérios. Mais tarde, Jung foi deitar-se. Tentou dormir. No meio da noite, ouviu passos de pessoas do lado de fora. Teve a impressão de que alguém caminhava em torno da torre, tocando misteriosa melodia. Com a música vinham vozes e risos de pessoas. O que significava aquilo? Só havia um atalho ao longo do lago e era raro que alguém passasse por ele. Pensou Jung. Cresce nele uma certa agitação, levanta-se e abre a janela, lá fora nada havia, além do silêncio quebrado apenas pelos barulhos da noite. Fecha a janela. Tinha sido pura impressão, impressão forte, mas apenas impressão. Jung relata esta experiência do seguinte modo:

*Que coisa estranha. Estava certo de que os ruídos e passos, os risos e as conversas haviam sido reais. Mas, ao que parecia, fora apenas um sonho. Voltei à cama e fiquei refletindo sobre o nosso poder de criar ilusões. Como havia sido possível que eu tivesse um tal sonho? Adormeci e de novo o sonho recomeçou. Ouvi, novamente, os passos, a conversa, o riso e a música. E, ao mesmo tempo, a representação visual de centenas de pessoas vestidas de preto, talvez jovens camponeses com suas roupas domingueiras, vinda da montanha em multidão que passava pelos dois lados da torre, batendo os pés, rindo, cantando e tocando sanfona. Irritado, pensei: “É de se mandar ao diabo!” Imaginei que se tratasse de um sonho e eis que, agora, é verdade! Acordei emocionado. Levantei-me depressa, abri as janelas e as venezianas, mas tudo estava como antes: noite enlustrada e silêncio de morte. Disse, então, para mim: “São simples fantasmas”.*¹⁰⁵

Jung se debate em dúvidas. Por certo havia sonhado, mas tinha sido tão real! Já não poderia dizer com segurança total se estava dormindo ou acordado e, portanto, não poderia afirmar se aquilo havia sido sonho ou realidade.

Se fosse um sonho arquetípico deveria ser uma nova mensagem de seu inconsciente, mas o que significavam aquelas pessoas rindo e dançando? Jung não tinha resposta para esta pergunta. Mais tarde, contudo, voltou a pensar sobre o caso e lhe deu uma nova interpretação. O fato que o levou a retomar a questão que o atormentara naquela noite em Bollingen, foi o seguinte:

Certo dia, chegou às mãos de Jung um texto chamado *A Crônica Lucernense*, escrita no século XVIII por Rennward Cysat. Nesta crônica, encontra-se a história que passo a contar: em um pasto do monte Pilatos, quês encontra sempre deserto porque se acredita que, por lá, vaguem espírito dos mortos. Votan¹⁰⁶ continua na terra até aos nossos dias. O autor da crônica conta que, certa vez, havia sido perturbado por uma procissão que, no meio da noite, cantava e dançava, passando por ambos os lados da cabana em que ele se encontrava. Como se pode ver há uma grande analogia entre o relato do cronista e o que aconteceu a Jung.

No dia seguinte, ao acordar, preocupado com o que havia acontecido durante a noite, Cysat perguntou ao seu anfitrião que deveria ter sido aquilo que ouvira na noite passada. O homem respondeu que deveria ser os bem-aventurados ou as almas dos mortos conduzidas por Votan. Apesar desta informação, Jung prefere interpretar o que havia ouvido e visto, como uma espécie de alucinação, produzida pela emoção e pelo silêncio. Afinal era comum, nos desertos, os heremitas¹⁰⁷ passarem por experiências alucinantes deste tipo. Será, porém, que haveria uma procissão de defuntos vagando por ali à noite e Jung a houvesse captado? Vamos mais uma vez trazer para este texto o depoimento do próprio Jung sobre a sua paranormalidade:

*Poderia também explicá-lo como um fenômeno de sincronicidade. Esses fenômenos mostram como os acontecimentos que acreditamos conhecer (pois os percebemos, ou supomos perceber, por meio de um sentido interior), tem muitas vezes correspondência na realidade exterior. Ora, há de fato uma correspondência concreta relativa a essas experiências, pois, na Idade-Média, houve tais procissões de jovens. Eram filas de mercenários que, principalmente, na primavera, iam do centro da Suíça para Locarno, onde se reuniam na casa de Ferro, em Minúcio e de lá continuavam até Milão. Na Itália se tornavam soldados e combatiam a soldo estrangeiro. Eu poderia, portanto, ter captado a imagem de um desses bandos que se organizavam todos os anos na primavera e que com cantos e festividade, despediam-se de sua pátria.*¹⁰⁸

Bolling, entretanto, é um espaço que guarda consideráveis surpresas no campo da espiritualidade. Quando em 1923, Jung começou a construir a sua casa, a sua filha mais velha veio visita-lo e, durante a visita, teve com o pai a seguinte conversa:

Pai, você está construindo aqui?

Sim, estou. Qual é o problema?

Mas aqui há cadáveres.

Jung não levou esta conversa à frente e considerou aquilo uma frase solta, uma dessas coisas que a gente diz sem pensar e nem mesmo sabe o que disse. O tempo passou. Quatro anos mais tarde, durante a construção, foi encontrado um esqueleto no terreno. O esqueleto estava a uns dois metros de profundidade e, em seu cotovelo direito, havia uma velha bala de fuzil. O corpo, muito provavelmente, pertenceria a um soldado francês e havia atirado ali em estado de decomposição. Ao descobrir o corpo, Jung tomou a decisão de dar ao soldado morto uma sepultura. *Organizei, então, em minha propriedade, um enterro em boa e devida forma para um soldado e três tiros de salva em sua sepultura. Depois, pus sobre ela uma pedra tumular com uma inscrição. Minha filha pressentira a presença do cadáver. Sua faculdade de ter pressentimentos é uma herança da avó materna.*¹⁰⁹

Deixemos, porém, Bollingen com a sua procissão de almas penadas, cantando e dançando nas noites de lua cheia junto a torre da casa que Jung construíra e vamos dar continuidade a esse estudo pois ainda há muitas coisas que Jung nos revelará ao longo desses capítulos finais.

[104](#) Jung. Op. cit. P. 98

[105](#) Jung. Op. cit. p. 205

[106](#) Deus da mitologia germânica que se relaciona com o mundo dos mortos.

[107](#) Solitário, ermitão, pessoa que vive no deserto

[108](#) Jung. Op. cit. p. 206

[109](#) Jung. Op. Cit. p. 207

CAPÍTULO XIV



AS VISÕES DE JUNG



Estamos em 1944, Jung está com 69 anos. Havia, então, fraturado um pé e sofrido um enfarte. Durante a sua fase de inconsciência, Jung teve muitas visões. Mais tarde, quando já convalescia, a sua enfermeira disse ter visto, em torno dele, um halo de luz fosca. Ela, por certo médium vidente explicou-lhe que já havia visto, em outras ocasiões, junto a pessoas moribundas aquele mesmo fenômeno. As imagens que Jung teve nesse período de sua vida, deixaram-no muito preocupado porque lhe pareceram demasiadamente estranhas. Vamos, então, como já o fizemos muitas vezes nos valer do próprio Jung porque, neste trabalho, deixar que ele se manifeste ao máximo, é fundamental:

Eu parecia estar muito alto no espaço cósmico. Muito longe, abaixo de mim. Eu via o globo terrestre mergulhado em uma luz maravilhosamente azul. Via também o mar de um azul intenso e os continentes. Justamente, aos meus pé estavam o Ceilão e a um pé mais à frente, o subcontinente indiano. Meu campo visual não abarcava toda a Terra, porém, a sua forma esférica era nitidamente perceptível e seus contornos brilhavam como prata através da maravilhosa cor azul. Em certas regiões a esfera terrestre parecia colorida ou marchetada de um verde escuro como prata oxidada. Bem longe, à esquerda, uma larga extensão do deserto vermelho-alaranjado da Arábia. Era como se ali a prata houvesse tomado uma tonalidade cor de laranja. Adiante o Mar Vermelho, e mais além como no ângulo superior de um mapa, pude ainda surpreender uma nesga do Mediterrâneo. Meu olhar voltara-se sobretudo para essa direção, ficando o restante impreciso. Evidentemente via também os cumes elevados do Himalaia, mas cercado de rumas e nuvens. Não olhava à direita. Sabia que estava prestes a deixar a Terra.¹¹⁰

Este é um caso típico de desdobramento em que Jung, deixando o corpo, ascende até a uma grande altura, mais ou menos, segundo avaliação do próprio Jung, cerca de 1500 quilômetros. Há um detalhe nesse curiosíssimo relato: o desdobramento se dá em 1944 e Jung afirma com insistência e maravilhado que a Terra é azul. Até, então, ninguém havia dito isto pois jamais pessoa alguma estivera em situação tão privilegiada para fazer uma afirmação assim. Nos anos, sessenta, contudo, o astronauta russo Yuri Gagarin, o primeiro homem a viajar no espaço, faz uma afirmação que se tornou manchete na maioria dos grandes jornais do mundo: “A Terra é azul.” Nas palavras do astronauta, encontra-se a mesma sensação de euforia e de entusiasmo que Jung também registra.

Jung continua falando de sua visão. Diz, então, que, naquele momento, possuía um total controle sobre a sua vontade e uma espécie de consciência integral da experiência vivida. Conta ele que, depois de alguns momentos de contemplação, dá as costas para o Oceano Índico, com o rosto voltado para o Norte. De repente, ele vê a uma curta distância um meteorito mais ou menos do tamanho de uma casa. Observa que a pedra flutuava no espaço como ele.

Para seu espanto, Jung percebe que poderia entrar na pedra (de fato em outra dimensão, não é impossível). E o que ele vê? Deixemos, porém, que ele nos revele isso.

Uma entrada dava acesso a um pequeno vestibulo. À direita, sobre um banco de pedra, estava sentado, na posição de lótus, inteiramente distendido e repousado, um hindu de pele bronzeada, vestido de branco que me esperava sem dizer uma palavra. Dois degraus levavam àquele vestibulo. No interior à esquerda, abria-se a porta do templo. Vários nichos, cheios de óleo de coco em que ardiam mechas, cercavam a porta de uma coroa de pequenas chamas clara. Isso eu realmente vira em Kandy na ilha do Ceilão, quando visitara o templo do Dente Sagrado; inúmeras fileiras de lâmpadas a óleo cercavam a entrada dele.¹¹¹

Quando ele se aproxima dos degraus pelos quais se chegava ao rochedo, ocorreu-lhe algo inesperado: tudo que então havia sido, afasta-se dele. Era como se lhe houvessem retirado uma espécie de casca que lhe havia servido de cobertura. Tudo em que ele acreditava, desejava ou pensava, toda a fantasmagoria da vida terrestre se desligava dele ou lhe era retirado por um processo que qualifica de doloroso. Alguma coisa, todavia, continuava nele porque ele tinha a impressão de que estava a seu lado tudo o que vivera e fizera, tudo o que havia se desenrolado em sua volta. Voltemos a nos contatar com o texto de C. G. Jung:

*Poderia da mesma maneira dizer: estava perto de mim e eu estava lá; tudo isso, de certa forma me compunha. Eu era feito de minha história e tinha certeza de que era bem eu. Eu sou o feixe daquilo que me cumpriu e daquilo que foi. Essa experiência me deu a impressão de uma extrema pobreza, mas, ao mesmo tempo, de uma enorme satisfação. Não tinha mais nada a querer nem a desejar; poder-se-ia dizer que eu era objetivo; era aquilo que havia vivido. No princípio dominava o sentimento de aniquilamento, de ser roubado ou despojado; depois disto, também desapareceu. Tudo isso parecia ter passado; o que restava era um fato consumado sem nenhuma referência ao que havia sido antes. Nenhum pesar de que alguma se perdesse ou fosse arrebatada. Ao contrário, eu tinha tudo o que era e tinha apenas isso.*¹¹²

Jung passa por uma experiência muito semelhante àquela contada por pessoas que passaram por experiência de quase morte, experiências contadas por pelos doutor Raymond Moody Jr. em seu livro *Vida Depois da Morte*. Em muitos desses relatos, as pessoas tem a impressão de verem suas vidas, passarem a sua frente, ante seus olhos como em um filme seqüenciado. No caso de Jung a experiência é interior, mas nem por isso muito diferente. Ele se encontra consigo mesmo, com a sua própria realidade e parece desnudado, frágil ante si mesmo, sem saber com clareza o que lhe estava acontecendo. Sua vida parecia cortada por gigantesca tesoura.

Muitas perguntas não lhe são respondidas. Porque aconteceria isso? Por que trouxera para a vida aquelas condições prévias? O que fizera de sua vida? O que dela resultaria? Ele tinha certeza de que teria respostas para as suas perguntas se entrasse no templo de pedra. Enfim, compreenderia por que havia sido daquele modo e não de outro. Lá dentro, no templo, haveria alguém que lhe diria toda a verdade. De repente, todas as imagens desapareceram e aparece seu médico nimbado por uma auréola de luz e ele se vê de novo no corpo. Tudo havia sido em vão. Não conseguira entrar no templo para receber as respostas que tanto desejava, Jung fica decepcionado.

Há, neste caso, um fato que, na falta de um melhor adjetivo, chamarei de fantástico. Nessa viagem espiritual, antes de voltar ao corpo, vê que seu médico havia ido até onde ele estava e lhe dissera que ele precisava retornar à Terra porque a sua hora não era chegada. Jung sente com respeito a seu médico uma forte ambigüidade. Em primeiro lugar, sentiu, em relação a ele, uma grande hostilidade porque viera trazê-lo de volta à vida, impedindo que ele conseguisse as respostas tão desejadas. Em segundo lugar, inquietava-se porque sentia que o médico estava ameaçado. Essa idéia lhe veio à mente porque, na experiência fora do corpo, o médico lhe aparecera em forma estranha, forma que Jung interpretou como a de um Basileus de Cós.¹¹³ De repente, ele teve a certeza de que aquele homem ia morrer. Vamos mais uma vez ler Jung:

*Repentinamente, tive o terrível pensamento de que ele deveria morrer em meu lugar! Procure fazê-lo compreender isso, mas ele não me entendeu. Por que ele finge ignorar que é um Basileus de Cós e que já reencontrou a sua forma primeira? Quer me fazer acreditar que não sabe? Isso me irritava. Minha mulher reprovou a falta de amabilidade que eu tinha para com ele. Ela estava com razão, mas ele me contrariava, recusado-se a falar de tudo o que vivêramos em minha visão. Deus meu! É preciso que ele preste atenção. Não pode ficar tão despreocupado assim. Gostaria de lhe falar a fim de que tomasse cuidado consigo! Era a minha firme convicção de que ele corria perigo porque eu o havia visto em sua forma original.*¹¹⁴

De fato, Jung foi o último paciente daquele médico que desencarnou em um hospital vítima de septicemia.¹¹⁵ Durante toda a semana após a visão, Jung ficou deprimido. Era como se lamentasse a sua volta ao corpo depois de ter experimentado a vida fora da matéria. Costumava, então, deitar-se à tarde e só se levantar à noite. Ao acordar sentia-se como em estado de êxtase. Em outras ocasiões imaginava-se levitando em um espaço inteiramente vazio. Era uma sensação bastante agradável. As visões prosseguiram com grande regularidade. Quando olha para a enfermeira que lhe vem trazer o alimento não a vê tal como é, mas como uma mulher judia muito velha. Em outras ocasiões imaginava ver um halo de luz em torno da cabeça dela. Aparecem em sua mente cenas míticas cujo material é proveniente da Mitologia Clássica. Jung considera essas visões como maravilhosas, entretanto à medida que ele vai se

recuperando, as visões foram diminuindo de intensidade até que se acabaram.

[110](#) Jung. Op. cit. p. 253

[111](#) Jung. Op. cit. p. 254

[112](#) Jung op. cit. p. 254

[113](#) Basileus em grego, significa rei. Cos é um lugar famoso na Antiguidade por causa de um templo que havia naquela cidade dedicado a Esculápio, o deus da Medicina. Em Cós nasceu Hipócrates o médico mais famoso da Grécia antiga

[114](#) Jung. op. cit. p. 256

[115](#) Grave infecção no organismo, caracterizada por invasões repetidas de germens patogênicos no sangue, acompanhada de febre alta, calafrios, mal estar. Nota do Editor.



CAPÍTULO XV



JUNG E A VIDA
DEPOIS DA MORTE



Estranhamente, este é um assunto que não deixa Jung muito à vontade. Nesta matéria ele se sente, mais ou menos, como um elefante em loja de louças. Sobre este assunto, diz ele que só pode narrar histórias ou contar fábulas, “mitologizar” segundo a sua própria expressão. Lembra ele que, talvez, a proximidade de morte possa lhe dar alguma liberdade para tratar desta questão. É possível que ele (mesmo sem saber) esteja dizendo a verdade, pois a iminência da morte, de fato, nos torna mais corajosos e independentes. Sócrates, no ano 399 aC, aos 69 anos, colocou-se diante do Tribunal dos Quinhentos com um destemor e uma dignidade que só aqueles que acreditam, vivamente, que a vida continua e a morte não é o fim, podem ter. Jung começa a discutir este assunto do seguinte modo:

Não desejo nem deixo de desejar que tenhamos uma vida depois da morte e, absolutamente, não cultivo pensamento dessa ordem, mas, para escamotear a realidade, preciso constatar que, sem que o desejo ou procure, idéias desse gênero palpitam em mim. São verdadeiras ou falsas? Eu não sei, mas constato a sua presença e sei que podem ser expressas desde que não as reprima por um preconceito qualquer.116

Esta colocação é muito interessante. Nela se vê um homem lutando contra os próprios preconceitos embora reconheça que ele mesmo reconhece como um entrave para a busca da verdade neste campo. Ao contrário de Sigmund Freud que havia fechado as portas de seu espírito para o transcendente com a frase que se tornou famosa: “*Deixemos o céu para os anjos e os pardais.*” Jung se debate corroído pela dúvida. Talvez quisesse participar do Agnosticismo de Freud, mas, para ele, era muito difícil já que os fenômenos mediúnicos o atraíam como o ímã atrai o ferro.

Ele reconhece que as idéias preconcebidas são um grande obstáculo para uma compreensão mais ampla da vida psíquica. Em seu tempo, acreditava-se que o Racionalismo, por um lado, o e Positivismo por outro, haviam eliminado por completo a possibilidade de se acreditar, seriamente, na vida depois da morte, e ele, inquestionavelmente, participa desta posição. Ao mesmo tempo, ele parece reconhecer que nem a Ciência, nem a Filosofia daquela época, deram uma resposta definitiva a essa questão. Principalmente a Psicologia, etimologicamente, ciência da alma que deveria ter uma resposta, no mínimo, diferente, para o problema; pois imersa no Materialismo, perdera a sua identidade.

Novamente há que se lamentar que Jung não tenha conhecido a Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec que, indubitavelmente, é uma psicologia que conseguiu, racional e metodologicamente, propor uma aliança entre a ciência e a fé. Era esta, principalmente, a queixa de Jung. Para ele, faltava cientificidade no tratamento das coisas espirituais. O problema, porém, não estava em reduzir um ao outro, mas em harmonizar os opostos em uma espécie de síntese hegeliana. Foi exatamente isto que os espíritos trouxeram para a Terra na chamada Terceira Revelação e o fizeram com alta inteligência e sensibilidade. É pena, afirmamos mais uma vez, que Jung não tenha entrado em contato com a psicologia espírita, a única que, sem abrir mão da linguagem científica e do método indutivo das ciências naturais, afirmar a existência do espírito, sua preexistência e continuidade depois da morte do corpo físico. Jung, contudo preferiu ocultar-se no porão do inconsciente onde permaneceu até seu desencarne.

Em um certo trecho de suas memórias, ele escreveu:

A Parapsicologia aceita como prova cientificamente válida da continuidade da vida depois da morte, o fato de que um morto possa se manifestar, seja por meio de aparições, seja através de um médium que comunique fatos que só o falecido poderia saber. Mesmo que haja casos bem confirmados, as questões ficam em aberto, isto é, se a aparição ou voz são exatamente iguais ao do morto, ou seja, são projeções psíquicas, ou ainda, se as comunicações são verdadeiramente do morto, ou se tem a sua origem em um saber presente no inconsciente.117

Em continuidade, Jung defende a tese bastante batida de que a imortalidade corresponderia apenas ao desejo que as pessoas têm de viver para sempre. Outros – argumenta Jung – acham a vida tão insípida ou

tão sofrida que não suportariam a imortalidade. Para esses, o nada seria uma espécie de prêmio e a imortalidade, punição. Entretanto, ele acredita que a maioria das pessoas acredita que continuará vivendo de algum modo em algum lugar. De onde viria esse tipo de crença? Ele se apressa em responder: “do inconsciente”. Narra, então, um fato que acredita ser definitivo para apoiar a sua tese.

Conta ele que, Durante a Segunda Guerra Mundial, voltava de Bollingen para casa. Fazia a vigem de trem e, trouxera com ele, um livro para ler. A leitura, contudo, não fora possível porque, ao abrir o livro, aflorou-lhe à mente, a imagem de um homem que se afogava. Era um incidente que acontecera com ele no tempo em que prestara serviço militar. O problema maior, porém, foi o fato de que aquela imagem o incomodara bastante e, por mais que tentasse, não conseguia se livrar dela. O que se passou? Perguntou Jung a si mesmo. Teria sucedido alguma desgraça?

Ao chegar a seu destino em Erlenbach, sempre atormentado pela imagem do homem se afogando, correu para a casa de sua filha e, ao chegar, ainda no jardim, um de seus netos caíra no lago e, como não soubesse nadar, quase havia perecido afogado. Felizmente, havia sido tirado das águas a tempo. O fato acontecera com a criança, ao mesmo tempo, em que, no trem, ele tivera a imagem do homem morrendo afogado. Ele se interroga: “Se o inconsciente pode dar um sinal como esse, por que não poderia dar outros?”

Jung acredita em seus sonhos e se vale deles para mostrar alguns exemplos da ação do inconsciente com respeito a acontecimentos insólitos que poderiam apontar para uma vida depois da morte. Vamos voltar ao pensamento do psicólogo:

Vivi um episódio semelhante, antes da morte de um membro da família de minha mulher. Sonhei, então, que o leito de minha esposa era um fosso profundo com paredes mal cimentadas. Era um túmulo que despertava lembranças da Antiguidade. Ouvi, nesse momento, um profundo suspiro como o de um agonizante. Uma forma que se assemelhava a minha mulher, ergueu-se da tumba e se elevou nos ares. Trazia uma veste branca tecida com curiosos sinais negros. Despertei. Acordei também a minha esposa e olhei o relógio. Eram três horas da manhã. O sonho era tão interessante que pensei, imediatamente que poderia anunciar um falecimento. Às sete hora chegou a notícia de que uma prima de minha mulher havia morrido às três horas da manhã. 118

Examinemos um outro caso. Certa vez, Jung sonhou que participava de uma festa. Nessa festa, encontrou-se com uma sua irmã já falecida, o que o deixou espantado. Sua admiração cresce mais ainda porque, na mesma festa, havia um amigo seu também desencarnado. Os outros convidados eram pessoas que ainda se encontravam na carne. A irmã de Jung no sonho conversa com uma amiga dele que se encontrava encarnada, contudo, pareceu a ele que ela estava prestes a morrer. Ao ver a mulher, ele dizia consigo mesmo: ela vai morrer porque está marcada pela morte. No sonho, ele sabia perfeitamente quem era aquela senhora, porém, ao acordar, por mais que se esforçasse, não conseguia lembrar-se de quem era ela. Sabia apenas que era uma mulher que morava em Basileia. Jung fez o possível para descobrir quem era a mulher do sonho, mas não teve bom êxito.

Passadas algumas semanas, Jung recebeu a notícia de que uma senhora de suas relações havia sofrido um acidente fatal. Imediatamente lembrou-se de que a pessoa falecida era a mesma que lhe aparecera, naquela noite, quando em desdobramento onírico, visitara o Plano Espiritual.

De uma outra feita, em 1911, Jung viajava, de bicicleta, pelo Norte da Itália na companhia de um amigo. Na volta pararam perto do lago Maior onde passaram a noite. A intenção dos dois amigos era continuar a viagem, passando por Tesin, até chegarem a Faiedo onde deveriam pegar um trem para Zurich. Naquela noite, contudo, Jung teve um sonho. Desta vez ele não estava em uma festa, mas em uma reunião na qual se encontravam espíritos de grande envergadura, todos do século passado. Um senhor de longos cabelos brancos se aproxima dele e lhe faz uma questão em latim. Quando acordou se lembrou do sonho,

ficou chateado porque não se lembrava da questão proposta pelo homem, mas se lembrava perfeitamente de que não pudera dar uma resposta ao problema colocado porque o seu latim, havia sido insuficiente para entender o conteúdo que lhe fora proposto. A sua dificuldade para entender a frase do homem foi motivo para que acordasse.

Pela manhã, ao pensar no sonho, recordou-se de que estava escrevendo o livro *Símbolos e Transformação da Libido* que, como já vimos antes foi o pomo da discórdia entre ele e Freud. Decide que deveria voltar para casa, o quanto antes, para continuar o seu trabalho. Algum tempo depois, ele entende (ou julga ter entendido) o sonho que tivera naquela noite.

(...) O senhor de longa cabeleira era uma espécie de “espírito dos mortos”.¹¹⁹ Ele me colocara questões que eu não pudera responder. Eu estava, ainda, muito atrasado. Não tinha avançado bastante, mas tinha como que um obscuro pressentimento de que, pelo trabalho a que me dedicava responderia a questão que me havia sido proposta. De qualquer maneira, eram meus ancestrais espirituais que me interrogavam, na esperança e na expectativa de apreenderem aquilo que não puderam aprender em seu tempo, conhecimento que só os séculos anteriores poderiam trazer-lhe. Se a questão e a resposta houvessem existido desde sempre, meus esforços teriam sido inúteis, porque pois tudo teria sido descoberto, não importa em que século. Parece, com efeito, que um saber sem limites está presente em natureza, mas que tal saber não pode ser apreendido pela consciência a não ser que as condições temporais lhe sejam propícias. O mesmo ocorre, provavelmente, na alma dos indivíduos que traz consigo, durante anos, pressentimentos, mas que só os conscientiza tempos depois.¹²⁰

Falando dos Sete Sermões aos Mortos, Jung diz que foram os mortos que vieram para lhe propor questões cruciais que eles diziam não conhecer e que, em Jerusalém, onde foram buscar respostas não as encontraram. Aí, Jung para a fim de chamar atenção para o fato de que, na crença popular, os mortos possuem um grande saber, saber este que se encontra vedado aos vivos; talvez, por isso, na Antiga Grécia, os mortos eram considerados sagrados **hieros**, ou seja, sagrados. Jung acredita que a verdade é, exatamente oposta a esta. Os mortos sabem além daquilo que sabiam quando estavam vivos. Por isso, fazem tanto esforço para entrarem na vida dos vivos para que obtenham as respostas que não possuem. Jung nos diz que acredita, não só os mortos dependem do saber humano como andam em busca deste saber, gravitando em torno dos vivos. De fato, a conclusão a que ele quer chegar é que os mortos sabem muito menos do que os vivos.

Continuando esta linha de pensamento, ele se justifica através de um sonho que teve com um amigo falecido. No sonho, ele chega ao lugar onde vivia o amigo desencarnado o qual, em vida, fora uma pessoa inteiramente despreocupado com o saber e incapaz de maiores reflexões. Em sua casa, no Plano Espiritual, o amigo se encontra conversando com a filha psicóloga formada em Zurich. Ele tem certeza de que a moça está ensinando ao pai uma coisa muito importante e ele está de tal modo interessado no assunto que se limita a fazer para Jung um simples sinal do tipo: “Por favor não me interrompa agora, estou muito ocupado.”

Esta passagem de Jung denota apenas a sua total ignorância com respeito à vida espiritual. Em verdade, a morte não tira nem acrescenta coisa alguma ao patrimônio moral e intelectual de uma pessoa que desencarna. Quando uma pessoa deixa esta vida, passa para o Plano Espiritual com todo o conhecimento moral e intelectual que possuía quando encarnado. Portanto é perfeitamente normal que um espírito desencarnado busque aprender com um encarnado aquilo que ele não sabe. Por outro lado, não é menos verdade que existem espíritos desencarnados que sabem infinitamente mais do que muitos sábios encarnados; por isso, muitos deles, servem de guia inclusive a grandes espíritos que vem à Terra para cumprir uma determinada missão. O próprio Jung aprendeu muito de Psicologia com Filemon.

O que se deve lembrar, nesse caso, é que estamos, o tempo todo falando de espíritos (encarnados ou desencarnados) mesmo quando falamos de nós mesmos. Assim, uma simples vista d’olhos em nosso

redor mostra-nos com incrível abundância de exemplos, que há pessoas com grande saber (claro, dentro da relatividade do conhecimento humano) ao lado de muitas outras ignorantes e desinteressadas em aprender alguma coisa; ora, se essas pessoas deixam a vida material no estado evolutivo em que se encontram, tanto poderão nos ensinar como conosco aprender, quando entram em contato com o plano encarnado.

O que, de fato, Jung pretende com esta argumentação? Do nosso ponto de vista, ele não está discutindo quem tem mais saber os mortos ou os vivos. O que ele está dizendo nas entrelinhas é que a manifestação de espíritos desencarnados, assim como os sonhos que temos com eles, nos levam a uma única conclusão: não há vida depois da morte. Todos esses fatos são apenas projeções do inconsciente e nada além disto.

Uma coisa que nos chama a atenção e nos deixa verdadeiramente surpresos, é a quantidade de casos mediúnicos que aconteceram na obra de Jung e de modo particular, em sua autobiografia. Como uma pessoa que passou por experiências realmente desafiadoras e inexplicáveis pelo conhecimento psicológico tradicional, pode continuar descrente da vida espiritual e de suas conseqüências. Em realidade, alguns desses casos abalaram as convicções materialistas de Jung, mas apenas abalaram. Vamos a um caso destes.

Jung havia perdido um amigo e, na noite seguinte ao sepultamento, sentido com o episódio doloroso, estava deitado em sua cama, mas não conseguia dormir. Em um certo momento, Jung diz ter tido a clara impressão de que o seu amigo desencarnado estava em seu quarto, aos pés de sua cama, e pedia que fosse com ele a algum lugar.

Jung toma o fenômeno, não como uma realidade objetiva, mas como uma fantasia criada, naturalmente, por seu inconsciente. Entretanto, por honestidade para consigo mesmo, foi obrigado a se perguntar: que provas tenho para afirmar que isso é uma fantasia? E se não for? Contudo, não podia deixar de pensar que não seria uma fantasia. Resolve, assim, aceitar o fato como uma aparição real para ver onde iria dar tudo aquilo. Enquanto pensava, imerso em suas dúvidas, o espírito se encaminhou para a porta, fazendo um sinal para que ele o seguisse. Jung confessa que o seguiu em imaginação.

Os dois saem do quarto e da casa, passando pelo jardim, chegam à rua caminhando na direção da casa do amigo desencarnado. O psicólogo entra na casa, acompanhado pelo espírito. No interior da habitação, o amigo o leva para seu escritório onde, subindo em um tamborete, indicou a Jung um livro encadernado de vermelho, segundo livro de uma série de cinco. Os livros não estavam muito alto, mas na segunda prateleira. Assim que Jung localizou o livro, o espírito desapareceu. Jung explica que jamais havia entrado na casa de seu amigo e desconhecia por completo os livros que ele possuía, muito menos o que ele havia indicado. De onde estava, não havia conseguido ler o título do segundo livro da coleção encadernada de vermelho.

Vamos lembrar que Jung se refere ao fato de que havia seguido o seu amigo em imaginação, isto equivale dizer, fora de eu corpo material, mas projetado em seu corpo espiritual. Assim, esse evento teve para ele o valor de um sonho. Quando ele acordou pela manhã, preocupado com o que acontecera à noite, foi à casa de seu amigo e pediu à viúva dele para entrar na biblioteca do finado a fim de fazer uma verificação. A mulher permitiu sem maiores dificuldades.

Ao entrar na Biblioteca, notou que ali estava o tamborete no lugar exato em que ele o havia visto no sonho. E, ainda da porta, viu os cinco livros encadernados de vermelho. Examinou os volumes e percebeu que se tratava de traduções de romances franceses do escrito naturalista Emilio Zola e o título

do segundo livro (o livro que havia sido indicado pelo amigo desencarnado) era O Legado de Uma Morta. Jung achou o título do livro muito sugestivo, mais do que isso, diríamos nós, revelador.

Não há como evitar a conclusão de que o amigo morto veio até Jung para lhe dizer, com toda a clareza, que a vida continua e que ele estava tão vivo quanto o próprio Jung. Só um espírito demasiadamente sectarista não chegaria a esta mesma conclusão, pelo menos como hipótese bastante convincente e dificilmente refutável. Seria pertinente lembrar que, ao contar este caso, não faz nenhum tipo de comentário explicativo. Age como se não tivesse o que dizer para não dizer o que não queria: a vida não acaba com a morte do corpo físico e eu tenho provas muito concretas do que estou dizendo.

As coisas, contudo, não ficam por aqui. Houve um outro fato que ele conta em suas memórias e nós temos o dever de registrar aqui. Esse fato se deu algum tempo antes do desencarne de sua mãe, Emilie Jung. Em 1922, Jung teve um sonho com seu pai. No sonho, o antigo pastor parecia mais jovem e estava ao lado do filho na biblioteca. Estava tranqüilo e não se comportava com a antiga autoridade paterna. Jung sentia-se muito feliz ao lado dele. Desejava mostrar que ele havia se tornado um homem feito, casado e tido filhos. Teve vontade de falar a Aquiles Jung a respeito do livro que havia publicado sob o título *Tipos Psicológicos*, entretanto, desistiu de falar porque a expressão de seu pai era a de uma pessoa muito preocupada, como se estivesse na expectativa de alguma coisa de grande importância.

Jung se mantém reservado. O pai então, lhe pergunta sobre o que pensava a respeito da psicologia do casamento. Ele se prepara para fazer uma longa explanação sobre o matrimônio, porém, nesse momento, acordou. Ele não compreendeu o significado daquele sonho, mas, quando sua mãe desencarnou cinco meses depois, em janeiro de 1923, compreendeu o sentido do sonho. Imaginou que seu pai viera até ele para prepará-lo em razão do desencarne de sua mãe.

Talvez fosse interessante aproveitar este espaço para verificar o que Jung pensava da reencarnação. Em seu livro *Memórias Sonhos e Reflexões* Jung faz sobre este tema as seguintes considerações:

O problema do karma, assim como o da reencarnação e da metempsicose, ficaram obscuros para mim. Assinalo, com respeito, a profissão de fé indiana em favor da reencarnação. Olhando em torno, no campo da minha experiência, pergunto a mim mesmo se em algum lugar terá ocorrido algum fato que possa legitimar a reencarnação. É evidente que deixo de lado os testemunhos numerosos daquele que acreditam na reencarnação. Uma crença prova apenas a existência do fenômeno em que se acredita, mas de nenhuma forma a realidade de seu conteúdo. É necessário que esse se revele empiricamente, em si mesmo, para que eu o aceite.

*Até esses últimos anos, embora tivesse tido toda a atenção não cheguei a descobrir absolutamente nada de convincente neste campo. Mais recentemente, observei em mim mesmo uma série de sonhos que, com toda a probabilidade, descrevem o processo da reencarnação de um morto de minhas relações. Era mesmo possível seguir, como uma possibilidade, não totalmente negligenciável, certos aspectos dessa encarnação até a realidade empírica. Porém, como nunca mais tive a oportunidade de encontrar ou tomar conhecimento de algo semelhante, fiquei sem a menor chance de estabelecer uma comparação. Minha posição é, pois subjetiva e isolada. Quero somente mencionar a sua existência, mas não o seu conteúdo. Devo confessar, no entanto, que, a partir desta experiência observo com a maior boa vontade o problema da reencarnação sem, contudo, defender com segurança uma opinião precisa.*¹²¹

Uma leitura mais atenta desse trecho nos mostra, claramente, a sua ambigüidade e imprecisão. Tem-se a impressão de que seu autor não parece disposto a falar com objetividade e franqueza do assunto que está abordando e escolhe um tom reticencioso e mesmo obscuro como se não desejasse se comprometer. Assim, gostaria de fazer um comentário paralelo a essas considerações de Jung. Este comentário diz

respeito a um livro intitulado *The Search For Omm Sety ou seja, a Busca de Omm Sety*. Este livro, publicado em 1987 foi escrito por Jonathan Coot. O tema deste livro é a história fantástica de uma mulher inglês chamada Dorothy Eady que, em 1953, deixou a Inglaterra, mudando-se para o Egito. O que moveu o comportamento desta mulher? Uma longa história de lembranças de outras vidas. Dorothy, desde bem menina, demonstrou um forte sentimento de amor pelo Egito e pelas coisas da cultura do Vale do Nilo. Assim, aos 49 anos, não suportando mais a saudade do país em que vivera mais de uma de suas vidas passadas, ela se muda para o Egito com armas e bagagens e resolve assumir a personalidade de Omm Sety, nome que tivera no Egito do tempo de Ramsés II.

No último capítulo desse livro, intitulado *Reflexões e Conversações*, o autor coloca um personagem real chamado Erlo van Weaveren¹²² que havia sido analisado por Jung e participado do círculo fechado onde o fundador da Psicologia Analítica costumava fazer conferências e palestras. Segundo Erlo, Jung acreditava sem muitas reservas na reencarnação e, certo dia, em conversa com ele, isso teria ficado muito claro; entretanto Emma, a esposa de Jung, pediu a Erlo que guardasse segredo sobre aquela informação, pois não era ainda tempo de revela-la ao grande público.

Esse tipo de informação nos leva a crer que Jung mantinha uma vida dupla do ponto de vista intelectual. Eu seus livros, palestras, seminários e conferências, parece-nos cauteloso e acadêmico, evitando assumir posições mais definidas a respeito de matérias como mediunidade e reencarnação; entretanto, na intimidade, agia e pensava de outro modo. Apenas isso justifica a atitude de Emma Jung impedindo que Erlo tornasse público o que havia ouvido de seu marido.

¹¹⁶ Jung. Op. cit. p. 261

¹¹⁷ Jung. Op. cit. p. 261

¹¹⁸ Jugo p. cit. p. 263

¹¹⁹ Note-se que Jung colocou entre aspas a expressão espírito dos mortos.

¹²⁰ Jung. Op. cit. p. 267.

¹²¹ Jung. Op. cit. p. 276


¹²² Recomendamos a leitura da obra *As Sete Vidas de Fénelon* de Hermínio Correia de Miranda, Editora Lachatre onde o autor analisa de forma brilhante as regressões espontâneas a outras existências de Erlo Van Weaveren, psicanalista holandês residente em Nova Iorque, discípulo e amigo pessoal de Jung. Nota do Editor



CAPÍTULO XVI



O TESTEMUNHO DE JUNG
SOBRE A EXISTÊNCIA DE
ESPÍRITOS DESENCARNADOS



O leitor, que nos vem acompanhando ao longo deste livro, poderia nos perguntar se Jung acreditava ou não na existência de espíritos fora do corpo e, por conseqüência na vida espiritual no sentido espírita desta expressão. É também provável que o nosso leitor, principalmente o que possui formação espírita, esteja se perguntado: será possível que um homem que passou por tantas e tão notáveis experiências, ditas paranormais ou mediúnicas, tenha chegado ao fim de sua vida inteiramente cético com respeito a existência de espíritos?

Essa questão já foi respondida no capítulo anterior quando tratamos da vida depois da morte. Este capítulo, portanto, é apenas um reforço do capítulo passado e, para escrevê-lo, nos valem de um trabalho de Jung cujo título sugestivo *Fundamentos Psicológico da Crença em Espíritos*. Este texto foi escrito para uma conferência pronunciada na Britsch Society for Psychical Reserach (Sociedade Britânica para Estudos Psíquicos) em Londres no ano de 1919.

Jung inicia o seu trabalho lembrando que a crença em seres incorpóreos, que vivem nos sonhos dos homens, influenciando-o de algum modo é muito antiga. Todos os povos, em todos os tempos e lugares, tiveram este tipo de crença e muitos admitiram que esses espíritos eram almas de pessoas mortas. O Racionalismo iluminista, entretanto, vinha, há muito tempo, combatendo essa idéia, embora não conseguisse erradicá-la por completo da mente dos homens.

Jung chama a atenção para o fato de que a crença dos espíritos não se restringe aos camponeses e às pessoas incultas. Também em cidades importantes como Londres, Paris, Nova Iorque, há pessoas que acreditam nesse tipo de fenômeno. E o que mais o intrigava era saber que homens de ciência como William James, William Crooks, Zolner, Lombroso entre muitos outros, tem se dedicado a estudar determinados médiuns e parecem acreditar que existe vida depois da morte. Jung ressalta que essas pessoas, mesmo sofrendo críticas de seus pares e se discordam dele em razão do objeto de seu interesse intelectual, tais qualidades não atingem as qualidades morais e intelectuais desses homens, muito pelo contrário, “a teimosia deles” denota um caráter forte que não abre mão de suas convicções. Jung admira-se ainda, que tais homens pudessem ter tido a coragem de o seu nome e suas carreiras, defendendo, destemerosamente, pontos de vista condenados pelos meios acadêmicos.

Depois de fazer algumas considerações sobre a psicologia dos primitivos e a sua facilidade de crer nos espíritos, Jung começa a discutir os fundamentos deste tipo de crença. Usa então um argumento muito batido: os sonhos. Ele defende a tese bastante difundida. De que os primitivos confundem sonho com realidade. Dá como exemplo, o fato de que pessoas sonham com amigos e parentes falecidos e, por ingenuidade, tomam esses sonhos por verdade.

Leiamos o texto de C. G. Jung:

Uma das principais fontes da crença em espíritos é o sonho. Nos sonhos aparecem pessoas, muito frequentemente, como protagonistas e a consciência primitiva acredita facilmente que se trata realmente de espíritos. É sabido que certos sonhos têm um valor infinitamente maior para um primitivo do que para um civilizado. Ele, não somente, fala muitas vezes, de seus sonhos como também lhes atribui grande importância, de sorte que, frequentemente, o primitivo é incapaz de distingui-lo da realidade.

Os sonhos, em geral, não possuem valor para o civilizado, contudo, entre esses, indivíduos que dão grande importância a determinados sonhos, justamente em virtude de seu caráter estranho e impressionante. Esta particularidade confere certa plausibilidade à opinião de que esses sonhos são inspirações. Mas a inspiração implica um inspirador, um espírito, embora pouco se fale dessa conseqüência lógica. Um exemplo bastante ilustrativo, neste sentido é o fato de que muitas vezes, nos sonhos, aparecem figuras de pessoas falecidas. As mentes ingênuas acreditam, facilmente, que são as

A segunda crença nos espíritos dos mortos são as doenças psicógenas ou distúrbios nervosos de fundo histérico, muito comum entre os povos primitivos. Grande número de selvagens acredita que muitas doenças físicas e psicológicas são motivadas por espíritos de pessoas desencarnadas. Estes primitivos parecem crer, firmemente, que os seus mortos continuam a viver, espiritualmente, em algum lugar de onde podem vir interferir na vida dos vivos, provocando-lhes certos tipos de enfermidades, daí a necessidade de se criar um culto dos mortos a fim de mantê-los no lugar que lhe é próprio.

Naturalmente, continua Jung, as doenças mentais propriamente ditas são também causas para que se acredite em espíritos e para sustentar a idéia de que eles podem aparecer aos vivos. As esquizofrenias provocam alucinações auditivas e visuais que as pessoas tomam como atuação de espírito sem imaginarem que as suas doenças são, em verdade, produtos de sua própria atividade psíquica. Não existem, portanto, segundo Jung, espíritos de mortos que se manifestem aos vivos em determinadas circunstâncias ou por meio da atividade mediúnica.

Se não existem espíritos, podemos perguntar: por que as pessoas, inclusive o próprio Jung, dizem ter visto espíritos de pessoas desencarnadas em sonhos ou mesmo em vigília. Ele responde sem titubear:

O que as pessoas vem e julgam ser espíritos é apenas a exteriorização de complexos. Os complexos ou centros da alma carregados de afetividade podem ganhar certa autonomia e se manifestarem como espíritos. Para explicar melhor a sua teoria dos complexos, como verdadeira causa das manifestações mediúnicas, Jung usa o caso de Saulo de Tarso. Como se sabe, Saulo de Tarso, um fariseu emperdenido, perseguido de cristãos, teria se encontrado com Jesus na estrada para Damasco a fim de reprimir um núcleo cristão lá existente. Segundo o *Livro dos Atos* (At. IX-1-19) foi esta visão que converteu Saulo ao Cristianismo e a sua transformação, com o nome de Paulo, em o apóstolo dos gentios.

Jung explicou este episódio do modo seguinte:

Saulo já era inconscientemente cristão desde muito tempo, isto explica o seu ódio fanático contra os seguidores do Cristo porque o fanatismo se encontra sempre naqueles indivíduos que procuram reprimir uma dúvida secreta. A aparição do Cristo na estrada de Damasco assinala apenas o momento em que o complexo inconsciente de Cristo associa-se ao eu de Saulo.

O fato de o Cristo ter aparecido, então, de modo quase objetivo como uma visão se explica pela circunstância de que o Cristianismo de Saulo era um complexo inconsciente. Por isso é que esse complexo lhe aparecia na forma de uma projeção como se não pertencesse a ele próprio. Ele não podia ver a si mesmo como cristão. Por isso, ficou cego como uma conseqüência de sua resistência a Cristo e só poderia ser curado de novo por um cristão.

*Sabe-se, por experiência que a cegueira psicógena em uma questão é sempre uma recusa (inconsciente) de ver. No caso de Saulo, esta atitude corresponde a uma resistência fanática ao Cristianismo. Esta tendência, como nos mostram as Escrituras, nunca desaparecem, inteiramente, em Saulo; ela irrompia, ocasionalmente, sob a forma de acessos errônea, antes explicado como epilepsia. Estes acessos corresponde a um retorno subitâneo do complexo de Saulo, complexo que se dissociou com a conversão, como acontecera com o complexo cristão.*¹²⁴

É, de fato, muito estranha essa teoria sobre a extrojeção de complexos. O mais interessante, de nosso ponto de vista, é o fato de que ela não resiste aos próprios fatos. O próprio Jung por meio dessa teoria não explicaria metade dos fatos ocorridos com ele mesmo. O que mais nos impressiona quando se lê certos textos que procuram reduzir os fenômenos mediúnicos, reduzindo o espiritual ao material é que a explicação nos parece mais impossível do que aquilo que ela pretende aclarar. Admitir que a vida continua, que o espírito é imortal e que pode manifestar aos encarnados, que, em verdade, são espíritos como ele, é mais simples do que aceitar que as nossas emoções possam tomar forma, materializarem-se,

conversar, fazer revelações, escrever poemas e romances, consolar parentes e amigos que tem provas irrefutáveis de que se trata de um ente querido que retorna, e realiza um grande número de ventos no Mundo Material.

Para Jung, entretanto, fica inteiramente explicada a crença nos espíritos por meio da projeção dos complexos inconscientes. Seguindo este mesmo tipo de raciocínio, Jung chega a uma definição de espírito de um ponto de vista psicológico. Assim, para ele, *os espíritos nada mais são do que complexos inconscientes e autônomos que aparecem na forma de projeção porque, em geral, não possuem a menor relação com o Eu ou consciência.*

A bem da verdade, é bom que se lembre que Jung tem o cuidado de deixar claro que não descarta a existência dos espíritos (ele continua acendendo uma vela para Deus e outra para o diabo); o que ele quer dizer é que não conhece um único modo de provar de maneira cabal e insofismável a existência real dos espíritos. Assim, enquanto esta prova não se faz, deve-se, insiste Jung, ficar com a explicação psicológica e, nesse caso, a dele (a dos complexos extrojados) que é melhor do que outras do mesmo tipo. Seria interessante, é nosso ponto de vista, concluir este capítulo com um texto de Jung sobre a sua crença nos espíritos:

*Quanto aos fenômenos parapsicológicos, parece-me que, via de regra, encontram-se ligados à presença de um médium. Eles são, pelo menos até onde a minha experiência alcança, efeitos exteriorizados de complexos inconscientes. Estou realmente convencido de que se trata de exteriorização. Observei, repetidamente, os efeitos telepáticos de complexos inconscientes, e também uma série de fenômenos parapsicológicos. Mas não posso ver em tudo isso uma prova da existência dos espíritos reais; e até que surja uma prova irrefutável, devemos considerar o domínio desses fenômenos como um capítulo à parte da Psicologia. Creio que a ciência deve impor esta restrição a si mesma.*¹²⁵

¹²³ Jung, A Natureza da Psique. P. 243.

¹²⁴ Jung. Op. cit. p. 247

¹²⁵ Jung. Op. cit. pág 258



PALAVRAS FINAIS



Jung deixou esta vida no dia 16 de junho de 1961. Estava com oitenta e seis anos. Fora uma longa vida dedicada ao conhecimento da alma humana. Segundo o seu projeto, procurou mergulhar ao máximo que lhe foi possível no mundo interior dos seres humanos. Viu muitas coisas espantosas que ele não soube ou não quis significar corretamente. Aparentemente deu a impressão de que era uma pessoa excessivamente escrupulosa e honesta que procurou não defender pontos de vistas sobre os quais não tinha certeza; entretanto, de nosso modo de ver, faltou-lhe coragem, a coragem de William James, Crookes, Lombroso, Delanne, Conan Doyle, Friedrich Myers, O Paul Gibier e tantos outros, para defender posições contrárias ao pensamento acadêmico rigorosamente materialista.

Em verdade, Jung foi um homem demasiadamente mundano para abrir mão dos ouropéis, dos rapapés e das glórias que esse tipo de espaço costuma oferecer. Nascido, acreditamos com a missão de apontar novos caminhos para a Psicologia, ele contribuiu infelizmente para novos descaminhos. Depois de ser tão advertido pelo Plano Espiritual, tão auxiliado pelos espíritos interessados em que ele levasse a sua tarefa a bom termo, ele preferiu ignorar tudo isso em favor da interpretação materialista. Ele que, no passado, havia considerado os homens de ciência como incapazes de ver os fenômenos ocultos de um ponto de vista desassombrado, caiu no mesmo erro daquele a quem criticou. De todo o jeito, porém, a sua passagem pelo mundo não foi inteiramente em vão, uma vez que ele deixou um espaço aberto para os estudiosos da alma humana decididos a conhecer mais e melhor a nossa dimensão espiritual.

Nosso livro não é, de modo algum, uma crítica ao trabalho de Jung, pois reconhecemos que, se ele não fez o que devia, fez o que podia. Apesar de sua timidez e de seus equívocos, ele deixou uma obra de considerável importância para aqueles que pretendem saber um pouco mais sobre a mediunidade e a reencarnação; nesse sentido, poucos psicólogos, inclusive o próprio Freud foram mais longe que ele.

Em verdade, a Psicologia Analítica tem atraído muitas pessoas para o estudo da espiritualidade e para a utilização de certas técnicas como a da Terapia de vidas Passadas (TVP)¹²⁶ que imprimiram às práticas terapêuticas um novo sentido. Assim, nos parece que a obra de Jung, embora desviada de seus reais objetivos, não deixou de colaborar e não pouco para a descoberta do homem integral, formado por um corpo de carne, um espírito, um perispírito e um espírito imortal que caminha na direção da Grande Luz que Jesus Cristo, em seu evangelho chamou de O Reino de Deus. Por isso, não podemos deixar de ser gratos a esse espírito que na Terra recebeu o nome de Carl Gustav Jung.

¹²⁶ Para um maior conhecimento do assunto, recomendamos a excelente obra de *Terapias de Vidas Passadas e Espiritismo – Distâncias e aproximações*, escrito por Milton Menezes, Leymarie Editora. Notado Editor



BIBLIOGRAFIA



1. Andrew Samuel. Jung e os Junguianos. Rio de Janeiro. Imago 1989.
2. Campbel, Joseph. O Herói de mil Faces. São Paulo. Ed. Cultrix 1987
3. Edinger, Edward F. Ego e Arquétipos. São Paulo Cultrix 1986.
4. Jaffé, Aniela, O Mito do Significado na Obra de Jung. São Paulo Cultrix, 1987.
5. Hoeller Stephen. A Gnose de Jung e Os Sete Sermões aos Mortos. São Paulo Cultrix 1990.
6. Leal, José Carlos. O Universo do Mito. Rio de Janeiro. Ed. Mil Folhas. 1995.
7. Robertson, Robin. Guia Prático da Psicologia Junguiana. São Paulo Cultrix 1992.
8. Stor, Anthony As Idéias de Jung. São Paulo Cultrix 1991.
9. Sharp Daril Tipos de Personalidade. São Paulo Cultrix 1987.
10. Grinberg, Luiz Paulo. Jung, o Homem Criativo. São Paulo RTD 1997.
11. Schulz & Schultz História da Psicologia Moderna. São Paulo. Cultrix 1998.
12. Jung C. G. Memórias, Sonhos e Reflexões. Rio de Janeiro, Nova Fronteira 1963.
13. _____ Os Tipos Psicológicos. Rio de Janeiro. Ed Guanabara 1961.
14. _____ Psicologia e Alquimia. Rio de Janeiro, Vozes 199º.
15. _____ A Natureza da Psique. Rio de Janeiro. Ed. Vozes 1990.
16. Franz, Marie Louisie von Jung seus Mitos em Nossa época. São Paulo, Cultrix 1992.
17. _____ A Sombra e o Mal nos Contos de Fada. São Paulo Ed, Cultrix 1992.
18. MacGuirre & Hull Jung Entrevistas e Encontros. São Paulo. Cultrix 1990.
19. Woolger Roger J. Other Lives, Other Selves. London Bantam books, 1987.
20. Maclynn Frank. Carl Gustav Jung: uma biografia. Rio de Janeiro, Record 1997.



EDUCANDÁRIO LAR DE FREI LUIZ
2015